

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – PPGMS

PABLO CERMEÑO MENDONÇA KASCHNER

QUANDO O RISO VIRA RISCO:

o humor e suas (im)possibilidades

2021

PABLO CERMEÑO MENDONÇA KASCHNER

QUANDO O RISO VIRA RISCO:
o humor e suas (im)possibilidades

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS – UNIRIO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Orientador: Prof. Ricardo Salztrager

Rio de Janeiro

2021

Kaschner, Pablo Cermeño Mendonça.

Quando o Riso Vira Risco / Pablo Cermeño Mendonça Kaschner.
Rio de Janeiro, 2021.

x, 143 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (Mestre em Memória Social) –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

Orientador: Ricardo Salztrager.

1. Humor. 2. Humorismo. 3. Memória Social. 4. Dissertação. 5.
Liberdade de expressão. 6. Politicamente correto. 7. Temperança. I.
Salztrager, Ricardo (Orient.). II. Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Memória Social..
III. Título.

Pablo Cermeño Mendonça Kaschner

QUANDO O RISO VIRA RISCO:
o humor e suas (im)possibilidades

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS – UNIRIO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Rio de Janeiro, de agosto de 2021.

- Orientador

Prof. Dr. Ricardo Salztrager, PPGMS/UNIRIO

Prof^ª. Dr. Elias Thomé Saliba, FFLCH/USP

Prof. Dr. Leonardo Ramos Munk Machado, CLA/UNIRIO

Dedico este trabalho a todos que fizeram do riso um guia,
humoristas profissionais ou amadores.

AGRADECIMENTOS

Stella Maris, pela gestação da minha vida

Ricardo Salztrager, pela gestação da minha dissertação

Marcio Paschoal, pelo humor de sempre

Juliana Lopes, pelas trocas constantes

Rafael Plaisant, pelas trocas constantes

(não no mesmo sentido)

Flávio Soares de Barros, pelos esclarecimentos (!) sobre a Dinamarca

Helio de La Peña, pela parceria

“Nada descreve melhor o caráter dos homens
do que aquilo que eles acham ridículo”

Goethe

“O humor é tudo, até engraçado”

Chico Anysio

KASCHNER, Pablo Cermeño Mendonça. **Quando o Riso vira Risco: o humor e suas (im)possibilidades**. / Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS – UNIRIO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Memória Social. 2021.

O trabalho traz a discussão sobre os limites do fazer humorístico a partir sobretudo de dois de casos malssucedidos, em que o humor – que supostamente serviria a aliviar tensões sociais – acabou por acirrar ainda mais tais tensões, chegando mesmo a deflagrar conflitos belicosos. Um caso de repercussão internacional – as charges do Profeta Maomé que acabaram por desembocar no fatídico massacre do Charlie Hebdo – e outro de ampla reverberação midiática em terras braisleiras: o especial de Natal do coletivo humorístico Porta dos Fundos. Partindo de um breve panorama do riso ao longo da história ocidental – da Antiguidade Grega aos dias atuais, passando pela Idade Média e pelo Renascimento – traz-se, em seguida, as relações historicamente controversas entre riso e religião, além de se discutir questões como politicamente incorreto e liberdade de expressão. Em seguida, invoca-se a visão psicanalítica sobre o riso, para, finalmente, se propor, a partir do conceito foucaultiano do cuidado de si, a temperança como atitude ética do comediante em seu ofício.

ABSTRACT

KASCHNER, Pablo Cermeño Mendonça. **Quando o Riso vira Risco: o humor e suas (im)possibilidades.** / Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS – UNIRIO), como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Memória Social. 2021.

The work discusses the limits of humorous making based on two unsuccessful cases, in which humor – which supposedly served to alleviate social tensions – ended up inciting even more such tensions, even triggering bellicose conflicts. A case of international repercussion – the cartoons of the Prophet Mohammed that ended up leading to the fateful Charlie Hebdo massacre – and another one with wide media reverberation in Brazilian lands: the Christmas special by the humorous collective Porta dos Fundos. Starting from a brief overview of laughter throughout Western history – from Greek Antiquity to the present day, passing through the Middle Ages and the Renaissance – it then brings up the historically controversial relationships between laughter and religion, in addition to discussing issues such as politically incorrect and freedom of expression. Then, the psychoanalytical view of laughter is invoked, to finally propose, from Foucault's concept of self-care, temperance as an ethical attitude of the comedian in his profession.

O SANTO SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. Irrisória história derrisória – O RISO AO LONGO DOS SÉCULOS

- 1.1 – Humor, o mór: Funções e disfunções do riso
- 1.2 – Pelo humor de Zeus: O riso dos gregos
- 1.3 – O riso na Idade (co)Média
- 1.4 – Renascimento do humor: O Riso na Renascença
- 1.5 – Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes: Rir, hoje

2. Com a graça de Deus – A RELAÇÃO (NEM SEMPRE CONSENSUAL) ENTRE HUMOR E RELIGIÃO

- 2.1 – Cruz... credo: O riso e a tradição católica
- 2.2 – Humor à la Alá: O que o islã pensa do riso
- 2.3 – Eu rio sim, estou vivendo. Tem gente que não ri e está matando: Humor e fanatismo religioso

3. Quem ri do que quer, ouve o que não quer – CASES DE INSUCESSO

- 3.1 – Charge: muito mais que um chocolate da Nestlé
- 3.2 – Há algo de podre no reino da Dinamarca: As charges de Maomé no *Jyllands-Posten*
- 3.3 – O humor nos tempos da cólera: As charges de Maomé no *Charlie Hebdo*
- 3.4 – Pé no Porta: Yes, nós temos bananas (talvez de dinamite)

4. Quem suportaria os açoites e os escárnios deste tempo? – LIBERDADE DE EXPRESSÃO E POLITICAMENTE CORRETO

- 4.1 – “No limite” ou “No limits”? O politicamente correto é incorreto?
- 4.2 – O sagrado direito de ir e rir: Liberdade, ainda que irrestrita?

5. O que acontece quando o humor se olha no espelho? – UMA REFLEXÃO

- 5.1 – Não Freud nem sai de cima?: A visão do pai da psicanálise sobre o riso
- 5.2 – Cuidado de si como *ethos* do humorista: solução para se evitar conflitos ou censura travestida de “bom senso”?
- 5.3 – Take it easy my brother Charlie Hebdo: A temperança como tempero

6. Humor: benigno? – CONSIDERAÇÕES FINAIS

PIADA A UMA HORA DESSAS? – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“O homem é o único animal que ri e chora,
porque é o único que se impressiona com a diferença que há
entre o que é e o que devia ser”

William Hazlitt

“O homem é o único animal que ri. E é rindo que ele mostra o animal que é”

Millôr Fernandes

1. INTRODUÇÃO

Humor sempre foi algo que me atraiu. Quem conta o caso é minha mãe: tinha eu meus cinco, seis anos e brincava com uma criancinha que dava seus primeiros passos. Estávamos na praia e os tais passos, como só podia ser com alguém que mal aprendera a andar, eram cambaleantes. O pequeno, entretanto, parecia determinado a conseguir caminhar com as próprias pernas, algo com o que eu não parecia exatamente enternecido, muito ao contrário. Minha diversão era, com um levíssimo toque, tão somente um encostar de dedo indicador, fazer com que o pequerrucho se desequilibrasse e caísse sentado na areia. Pacientemente, ele se levantava – sem choro, pois havia uma certa cumplicidade na brincadeira (ou simplesmente ele ignorava o que estava acontecendo) – e eu, na travessura mais infantil, encostava o dedo e... zás!, outra queda. E assim sucessivamente, tanto quanto meu espírito zombeteiro permitisse. Maldade? Não diria. Crueldade? Um pouco, talvez. Ainda assim, arriscaria algo mais ameno: mera traquinagem. A criança que nunca aprontou as suas que atire o primeiro giz; quem nunca foi palhaço, que atire a primeira torta.

O tempo passou, eu cresci e amadureci, mas não é tão raro me pegar sorrindo enviesado por alguma peraltice da idade madura. Outro dia mesmo, me divertia horrores com uma peça pregada em minha mãe: encaminhei para ela uma piada de Whatsapp que dizia sobre velhinhos que tocavam insistentemente na tela de um celular. No fim da mensagem, em negrito apareciam as palavras “Ler mais”. Ela, então, me mandou áudio dizendo que estava clicando na mensagem, mas não conseguia ler o resto da piada. Ou seja: claramente não tinha entendido a piada metalinguística. O que eu fiz? Expliquei para ela a piada? Não. Encaminhei novamente a mensagem. E novo áudio dela. Assim fiz por alguns dias sucessivos. A cada áudio, ela mais se irritava e eu mais me divertia.

Cheguei a compartilhar seus áudios em um grupo de amigos. Todos me recriminaram. Mas também riram.

Resumo da ópera (bufa): continuo com um diabinho sacana achando a maior graça no erro dos outros e um anjinho autocrítico que chega a se divertir com os meus. Entre eles, um Deus bufão sorri ternamente, pois reconhece o ridículo que somos, todos. Algo me diz que irei com eles e Ele até a última gozada. No bom sentido, naturalmente. E, marxista que sou, faço minhas as palavras de Groucho: quem não tem rugas ainda não riu o suficiente.

Foi ninguém menos que Luis Fernando Veríssimo quem me fez decidir pelo tema deste trabalho. Queria – por experiência de meu trabalho acadêmico anterior (KASCHNER, P., 2006), que acabou se tornando um livro, escrever sobre algo que fosse de interesse público e, conseqüentemente, que o assunto transpassasse os muros da universidade, “inundando” a sociedade com um pouco do saber acadêmico, estabelecendo com ela um diálogo construtivo para ambos os lados. Em termos práticos, pretendia que meu estudo se transformasse em outra publicação. Sabia que o assunto era rico. Mas, não sei por que cargas d’água, precisava do aval de alguém gabaritado (só não precisava ser de um monstro como Veríssimo). Foi quando assisti a uma palestra do “gigolô das palavras”, como ele próprio já se intitulou. Citando como exemplo o caso das charges de Maomé, perguntei a ele quais seriam, se é que existiam, limites para o humor. Veríssimo respondeu-me que não deveriam existir limites, e que mesmo piadas de “mau gosto” deveriam ter o direito de existir. Ao final de sua explanação, no entanto, admitiu – humildemente, e sempre com o senso de humor e autoderrisão que lhes são característicos – não saber se havia respondido à minha pergunta. “Um bom indício”, pensei.

Após a palestra, pedi a ele um autógrafo. Antes de assinar um velho exemplar de “O Analista de Bagé”, ele parabenizou-me: “Muito boa a sua pergunta!” Era a senha. O aval estava dado. E não poderia ser de alguém melhor.

Muito embora glorioso, aquele foi tão somente o momento em que o tema se confirmou para mim. O estalo para a ideia, no entanto, viera antes, bem antes, em uma passagem corriqueira. Ao contar uma piada de humor negro para um colega, notei que

ele, além de não rir do chiste, mostrou-se um tanto quanto incomodado. De imediato, pensei que a piada havia sido mal recebida devido à pouca “presença de espírito” de meu interlocutor. Posteriormente, inteirei-me de que um ente querido daquele colega havia sofrido com a doença da qual a anedota escarnecia. Coloquei-me em seu lugar (o bom e velho exercício de outrar-se, fundamental, em se tratando de humor) e conclui o que a sabedoria popular já sabe faz tempo: pimenta nos olhos dos outros é refresco. Em seguida, ponderei com meus botões: quer dizer, então, que não se deve mais fazer piada? Só o politicamente correto pode ser dito? E prossegui nas elucubrações, tal qual um humorista em crise existencial: o humor não seria uma forma de sublimar a desgraça por meio da graça?; não seria inerente ao humor uma certa dose de agressividade?; algo que se propõe a desconstrair poderia gerar uma tensão ainda maior?; a gargalhada poderia virar um tiro e, pior, sair, tragicamente, pela culatra?; qual o tênue limite em que o riso passa a representar um risco?

Olhando-me no espelho, veio a reflexão, e nem poderia ser diferente, sobre os limites do humor. E minha primeira constatação era a de que existiam mais coisas entre a piada e a risada do que julga a nossa vã filosofia. Definitivamente, valia a pena levar o humor a sério e a desenvolver este trabalho.

A discussão frequentemente volta à tona, seja quando um comediante publica uma piada sobre o holocausto, seja numa conversa de Whatsapp, em que um meme ou uma gracinha não é bem recebida por quem está do outro lado. Esta é a certeza de que o tema, longe de se esgotar, está sempre se “reinventando”, ainda que esconda, sob a carcaça que porventura tenha, preconceitos antigos e arraigados. Continua atual e tende a se perpetuar, sempre que um novo caso acontece e um conflito aparece. Estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, o riso resiste, e esconde seu mistério.

Então, mãos à obra (que neste caso é literária) e desculpem-me, de antemão, se às vezes brinco com as palavras; há quem enxergue como defesa de alguém que não quer se expor completamente; eu digo tratar-se de um recurso para driblar a sisudez incomunicante que muitas vezes se vê por aí nos trabalhos acadêmicos. Para mim, humor é mais que sintoma, é filosofia de vida. Será sempre pedra de toque, paixão timoneira, modo de ver e viver.

Se, como diz o dito popular, “recordar é viver”, buscar assentar as bases de uma memória social do humor pode se configurar como poderoso antídoto para, se não encontrar encontrar a maneira perfeita de se fazer humor – o que seria até anticlimático, uma vez que há graça nesta busca, assim como há graça na imperfeição – ao menos para nos poupar de vazias e repetitivas discussões sobre os malfadados “limites do humor”, tema tão evitado por comediantes quanto a piada sem graça. Se não morre-se de rir, que pelo menos não se morra de tédio. O esforço de memória, nos traz o historiador Jean-Pierre Vernant, permitiria ensinar quem somos, conhecer nossa *psyché* (VERNANT, 1990, p. 152). “Ao encontrar a lembrança de toda a série das suas existências anteriores e dos erros que cometeu, o homem pode conseguir pagar inteiramente o preço das suas injustiças e com isso encerrar o ciclo do seu destino individual” (VERNANT, 1990, p. 154).

Muito já se falou sobre o humor, por mais complexa e ingrata que seja a tarefa de defini-lo, teorizá-lo, estabelecer suas causas e efeitos, suas técnicas de construção/destruição, ou, ainda, de desconstrução. Estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, o riso resiste, e esconde seu mistério.

A palavra “humor” está relacionada à saúde. Ou, pelo menos, já esteve. Durante mais de dois milênios – mais precisamente entre os séculos IV a.C. e XVII – a teoria humoral (ou teoria dos temperamentos) foi a principal base lógica para se explicar racionalmente a saúde e a doença. Hipócrates, grande médico da Antiguidade, distinguia quatro fluidos corporais no corpo humano, quatro “humores”: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Mais tarde, já no século II da era cristã, com Galeno, célebre médico grego que viveu em Roma, a teoria humoral se desenvolveu: a pessoa saudável seria aquela em cujo organismo os quatro líquidos estivessem em equilíbrio. Ou seja, este seria o indivíduo “bem-humorado”. Por oposição, as doenças seriam causadas por um desequilíbrio entre os humores. Ainda de acordo com esta teoria, a relação quantitativa entre estes líquidos em cada organismo seria responsável pelas diferenças de temperamentos de um indivíduo para outro, dentro de quatro grandes categorias: seres sanguíneos, fleumáticos, coléricos ou melancólicos.

Ainda que esta seja uma teoria já considerada ultrapassada para os parâmetros atuais em estudos mais recentes da medicina e da psicologia modernas, frequentemente algum estudo contemporâneo se utiliza de suas bases, mesmo que atualizando conceitos

ou nomenclaturas. E prova de que esta teoria ainda reverbera até hoje é que a palavra “desopilar” significa, segundo o dicionário Michaelis, “desobstruir, descarregar, aliviar geralmente o fígado, deixando fluir o excesso de bile negra, supostamente causadora do mau humor”¹.

Nesta visão, o riso pode ajudar no processo de cura ou na mudança do comportamento de uma pessoa. Se não cura a dor do corpo, o riso certamente alivia a da alma. A eficácia de tratamentos à base de sessões de risoterapia só comprova o que a provérbio popular já sabe desde tempos imemoriais: rir é o melhor remédio.

É importante notar que há muitas variações na forma de se rir: do riso cotidiano, aquele das pequenas surpresas e simples escapes do dia-a-dia, a um riso mais significativo, que revela mentalidades, há um longo caminho. Um riso – não o mesmo riso – pode denotar agressividade, cortesia, sarcasmo, escárnio... Da mesma forma, pode tomar as formas da ironia fina e do humor sutil, assim como do grotesco. O riso é ambíguo, quiçá “antríguo”. “Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. É isso que faz sua riqueza e fascinação ou, às vezes, seu caráter inquietante” (MINOIS, 2003, p. 16). De um sorriso amarelo que transparece um constrangimento ante uma situação embaraçosa ao riso desbragado de escárnio pela má sorte de alguém que tem a má-sorte de, por exemplo, cair de bunda no chão, há inúmeras formas de o riso manifestar-se. “O riso em todas as direções: maldoso riso sarcástico do fanático, riso gigantesco e ambivalente do rabeleisiano, macarrônico caricatural e lúdico, riso picaresco amargo e mórbido, riso grotesco inquietante, riso burlesco, impertinente, riso humorístico sutil e abusado... o riso explode em mil pedaços.” (MINOIS, 2003, p. 306).

O riso possui um duplo papel de exclusão-coesão. Ao passo que um grupo pode reforçar sua solidariedade através do riso, também pode manifestar sua rejeição, por meio desse mesmo riso, a um elemento estranho. Tal qual a mão, que faz a bomba e o samba, o riso tem o poder de demonstrar cumplicidade e segregação. Às vezes, concomitantemente. É precisamente isto o que acontece quando pessoas reunidas em um grupo escarnecem um elemento externo àquele círculo social. Através da exclusão

1

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OnGL#:~:text=1%20Med%20Desobstruir%2C%20descarregar%2C%20aliviar,supostamente%20causadora%20do%20mau%20humor.>

do *outsider*, o grupo ao mesmo tempo reafirma e reforça seus laços, através de uma gargalhada em uníssono ao fim da piada.

“De pai pra filho, o racismo passa / Em forma de piadas que teriam bem mais graça / Se não fossem o retrato da nossa ignorância / Transmitindo a discriminação desde a infância / E o que as crianças aprendem brincando / É nada mais, nada menos que a estupidez se propagando”, retrata, em forma de crônica musical, o *rapper* Gabriel, o Pensador, na canção “Lavagem Cerebral”. O riso em sua faceta humilhante, através da zombaria unânime, ainda que seja mais digna de riso a estupidez dos ridentes.

Os que riem entre si, geralmente fazem-no às custas de um grupo social, étnico ou religioso. “O riso é, antes de tudo, uma arma, uma vontade deliberada de unir excluindo, um cálculo.” (MINOIS, 2003, p. 44).

Para o filósofo ateu Thomas Hobbes, que analisa o riso a partir do ponto de vista psicológico, social e moral, o riso é uma manifestação de orgulho, vaidade e de desprezo pelos outros. Em *Leviatã*, Hobbes afirma que rir muito dos defeitos dos outros é sinal de pequenez de espírito, já que a marca dos grandes espíritos é ajudar os outros a se libertar do desprezo e comparar-se apenas com os maiores. (MINOIS, 2003, p. 363). O francês Dominique Arnould vai pela mesma linha: “O riso é, em primeiro lugar, uma maneira de afirmar o triunfo sobre o inimigo do qual se escarnece” (MINOIS, 2003, p. 43), escreve em seu trabalho sobre a literatura grega e os relatos de Homero. Rabelais e Voltaire discordam: para o primeiro, todo mundo pode rir; para Voltaire, o mundo é risível. Como se vê, o riso está longe de ser uma unanimidade. Que assim seja.

Tendo em vista toda a discussão aqui introduzida, a proposta do presente trabalho é problematizar a questão do riso e dos limites do humor na sociedade contemporânea. Por um lado, vive-se a patrulha ideológica do politicamente correto; por outro, observa-se um recrudescimento do riso de escárnio e deboche, impulsionado pelo anonimato do mundo virtual, mas que, na esteira da onda conservadora, vem perdendo o receio de mostrar sua(s) face(s). Não se trata de defender qualquer tipo de censura. O objetivo central deste trabalho é ser tão somente um chamado à reflexão, para que a palavra pronunciada – e por “palavra” entende-se em sentido amplo, de mensagem, e, assim, um desenho é também um texto – não se transforme em flecha lançada. E, como

bem diz a sabedoria popular, a palavra pronunciada, a flecha lançada e a oportunidade perdida não voltam atrás. Não percamos, pois, a oportunidade de refletir sobre isso.

A fim de conduzir esta necessária discussão, no primeiro capítulo pincelaremos um panorama do percurso do riso através dos tempos, da Idade Antiga – o riso dos gregos – aos dias atuais, passando pela Idade Média e a Renascença. Com isto, espera-se dimensionar o quanto o riso – para além da multiplicidade de suas manifestações – foi recepcionado de diferentes maneiras – ora bem-quisto, ora demonizado – ao longo da História, ao sabor das idiossincrasias de cada época. O humor (ou a falta dele) está intimamente ligado ao contexto social em que está inserido, ao *zeitgeist*.

Seguindo o percurso do pensamento, no segundo capítulo trataremos da relação entre riso e religião, na esteira da abordagem historiográfica vista no capítulo inicial. Trataremos não só de como as religiões lidam com o humor, mas também como o humor lida com as religiões. Daremos destaque não só à religião católica, ainda predominante no Ocidente, como também à islâmica, tendo em vista que um dos *cases* de destaque neste trabalho diz respeito à uma charge feita com Maomé, profeta máximo dos muçulmanos. Como, no entanto, fanatismo não é privilégio de civilizações orientais, o capítulo é encerrado com um apanhado de casos tupiniquins em que religião e riso se conflitaram, gerando discussões apaixonadas, para usar um termo eufemístico. “Pegar fogo nunca foi atração de circo, mas de qualquer maneira pode ser um caloroso espetáculo”, já dizia a canção de Rita Lee.

E enquanto o palhaço ri dali e o povo chora daqui, o show não para, e no terceiro capítulo veremos com mais profundidade os casos da charge de Maomé, publicadas originalmente por um jornal dinamarquês e republicadas pelo semanário francês Charlie Hebdo, e que acabaram por deflagrar o massacre de conhecimento público. E, trazendo para o nosso quintal – pois também se produz fanatismo “made in Brazil” – abordaremos o caso do ataque à sede da produtora do Porta dos Fundos como retaliação à suposta representação de um Jesus gay no especial de fim de ano do coletivo humorístico.

Como este é um trabalho sério, ainda que por vezes não pareça, no quarto capítulo traremos uma visão jurídica para trabalhar a questão das subjetividades na liberdade de expressão. Nele, se questionará se tudo pode ser dito, além dos

famigerados “limites do humor”, uma pergunta da qual humoristas parecem querer desviar como ateus fogem da cruz. Além de levantar a questão sobre se o politicamente correto é bem-vindo ou não, e se é um caminho sem volta, será analisada a questão da liberdade de expressão à luz do que diz a legislação – brasileira e de outros países.

Finalmente, o quinto e último capítulo traz a abordagem psicanalítica, sobretudo freudiana, sobre o riso. Veremos como o humor pode se prestar a ser um mecanismo psíquico para “driblar” a censura, que tanto pode ser externa como interna, e fazer com que os desejos reprimidos se manifestem, de maneira disfarçada, na consciência. O capítulo resgata, além disso, a visão foucaultiana da arte do cuidado de si como prática da liberdade – a fim de aplicá-la no fazer humorístico. Se não para jogar terra ao assunto – posto que se trata de tema vivo e que sempre ressuscita das catacumbas se alguém tenta enterrá-lo (humor, tô vivo!) – a intenção aqui é indicar um caminho possível para uma ética humorística em que o fazer rir não se choque com o respeito às liberdades individuais de cada ser humano, ainda que isto pareça algo muito difícil – ou mesmo utópico – de ser conseguido. Ainda assim, não se pode abdicar da tentativa do exercício. E de se aprender a cada novo erro. De todo modo, é importante ressaltar que não é a intenção deste trabalho discutir o que pode ou não ser considerado ofensivo, esta seara tão subjetiva quanto polêmica.

Sobre a forma do trabalho, observar-se-á que se buscou não só uma informalidade na linguagem (e, neste sentido, a mesóclise desta frase será a única de todo o texto) como também um viés humorístico na própria redação, estimulado não só porque o assunto mais que admitir, talvez peça, mas também porque é modo de expressão no qual o autor – que aqui se refere na terceira pessoa por pura gaiatice – se sente mais confortável. Talvez por não saber fazer diferente mesmo. A linguagem que tende à informalidade condiz com o tema e perpassa todos os capítulos do estudo. A proposta é, sem abrir mão do rigor acadêmico, que se escreva sobre o humor e com humor. Ou seja, darei-me a liberdade – licença poética, se preferirem – para, aqui e ali, salpicar tiradas humorísticas, como um jogo de palavras ou uma anedota pertinente. Uma linguagem leve que se presta, sobretudo, à comunicação com o interlocutor, evitando termos que podem soar herméticos a um público não habituado à linguagem acadêmica. O que não quer dizer, em absoluto, que os conceitos abordados não possam ser, eventualmente, complexos. O que se propõe é uma interface amigável, que priorize

a comunicação e a leitura agradável. Assim, não se verá neste trabalho, a não ser aqui, palavras como “destarte”, “malgrado” e “outrossim”. Tal ousadia estética poderia ser considerada “inapropriada” para uma proposta acadêmica. Sem querer me defender, mas já o fazendo, devo ressaltar que não é gratuita, e vale, inclusive, como metalinguagem, uma vez que se há algo que pressupõe a irreverência inerente ao humor é certa dose dela: não deixa de ser (a ousadia) uma das premissas do fazer humorístico. O limite que delimita esta mediação, no entanto, é algo sempre tênue e, por vezes, subjetivo. Tanto é que não raramente um humorista anda na contramão (e sem capacete) e a piada, qual um ônibus desenfreado, “passa do ponto”.

Enfim, agora voltando à primeira pessoa, busquei desenvolver um trabalho que possa ultrapassar os muros da Academia, gerando visibilidade a uma discussão atual sobre liberdades individuais e o respeito à alteridade. O esforço de “outrar-se” nos ajudará sempre a constituir uma memória social coletiva que respeite as individualidades.

1. Irrisória história derrisória – O RISO AO LONGO DOS SÉCULOS

“No meu entender, o ser humano tem duas saídas para enfrentar o trágico da existência: o sonho e o riso”

Ariano Suassuna

Ri-se, desde tempos imemoriais. E nem isto desautoriza que seja o riso objeto de estudo de uma dissertação justamente em... memória social. Pode-se rir dos outros, para os outros, com os outros... o fato é que sempre se riu.

Muito já se ventilou sobre o porquê se ri. De Aristóteles a Carlitos; de Freud a Tião Macalé; em robustos ensaios acadêmicos ou levianas conversas de botequim – e o tema permite que não haja qualquer hierarquia de valor entre os dois, se não uma leve vantagem para o segundo, em termos de relevância – o riso já foi exaltado e discutido com a paixão dos embriagados por teóricos e alcoólicos. Ainda assim, nunca se chegou a um denominador comum sobre uma definição universal e conclusiva acerca do humor – quem sabe o erro esteja justamente em buscar uma única resposta? – ou a razão precisa de sua manifestação.

Ora, uma resposta convincente não parece ser tão misteriosa: a alegria é um dos prazeres mais buscados pelo homem. Elementar, meu caro Uóston? Não é bem assim. Sabe-se do por que se ri: em última instância, porque buscamos instintivamente o prazer e evitamos a dor e o sofrimento – o postulado básico do princípio do prazer freudiano. Melhor dizendo: o postulado básico freudiano do princípio do prazer, considerando que neste caso a ordem dos fatores pode alterar o produto. O mistério reside justamente nos meandros até se alcançar a última instância, a da busca pelo prazer: como se dá esse percurso, como se estabelecem as causas e efeitos do riso, e como se desvia das pedras no meio do caminho.

A única certeza parece ser esta: não se trata, a humorologia², de ciência exata. Uma piada pode ter muita graça em um local, enquanto em outro passar absolutamente despercebida; uma anedota pode até deixar de fazer sentido com o passar do tempo, o que rotineiramente acontece com as charges, por exemplo. Um trocadilho pode não ser bem recebido por um professor, mas por um carteiro pode sê-lo. Literalmente. Há certos

² termo cunhado pelo humorista estadunidense Evan Esar, em seu *Esar's Comic Dictionary* (1943)

códigos e componentes sociais envolvidos, toda uma epistemologia, palavra escolhida por puro diletantismo, para conferir a este trabalho um cunho de academicismo que o faça ser minimamente levado a sério. “Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas” (PROPP, 1992, p. 32). Além disso, não há como negar que haja pessoas mais propensas ao riso que outras – e por diversos motivos, que cabem serem analisados individualmente, em suas sessões de terapia, quiçá. Mas é fato que todo adolescente parece suscetível a demonstrações deste tipo, sobretudo se andam em bando.

Mais frutífero, portanto, seria concentrar energias sobre como se riu através dos tempos, na expectativa, ainda que vã, de que isto possa minimamente colaborar na compreensão da própria história do pensamento e do comportamento humano, uma vez que exaltar o riso – ou condená-lo – sugere uma visão de mundo e revela, de maneira cristalina, a mentalidade de uma época, o espírito de um tempo. Isto que alemães e intelectuais garbosos chamam de *zeitgeist* – outro ornamento estético-acadêmico.

Mas se serve como termômetro social (e por não ser uma ciência exata) o próprio “termômetro” precisa ser parametrizado de tempos em tempos. Isto porque o riso se modifica ao longo dos séculos, ao sabor dos costumes da sociedade em que se manifesta. Ora, e por que haveria de ser diferente, se o próprio riso é reflexo de uma sociedade em constante mutação? (ainda que sejam mudanças cíclicas – e o Ouroboros³ de Nietzsche não nos deixa mentir).

Esta “constante impermanência” poderia levar, inclusive, à curiosa situação na qual uma mesma piada pode ser bem ou mal recebida de acordo com variáveis culturais e/ou temporais. Outras vezes, não é tanto o conteúdo o que vai determinar se uma narrativa é engraçada, se “tem piada” – como dizem os lusitanos – ou não: a forma como aquela história é contada pode ser fator muito mais determinante para seu sucesso ou malogro. Basta – em um exercício de imaginação esdrúxulo e absolutamente aleatório – conjecturarmos: um viking escandinavo contaria uma piada da mesma maneira que um lorde inglês de Sheffield?

³ símbolo de uma serpente – ou dragão – que morde a própria cauda. Indica o conceito do “eterno retorno”.

1.1 - Humor, o mór: Funções e disfunções do riso

Uma das principais funções – tanto social como individual – do riso é a de proteção do equilíbrio psíquico. Ao expurgar medos humanos universais, o principal deles, a morte, o riso, senão desfaz, ao menos amaina nossa angústia diante da existência. Não à toa, vários povos produziam risos rituais no instante da morte: “a antiquíssima população da Sardenha possuía o hábito de matar os velhos improdutivos num ritual acompanhado de sonoras risadas; os trogloditas, ao enterrar os mortos, faziam o mesmo, assim como os trácios quando estavam prestes a morrer” (LUNARDELLI, 1996, p. 106).

O fato de o termo “humour” ter aparecido em 1771, na *Encyclopaedia Britannica*, não significa, como poderiam supor alguns filólogos mais tradicionais, que antes da palavra não existisse a coisa em si, e que fôssemos, conseqüentemente, seres carrancudos e sem abertura de espírito para o humor. A visão humorística do mundo é, provavelmente, tão antiga quanto a própria Humanidade, e já alguns filósofos gregos, quem sabe inspirados por Dionísio (leia-se “à base de vinhos e bacanais”), dedicaram-se a analisá-la. Afinal, se a expressão *in vino veritas* (“no vinho, a verdade”) vem fazendo sentido ao longo dos séculos – e já é a segunda vez que se fala em álcool, o que poderia levar a uma (falsa) percepção de que exista alguma relação intrínseca entre humorismo e etilismo – o mesmo se pode dizer do humor, sobretudo quando mais impregnado de uma de suas manifestações, a ironia: ela é uma maneira de dizer verdades com a – esta sim, falsa – aparência de brincadeira.

O nome da publicação onde o vocábulo apareceu pela primeira vez, no entanto, não deixa de servir de bússola a nos guiar se não à terra-natal, pois seria polêmico chamá-la assim, ao menos um berço esplêndido do humor: a Inglaterra. De lá, surgem relatos, desde fins do século XVI, de autores anglicanos que não se furtavam a lançar mão da ironia a fim de ridicularizar as diabruras e superstições da Igreja Católica.

“O humor pode ser dissecado, assim como um sapo, mas o animal morre no processo. Entretanto, o propósito da dissecação não é manter o sapo vivo, mas examinar os órgãos que o mantêm vivo para entendê-lo melhor”.⁴ Ainda que o escritor ganhador do Prêmio Pulitzer de 1978 Elwyn Brooks White tenha razão quando fez a afirmação acima, cabe trazer algumas “dissecações” sobre o humor.

⁴ Tradução livre para a frase publicada em seu livro *Some remarks on humor*.

Se a Inglaterra é celeiro de grandes humoristas – Peter Sellers, Monty Python, Rowan Atkinson para citar alguns, além do mais óbvio Charles Chaplin – e, mais que isso, de uma escola, de uma forma de fazer rir – o “humor britânico” e sua ironia, seu nonsense, sua excentricidade – da França surgem importantes pensadores (de onde mais seria, afinal?) que abordam o humor.

Henri Bergson, com seu ensaio *O Riso*, deu importante contribuição intelectual para o pensamento acerca do tema. Um primeiro aspecto interessante trazido por ele é o de que a comicidade se dirige à inteligência pura. Se alguém se envolve emocionalmente com o fato, não há comédia, e sim comoção. “As personagens da vida real não nos fariam rir se não fôssemos capazes de assistir a suas atitudes como um espetáculo que vemos do alto de nosso camarote” (BERGSON, 2001, p. 101). Para citar o clássico evento da escorregada na casca de banana, se o observador tem alguma relação emocional com o personagem da cena – em último caso, se for ele próprio a escorregar, é menos provável que ria. Ainda assim, há uma máxima, baseada em um aforismo de autoria incerta, que preconiza a seguinte fórmula: comédia = tragédia + tempo. Algo que hoje pode causar sofrimento, amanhã, ou depois, ou daqui a um ano, ou dez, será cômico. O riso requer uma espécie de insensibilidade, e por isso seu maior inimigo é a emoção. “O riso é incompatível com uma grande e autêntica dor. Do mesmo modo, o riso torna-se impossível quando percebemos no próximo um sofrimento verdadeiro”, diz-nos, na mesma linha, o acadêmico soviético Vladímir Propp, para, em seguida, perder um pouco a linha: “Se, apesar disso, alguém ri, sentimos indignação, esse riso atestaria a monstruosidade moral de quem ri” (PROPP, 1992, p. 36).

Destas afirmações, depreende-se que para que algo seja engraçado, é necessário um distanciamento, seja ele temporal ou pessoal. Se a tragédia impacta pela identificação, a comédia cativa pelo afastamento. Neste sentido é que Charles Chaplin sentenciava: “Vista de perto, a vida é uma tragédia; vista de longe, é uma comédia” ou que Mel Brooks categoriza: “Tragédia é quando eu corto o dedo. Comédia é quando você cai em um esgoto a céu aberto e morre”. Corroborando o que os dois anteriores sentenciaram, Will Rogers, humorista dos EUA do início do século XX e candidato nas presidenciais de 1928 sob uma única promessa (“Se for eleito, demito-me”), disse: “Tudo tem graça, desde que aconteça com outra pessoa”. Levados pelo alívio de não sermos nós os afetados (“antes ele do que eu”) somos, imbuídos de certo sentimento de

superioridade, impelidos a uma descarga elétrica que se transforma em impulso neural e se manifesta na contração dos músculos da face: o riso. Uma tensão que aparentemente se esvai tão logo se sorri.

Neste sentido, Chico Anysio afirma, no prefácio de *A Alegre História do Humor no Brasil*: “a piada de hoje é a tragédia de ontem” (ANYSIO, 1979, p. 7). No mesmo prefácio, o mestre brasileiro define o humor como “irmão mais próximo da poesia”, embora não lhe seja dada importância idêntica. Apesar disso, Chico Anysio diz que o humor “acusa, satiriza, descobre, desmoraliza, critica, eleva, deforma, informa, destrói, constrói, imortaliza, enterra, acaricia, açoita”, para concluir, não sem certa dose de ironia, que fazer rir talvez seja a última das obrigações do humorista, a quem chama de “médico do espírito”.

Para Bemvindo Sequeira, outro mestre da comédia brasileira (com o perdão da rima involuntária), o riso é sempre (com outro perdão, este o do trocadilho) bem-vindo. “O Riso é manifestação da pulsão de vida (...) se destina à transformação, através do reconhecimento e da crítica, dos costumes e da ética, da moral e do ridículo dos sistemas” (SEQUEIRA, 2004, p. 82). É, portanto, necessariamente anárquico, uma ameaça aos sistemas, sobretudo aos rígidos, e esta seria a razão pela qual ditadores terem tanto pavor do riso.

Além do distanciamento temporal e do pessoal/subjetivo, uma terceira categoria – e mais rara, porque mais difícil de se obter – poderia ser o distanciamento de si mesmo: dá-se quando o sujeito consegue distanciar-se da ação que ele próprio sofre, e enxergar o ridículo que pode haver por trás do sofrimento. A gênese da autoderrisão: rir das próprias mazelas, na expectativa, ainda que vã, de expurgá-las. “O humor pode ser, então, uma estratégia para reagir ao sofrimento. Uma espécie de mau perder que leva o humorista não a adaptar-se ao mundo, mas a afeiçoá-lo a si – mesmo que, para isso, tenha de dobrá-lo, torcê-lo, virá-lo do avesso (...) humor é um embuste benigno (enfim, quase benigno), uma vigarice operada sobre a linguagem, um artilho do pensamento.” (PEREIRA, 2016, p. 25-26).

Muitas vezes, a comicidade depende do contexto espaço-temporal para que seja efetiva. Por esconder uma espécie de cumplicidade tácita com os outros ridentes, o riso pode, portanto, excluir quem não faz parte da piada. Bergson relata a história de um

inglês que assistia a um sermão do qual toda a congregação ria quando alguém do seu lado pergunta: “Por que você não ri?”. Ao que o inglês responde: “Porque não sou dessa paróquia”. Mais adiante em sua análise sobre a comicidade, Bergson complementa: “Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social”. (BERGSON, 2001, p. 101)

Ao comentar sobre as funções do humor, o filósofo francês chama a atenção para o fato de que o riso é, acima de tudo, uma espécie de corretivo de uma imperfeição – individual ou coletiva. “O riso é certo gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos” (BERGSON, 2001, p. 65) Neste sentido, o prazer de rir não é um prazer meramente estético, desinteressado como a arte pura, uma vez que perssegue um objetivo utilitário: o de aperfeiçoamento geral. Ele “castiga os costumes”, fazendo-nos tentar imediatamente parecer o que deveríamos ser.

Outra função social da comicidade seria a de chamar a atenção, através da distração e do erro, para a mecanização da vida, para o quanto de repetição é feito nosso cotidiano, o que faz com que por vezes automatizemos nosso próprio corpo. Em última análise, nos afastamos, distraídos, de quem somos. “Toda distração é cômica. E, quanto mais profunda é a distração, mais elevada é a comédia. Uma distração sistemática como a de Dom Quixote é o que de mais cômico se pode imaginar no mundo” (BERGSON, 2001, p. 109). Quanto mais o personagem ignora a si mesmo, quanto menos é consciente de aspectos de sua personalidade, tão mais engraçado aos olhos alheios ele será. Um indivíduo o cômico, portanto, é um indivíduo isolado – dos outros ou de si mesmo, pois se desconhece.

Dá a repetição ser – dentre outros procedimentos, como a inversão, o contraste, o exagero e a degradação – o favorito da comédia clássica. Melhor exemplo para o que se fala não há que o filme *Tempos Modernos*, em que Chaplin dá vida a um operário de uma indústria que, de tanto repetir o mesmo movimento de apertar parafusos torna-se, caricaturalmente, ele mesmo robotizado, e em pane. Ou, para usar expressão mais adequada, “em parafuso”. De uma só tacada, Chaplin critica, através da lente do humor e de forma brilhante, tanto a sociedade industrial, que desumaniza seus serventes, como o indivíduo, que se vê ridiculamente comparado a uma máquina – pior, uma máquina em mau funcionamento. “O rígido, o estereótipo, o mecânico, por oposição ao flexível, ao mutável, ao vivo, a distração por oposição à atenção, enfim o automatismo por

oposição à atividade livre, eis em suma o que o riso ressalta e gostaria de corrigir” (BERGSON, 2001, p. 97-98). Assim, uma das principais funções do riso, conclui de forma poética o francês, “é despertar os amores-próprios distraídos para a plena consciência de si mesmos. (...) Nesse sentido, poderíamos dizer que o remédio específico para a vaidade é o riso, e que o defeito essencialmente risível é a vaidade” (BERGSON, 2001, p. 130). “Bakhtin lembra-nos que para Rabelais o riso tem a função de libertar a sociedade da lógica dominante do mundo. Ele transforma a seriedade, propondo significados que permeiem as trocas da tonalidade da rigidez à comicidade, com caráter de renovação, de morte ao antigo” (SEQUEIRA, 2004, p. 83)

Para o também francês Georges Minois – a partir de quem traçaremos, nas próximas páginas, as bases historiográficas do riso na civilização ocidental – o humor tem necessidade de contraste: é um duplo olhar, sobre os acontecimentos e sobre a vida. Ele explica, em contraposição, que um olhar simples se limita a ver as aparências e produzir tolice ou fanatismo. Ou, mais frequentemente, os dois ao mesmo tempo (MINOIS, 2003, p. 305). Trata-se o humor, segundo o historiador francês, de um estado de espírito que não procura a aprovação ou a sequer a compreensão de um terceiro. O humor solitário, eremita, seria, neste sentido, o mais próximo que se poderia chegar de um humor absoluto.

O mesmo Minois defende a ideia de que o humor puro, despojado, reduzido ao essencial é praticado quando não se pretende buscar o efeito, o brilho; quando não se espera a admiração dos outros por seu traço de espírito. No humor, o homem só tem um interlocutor íntimo: ele mesmo. Seria, assim, o mais elevado estado do cômico, a própria quintessência do riso, e aquele que o possuir será capaz da autoderrisão mesmo em um quarto fechado, sem ilusão, sem recurso, sem estímulo externo. A imagem do humorista em um quarto fechado rindo de si mesmo – ou com a própria piada – puxa a corda até o limite para sugerir que é no face-a-face lúcido consigo mesmo que se atinge o máximo do humor. A trapaça, desta maneira, seria inútil, já que não haveria qualquer interlocutor para ludibriar. “Autêntico e verdadeiro, zombo de mim mesmo” (MINOIS, 2003, p. 151).

Uma das mais exaltadas capacidades do humorista talvez seja a de rir de si mesmo, a reconhecer a própria frustração da condição humana: muitas vezes somos mais mesquinhos do que desejaríamos ser, e esta discrepância entre o que se é e o que se

almeja ser pode ser lida de maneira dramática – e a tragédia se ocupa disso – ou de forma cômica. “Ora, as contradicções não são privativas das altas esferas culturais da sociedade. Em qualquer de suas classes existe o factor homem e seu coeeficiente, o temperamento. E de accôrdo com os altos e indecifráveis designios do Creador, onde está o homem está a contradicção e, portanto, o ridículo”, nos traz o professor e jornalista Sud Mennucci com seu português arcaico, prova de que não é de hoje que se estuda o humor. (MENNУCCI, 1923, p. 153)

Muitas vezes somos ridículos, tontos, grotescos, risíveis portanto, ora bolas. Por isso, nada mais sensato que rir. E nada mais humano do que, em vez de rir de, rir com. “O prazer antes obtido com a desvalorização do outro é substituído pelo prazer da identificação jocosa universal, da reversibilidade, da pluralidade do sentido (...) A visão humorística é, portanto, mais complexa, dinâmica e libertadora do que a visão cômica, que ela inclui e ultrapassa ao redimensionar o isolamento cômico” (ALMEIDA, 1999, p. 43). Para o ator e comediante Pedro Cardoso, isto requer um amadurecimento individual a nível de pessoa enquanto ser humano:

“É preciso escolher se você vai ficar realmente debochando das pessoas ou se vai ficar rindo com as pessoas – são coisas muito diferentes. É muito deselegante, na minha opinião, rir dos outros. Mas é muito simpático rir com os outros. Mesmo que o motivo do riso seja o próprio outro. Você tem que convidar o outro a rir com você dele mesmo. Isso produz um teatro muito mais amoroso. Agora, uma certa iconoclastia que a juventude traz porque ela tem que matar um certo pai cultural também não acho nenhum crime. É um momento da vida. Você vai conquistando esse amor e abdicando um pouco do deboche. E continua tão engraçado quanto”.⁵

Para o autor francês Philippe Ménard, o riso mais profundo é aquele que detalha inquietudes, angústias, desejos, sonhos; em suma, que revela os sentimentos perturbadores escondidos no coração dos seres (MINOIS, 2003, p. 196). Profundidades à parte, para seu conterrâneo André Comte-Sponville, pode-se gracejar sobre tudo: o fracasso, a guerra, a morte, o amor, a doença, a tortura. No entanto, o filósofo

⁵ Fonte: entrevista publicada na Revista O Globo, em 6 de abril de 2008.

materialista (e um tanto moralista) acrescenta: é preciso que esse riso acrescente um pouco de doçura à miséria do mundo. O “moralista” fica a cargo da distinção – e, mais que isso, oposição – que o autor em questão faz entre humor e ironia: se humor, para ele, é uma virtude, digna de figurar como capítulo de seu livro ensaístico “Pequeno Tratado das Grandes Virtudes”, a ironia, por sua vez, “é uma arma – voltada quase sempre contra outrem. É o riso mau, sarcástico, destruidor, o riso da zombaria, o riso que fere, que pode matar (...) é o riso do ódio, é o riso do combate. Útil? Como não, quando necessário! Que arma não o é? Mas nenhuma arma é a paz, nenhuma ironia é o humor” (SPONVILLE, 1999, p. 114).

À primeira vista, no que se poderia chamar de uma “crítica do humor puro”, condensar a fina arte da ironia a um “riso do mau” parece ser um reducionismo inadequado, como são, aliás, todos eles. Ora, uma ironia não é, por definição, para ser interpretada ao pé-da-letra. Da mesma maneira, uma hipérbole. Assim como quem olha para uma caricatura não deve pressupor uma intenção do artista em retratar fielmente o retratado, uma ironia não deve ser levada a sério. Muitas vezes o que se busca, com ela, é o efeito brechtiano do estranhamento, em que o enunciado talvez procure ser ainda mais estranho que a realidade, que muitas vezes é surreal por si só, e não raramente chega a superar a criatividade de escritores dadaístas. Uma forma de pensar pelo avesso, já que o mundo está errado demais para estar certo.

Uma das características marcantes do humor é a sustentação de contrastes, a fusão de opostos. Para Robert Escarpit, esta fusão se realiza na superfície da linguagem em dois tempos: o primeiro é de demolição, negação, em que se dá a suspensão das evidências. Este prepara terreno para um segundo momento, de construção de uma realidade nova, contraditória (RESTUM, 2006, p. 86). Assim, a face plácida e inalterada de um Buster Keaton frente a situações de extremo risco para sua integridade física, caminhando tranquilo e infalível como um Bruce Lee diante de perigos iminentes, não deixa de ser extremamente irônica, e nem por isso maldosa. A autoironia, tal como a autoderrisão, assume aqui sua faceta mais fleumática e despreocupada com o julgamento alheio, como quem domina a situação, a despeito da verborragia muda da crítica.

A ironia parece pressupor, isto sim, um orgulho intelectual, de quem se julga nas rédeas da situação. O que não quer dizer que necessariamente carregue consigo uma

carga de maldade para com o “oponente” (quem se deseja “atingir” com a sua fala – ou a sua não-fala, no caso, por exemplo, de Buster Keaton). Talvez “desprezo” fosse palavra mais adequada, se a intenção for a seara das palavras carregadas de apelo dramático.

Esta visão da ironia, como algo que despreza, acusa, condena é recorrente na história do pensamento, e não raramente tomou-se o todo pela parte: muitas vezes atacou-se o humor, de maneira indiscriminada, como se toda e qualquer manifestação humorística fosse por si só condenável. De todo modo, um antagonismo entre o que seria um bom riso do que seria visto como um humor reprovável é algo que sempre existiu – e ao que tudo indica, sempre existirá, justamente por lidar com questões tão subjetivas e discutíveis como “bom senso” e “bom gosto”. É nesta corda-bamba que o humorista caminha, tal qual a gargalhada equilibrista. E frequentemente caem feito um viaduto, ainda que não passem nem perto de lembrar Carlitos, o que já seria suficiente para que fossem perdoados por eventuais deslizes.

1.2 – Pelo humor de Zeus: O riso dos gregos

Ainda que não possuísse a finesse de um lorde inglês, é bastante razoável imaginar que o homem pré-histórico já emitia alguns grunhidos guturais daquilo que se poderia chamar de os antepassados do riso. Entretanto, em termos documentais, há relatos de que o riso seja algo presente na vida cotidiana pelo menos desde o século V a.C.

Os mitos gregos não mentem: até os deuses riem. Só que ao contrário do pobre riso dos homens, “testemunho de uma vitalidade precária e inferior”, o riso dos deuses parece não terminar nunca, escreveu o historiador francês Salomon Reinach (MINOIS, 2003, p. 26). Porém, mesmo entre os deuses – os de patente alta, por assim dizer – convinha “saber rir”: Momo, por exemplo, o deus do sarcasmo e do delírio, acabou expulso do Olimpo por escarnecer de outros deuses. Assim, a mitologia dá seu recado, através da poderosa arma da narrativa, de que convém alguma moderação: ora, se nem os deuses têm direito à galhofa incondicional, o que se dirá de nós, reles mortais. Para bom entendedor, meia piada é letra.

De acordo com o estudioso da Antiguidade Dominique Arnould, encontra-se, desde Homero, três categorias de riso: ele pode ter a função de abertura ao outro,

acolhimento; apresentar-se como uma reação involuntária diante de uma situação ridícula; mas pode, também, representar repulsa, aquele riso capaz de excluir o indivíduo do grupo, uma maneira de afirmar o triunfo sobre o inimigo do qual se escarnece. Esta última seria, em sua opinião, a mais frequente. Se por alguns o riso é temido, é justamente por afetar a honra (MINOIS, 2003). A imagem da representação caricata da risada de um vilão clássico das HQs ou de uma bruxa após o sucesso de alguma empreitada maquiavélica contra o herói não nos deixa esquecer do que se fala. Ha, ha, ha, ha! (foi o melhor que a linguagem escrita permitiu aqui reproduzir)

Descendo dos céus da mitologia para o mundo mais terreno dos poetas gregos, muitos deles se dedicaram à arte poética da comédia, sendo Aristófanes, Antífanes e Menandro os mais célebres comediógrafos. O termo comédia (*komoidía*) significa “espetáculo divertido”, e deriva de *kómos*, canto dos cortejos errantes de mascarados, que dançavam e cantavam em veneração ao deus do vinho, Dionísio.

Dramaturgos da chamada “Comédia Antiga” ou “Velha Comédia” (séc. V a.C.), como Aristófanes, Cratino e Eupolis traziam, em suas sátiras, enredos que tinham como alvo principal membros proeminentes da sociedade ateniense e os deuses do Olimpo. Ou seja, já os gregos antigos ridicularizavam a mitologia e seus poderosos e temíveis deuses, isto não é nenhum privilégio da contemporaneidade (MINOIS, 2003). A partir da segunda metade do séc. IV, a “Comédia Nova” passa a trazer temáticas mais prosaicas. Começam a se delinear os arquétipos – personagens típicos – e os conflitos passam a ser mais calcados em ações entre estes personagens, e não mais interrompidos pelo coro que comenta a ação dramática, a fim de orientar o espectador sobre o que se passa na obra, tal qual um narrador onisciente. A crítica política dá passagem à social, com assuntos da vida privada familiar, tensões sociais e vitória do amor. As bases das comédias românticas e as de costumes de hoje estavam assentadas, e Menandro era, provavelmente, o Luis Fernando Verissimo de sua época. Além dele, destaque-se Alexis de Turi, Filemon, Dífilo e Apolodoro de Caristo.

Mesmo entre os trágicos, o riso se mostrou presente. O que poderia parecer algo paradoxal à primeira vista justifica-se na medida em que o riso não exclui a dor, e pode inclusive realçá-la, redimensioná-la. Ésquilo, por exemplo, ainda que seja considerado um dos mais trágicos e sangrentos dramaturgos gregos, apresenta diversas ocorrências do riso em sua obra. Um legítimo Tarantino de Atenas.

Por afetar a honra, o riso pode até matar: em *Ájax*, mais antiga tragédia de Sófocles, o protagonista chega ao ponto de suicidar-se para escapar do riso de zombaria. Filho de Télamon, Ájax era um dos mais valentes guerreiros gregos, e responsável por diversas vitórias contra os troianos. Com a morte de Aquiles, dono do mais famoso calcanhar da História, Ájax esperava receber, em sinal de honraria, a armadura do bravo, morto em combate, pois se considerava o natural sucessor. Os deuses olímpicos, no entanto, seduzidos pela astúcia e oratória de Ulisses (Odisseu, pelo nome romano), acabam entregando a este o prêmio. Vaidoso, Ájax sente-se ultrajado e ofendido em sua honra, e se vê motivo de zombaria e alvo do riso escarnecedor de seus inimigos (“Ai de mim! Esse riso! Que dor ele me provoca!”), algo que é amplificado por sua imaginação – um riso imaginado e imaginário – quando Ájax diz, referindo-se a Ulisses: “Ah! Certamente é um grande riso de prazer o que soltas”. Em um acesso de loucura enviado por Atena, Ájax realiza uma verdadeira carnificina com os animais do rebanho, certo de que eliminava adversários. Finalmente, recuperado de sua sandice, e não suportando a dor do orgulho ferido, atira-se em um abismo. Além disso, a obra de Sófocles traz uma passagem como “o riso mais agradável é rir dos inimigos” (v.79), dita por ninguém menos que uma deusa (Atena para Odisseu).

Também na filosofia o riso teve seu lugar na Antiguidade Clássica, ainda que muitas vezes condenado. Em *Da Parte dos Animais*, Aristóteles declara que “o homem é o único animal que ri” (III,10,673a 8), e na *Poética* deixa bem claro que enquanto a tragédia se ocupa dos homens “superiores aos da realidade”, a comédia quer representar os inferiores (ARISTÓTELES, 2008, p. 40). Já Platão e sua eterna busca da verdade com V maiúsculo – a partir de seu ideal de beleza única, universal e imutável – não hesita em condenar o riso de maneira ampla. Para ele, o riso é um sintoma de algo que não deveria existir, de uma animalização do homem, que para ele deveria buscar a elevação da alma. O riso é uma manifestação de prazer que tem como causa um desacerto, uma ignorância existencial de nós mesmos. Diz Bergson: “uma personagem cômica geralmente é cômica na exata medida em que ela se ignora. O cômico é *inconsciente*” (BERGSON, 2001, p. 12). E o filósofo é, nesta concepção, o oposto disso: aquele que vive adequadamente. Logo, de maneira consciente.

Se do ponto de vista de Platão, quase sempre normativo ao extremo, quem ri distancia-se do que seria uma alma elevada, a vítima do riso, por sua vez, é alguém que

tem um entendimento equivocado sobre si mesmo; alguém que se considera mais bonito, mais poderoso ou mais inteligente do que de fato é. Alguém que, em última análise, ignora-se, alguém que não segue o preceito socrático do “conhece-te a ti mesmo”, afirmação que inaugura a filosofia. Platônico ao extremo (!), sua tese é a de que o riso é ruim não por si mesmo, mas por ser sintoma de que existam pessoas vivendo inadequadamente, longe de uma suposta essência. Pela sua lógica, portanto, uma sociedade que ri tem como causa uma sociedade ignorante sobre si mesma e que se toma por algo diferente do que realmente é. Que é composta por indivíduos que vivem fora de lugar, em dissonância com sua natureza, e que por conta deste desajuste com o cosmos, não conseguem desempenhar o seu papel de cidadãos da pólis.

Para o pensamento platônico, o objeto do riso é a desarmonia e o riso, uma espécie de advertência ao desajuste. A causa do riso são vidas fracassadas, pessoas que não se conhecem, o que seria uma blasfêmia contra o cosmos elaborado por Zeus. Portanto, o riso seria indevido por ser a consequência do fracasso existencial, do descompasso da compreensão de si sobre si. Como, no entanto, a abordagem escolhida para este trabalho acadêmico se afasta do pensamento platônico, ao rechaçar uma suposta verdade – e variações do tema, como “essência” ou “natureza” das coisas – será poupado aqui o trabalho de investigar o que seria esta verdade – e, por conseguinte, no que consistiria o afastamento dela.

Em sua visão, o filósofo vai em busca da alma, da essência; o comediante, ao contrário, pega um traço particular, um cacoete, cria um estereótipo e ridiculariza. Desta forma, estaria distanciando o observador de uma “verdade” das coisas. Assim, Platão considera que o trabalho do comediante seria um desserviço, que iria na contramão do que um filósofo – ou alguém que é regido pela parte superior da alma – deveria fazer. A comédia seria, assim, uma forma particular de empobrecimento da compreensão do mundo, visando obter certos prazeres da parte inferior da alma.

Em Esparta, a cidade guerreira da Grécia Antiga, as pessoas eram treinadas, desde a infância, a suportar a zombaria sem se alterar. Em sua biografia de Licurgo, o fundador das leis espartanas, Plutarco relata: “Mesmo as crianças (...) aprendiam a brincar com palavras, a zombar umas das outras de forma agradável, sem ofender demais nem caçoar desonestamente, e a não se incomodar por também serem zombadas; porque é uma qualidade suportar pacientemente tratamentos de zombaria”. Licurgo

desejava que os lacedemônios se abrandassem e fizessem um uso racional do riso, queria que este fosse “um molho agradável que torna mais doce o trabalho e a dureza de suas regras de viver”, como descreveu Sosibius (MINOIS, 2003, p. 45).

O historiador grego Heródoto conta que Amassis, rei do Egito, todo dia após tratar dos assuntos sérios “passava à mesa, onde caçoava de seus convivas e só pensava em divertir-se e em fazer brincadeiras engenhosas e indecentes” e conclui que se o homem permanecer sempre voltado para as coisas sérias, sem relaxar e sem se entregar aos prazeres, ficará, sem perceber, louco ou estúpido (MINOIS, 2003, p. 46). Para ele, o riso seria necessário, ainda que como mero escapismo: não se deve sonegar a importância das trivialidades na nada fácil arte do viver. Não à toa se diz que rir é o melhor remédio.

É importante ressaltar que o riso arcaico não era sempre impregnado de gravidade ou agressividade. Mesmo entre os deuses, também existia o riso como simples válvula de escape, de ternura ou de cumplicidade.

1.3 – O riso na Idade (co)Média

Os gregos consideravam que cada indivíduo nascia com um dom natural. Além disso, que alguns eram muito mais talentosos que outros, e que alguns talentos são mais importantes que outros. O mais importante deles – porque mais decisivo para fazer o cosmos funcionar – o talento de pensar. Para a Grécia Antiga, quem pensa melhor tem mais valor como pessoa. Há uma hierarquia natural entre os indivíduos, e por isso a escravidão é algo aceitável.

A mudança de paradigma se dá com o pensamento revolucionário de Jesus. A partir do cabeludo de Nazaré, o valor de uma pessoa não se dá por seu talento, e sim pelas decisões positivas que ela faz na vida, a partir do seu livre-arbítrio. Jesus, redentor dos fracos e oprimidos, introduz a ideia de igualdade. Em vez dos talentos naturais da Grécia, o amor. Trazendo para a seara do humor, muito do pensamento cristão que o condena está atrelado à ideia de que o riso presuporia uma humilhação do próximo (ainda que ele esteja distante), o que iria de encontro com os preceitos de igualdade de Jesus.

No século VI, a *Regra de Paulo e Estevão* alerta para o perigo inerente ao humor: “Devemos todos ficar atentos contra o excesso imoderado da brincadeira e do

riso, porque eles provocam, muitas vezes, amargas dissensões entre os irmãos. ... O riso além da medida é a porta da indisciplina e da dissipação” (MINOIS, 2003, p. 146).

O autor russo O. Freidenberg, em *A origem da paródia*, mostrava que nas civilizações arcaicas, antigas e medievais o cômico e o trágico; o ridículo e o sublime são dois aspectos complementares de uma mesma concepção de mundo, e que toda visão sublime implica em uma dupla paródica. A paródia, nesse contexto (...) reforça o conteúdo sagrado. (...) quando não se zomba mais do sagrado, é porque ele está moribundo (MINOIS, 2003, p. 141).

A Idade Média usou e abusou dessas brincadeiras. Nelas, diziam-se verdades rindo, transcendendo as distinções da Antiguidade Clássica entre sério e cômico; tragédia e comédia; estilo elevado e estilo vulgar. O riso como plenitude contraditória e dual da vida. Há relatos de fábulas onde se escarnece de tudo: dos doentes, dos mortos, dos traídos, dos bispos... Em sua obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, o autor russo Mikhail Bakhtin demonstra como no período medieval uma cultura séria e oficial coexistiu com uma burlesca e oficiosa. Obviamente, essa não era a linguagem do discurso da Igreja, mas sim das festas populares, “cultura cômica, popular, carnalizada, que promovia a liberação do riso e do corpo, a vitória sobre a seriedade, o medo e o sofrimento” (LUNARDELLI, 1996, p. 81-82). Considerando-se que o homem medieval vivia no cotidiano oprimido e acorrentado pelo medo, o riso surge como solução psíquica às angústias de uma existência marcada pela opressão.

Até o século XVII, muito do riso provinha de atitudes da mais pura bufonaria. É o caso de André Boulanger, um padre agostiniano que não se continha em proferir gracinhas, inclusive em seus sermões. “Ele dizia às damas: ‘Vós vos queixais do jejum; ele vos faz emagrecer, dizeis. Reparem’, dizia ele, mostrando um braço gordo, ‘eu jejuo todos os dias e eis aqui o menor de meus membros’” (MINOIS, 2003, p. 368).

Esta atmosfera em que tanto o homem da corte como o burguês vivem no burlesco escatológico e obsceno dá o tom da sociedade medieval de então. O que se dirá, então, dos libertinos? Ousados ao extremo, na escatologia e na pornografia, eles chegam para escandalizar, para atear fogo no picadeiro e assistir ao “caloroso espetáculo”. Usam e abusam de brincadeiras blasfematórias, com discursos contra Deus, a Virgem, os santos e zombarias cruéis relativas à agonia de Cristo. O riso libertino, no entanto, não é alegre e tampouco de crítica positiva; “é um riso petulante do espectador

que lamenta o nível do espetáculo, uma espécie de sub-riso, um riso lasso (...) que não espera nada do mundo nem dos outros e que suspeita até que a razão humana está contaminada pela loucura”. Afinal, “é desanimador rir da bestialidade humana quando se percebe que ela é incurável” (MINOIS, 2003, p. 373). Não por acaso, o uso da zombaria prolonga as guerras de religião e marca a época triunfante da Contrarreforma.

A partir da segunda metade do século XVII, observa-se um refinamento do humor. A ironia substitui a blague; o humor, a brincadeira grosseira; o riso burlesco – contestador e subversivo, que diz coisas contra o bom senso e a razão – dá lugar a um riso mais comedido; o riso desbragado e sem freios dá lugar a um riso mais intelectualizado, surge o *wit*⁶. Se na corte de Luís XIII realizam-se torneios obscenos, ri-se às gargalhadas e mata-se em duelos; na de Luís XV, zomba-se refinadamente e assassina-se por uma tirada de espírito. É como se Sherlock Holmes assistisse com desdém à bufonaria alheia e comentasse com seu assistente: “Não compartilhemos desse riso elementar, meu caro Watson” (ou seria Witson?). É quando o riso deixa de lado sua forma mais crua e explícita da Idade Média e assume algumas sutilezas. A brutalidade de outrora agora admite eufemismos e ironias. O riso torna-se um instrumento de crítica social, política e religiosa. Tal qual um jovem adulto que já não se diverte tanto com as piadas obscenas e as pilhérias da recente adolescência, o riso amadurece, civiliza-se.

O homem do século XVII passa a compreender que é de bom tom controlar o riso. Por conta disso, observa-se uma retração das blagues blasfematórias e das pilhérias referentes ao sexo e à infidelidade. Para Montesquieu, zombar menos é sinal de culpa. Quer dizer, então, que o sagrado derrotou o riso profano? Não necessariamente. Significa mais uma perda de interesse no sagrado, isso sim. Fato que se pode comprovar nas palavras de um eclesiástico, relatadas por Sébastien Mercier: “Seria bom que houvesse, de vez em quando, alguns sacrilégios. Ao menos, pensariam em nós; mas eles se esquecem de nos faltar com o respeito” (MINOIS, 2003, p. 391). Pior que a zombaria é a indiferença.

Esse “novo” riso, mais polido, é verdade, nunca poderá ser absolutamente domesticado, pois isso é coisa que o riso subverte, e não tardará muito até que este riso

⁶ “Wit” poderia ser traduzível como “tirada”, o talento para fazer associações improváveis entre palavras ou ideias díspares e contrastantes, a fim de produzir um efeito cômico de maneira espirituosa, esperta, sagaz.

intelectualizado, disfarçado de humor ácido, corroa as bases do poder e da sociedade. E novamente a zombaria voltará com força.

Na teologia medieval, o riso é reconhecido como próprio do homem, mas em geral censurado sob o argumento de que Jesus não teria rido em sua vida terrena. O ser humano é ambíguo: é o único animal capaz de rir, e neste sentido superior aos demais animais; mas é inferior em relação à divindade – e esta, que se saiba, não ri.

O que fazer se aquele que representa uma afronta à Inquisição vira lenha de fogueira? Para onde escapar se a peste dizima milhares de vidas a olhos vistos? Como se não adiantasse chorar ao leite derramado, ria-se, seguindo a mesma lógica do humor negro, que não deixa de ser uma reação ao temor à morte, certamente o maior medo universal de todos os tempos.

“Rir para não chorar” seria um bom slogan para a Idade Média, caso já houvesse publicitários àquela época. Para Georges Minois, o aspecto que mais contribuiu para tornar suportável o grande terror da Idade Média foi justamente o riso (MINOIS, 2003, p. 197). Apesar do pesar de todas as pragas e de uma Igreja opressiva, injusta e angustiante (a Inquisição), fazia-se troça. Quem sabe dessa forma o fardo da sobrevivência não se tornasse um pouco mais leve?

A principal fonte do riso medieval se deu pela utilização cômica do trágico sagrado. Como, no entanto, virar churrasquinho de gente não era uma ideia que apetecia sequer os contestadores mais calorosos (com trocadilho termométrico, por favor), a religião não era contestada frontalmente. Mas a indiferença provocadora em relação a ela, bem como a blasfêmia ousada e o juramento excessivo (“Pelo cu de Deus!”, “Pelo cu da Virgem Maria!”, para citar duas expressões da época) (MINOIS, 2003, p. 197) representavam clamores raivosos contra a dominação sufocadora da Igreja medieval. Para Minois, duas coisas ajudaram os fiéis a suportar as angústias que a própria Igreja suscitava: a fé e o riso. Tal qual a estratégia de um vendedor sagaz, a Igreja criava dificuldades, pintava demônios, com o fim de oferecer uma facilidade: a fé em sua doutrina. Aos profanos, restava o riso. Diante do grande medo, o grande riso. Quanto mais alto e ruidoso, melhor, pois maior será sua capacidade de fazer esquecer – durante uma gargalhada – os perigos que ameaçam (MINOIS, 2003, p. 243).

Se com o Cristianismo o riso torna-se tabu, e atribui-se a ele uma origem diabólica, nem assim, a Igreja consegue bani-lo: na Idade Média e no Renascimento, ele

ainda será tolerado, se não no discurso oficial, ao menos nas festas populares. Rir do diabo e do inferno era como exorcizar o medo que se tinha dele. Até mesmo o Todo-Poderoso é ironizado, mais para o fim da Idade Média, através de felicitações por sua tranquilidade no céu enquanto mazelas mil assolam os povos da terra.

1.4 – Renascimento do humor: O Riso na Renascença

A Renascença se interessa bastante pelo estudo do riso, que é tido como algo próprio do homem. É durante esse período que se toma consciência de que alguns indivíduos possuem um certo tipo de temperamento extravagante; um humor capaz de ultrapassar agradavelmente as contradições da vida.

Desta época, diversos tratados ressaltam o valor terapêutico do riso. Em 1560, o médico francês Laurent Joubert publica um tratado sobre o riso que vai na contramão dos que apontam o riso como algo diabólico. Para ele, rir “é o mais maravilhoso” dos dons de Deus, um privilégio que lhe permite ter uma vida social e psicológica equilibrada. O dramaturgo inglês Ben Jonson, contemporâneo de Shakespeare, se utiliza da teoria médica dos humores para caracterizar personagens teatrais, ao chegar à conclusão de que o predomínio de determinado humor sobre um indivíduo confere a ele uma excentricidade, e se essa pessoa toma consciência de sua “bizarrice de caráter” e usa-a diante das dificuldades da vida, o “humor”, no sentido fisiológico do termo, penetra na crítica literária inglesa e se associa ao cômico, adquirindo o sentido moderno do termo (MINOIS, 2003, p. 304). “Através de seu *humor* (temperamento) excêntrico, os personagens tornavam-se muitas vezes *cômicos* (enrijecidos)” (ALMEIDA, 1999, p. 43).

François Rabelais – que era escritor, padre e médico, além de ovelha negra dos carrancudos de plantão, protestantes ou católicos – defende a “virtude curativa do riso”. Para ele, o riso tem uma evidente função terapêutica. Seus personagens Gargântua e Pantagruel são figuras da alegria de viver, e não é de se espantar que sua obra *Crônicas de Gargântua* tenham vendido em dois meses mais que a *Bíblia* em nove anos. “O grotesco é a forma de comicidade preferida pela arte popular desde a Antiguidade. As máscaras da comédia grega antiga são grotescas. O descomedimento violento na comédia contrapõe-se ao comedimento e ao majestoso na tragédia” (PROPP, 1992, p. 92).

Se o Renascimento marcou a retomada dos ideais clássicos e eruditos do helenismo, um interessante advento vai na contramão desta tendência: a *commedia dell'arte*. Em oposição às características idealizadas do teatro renascentista de então, as apresentações teatrais da *commedia dell'arte* pautavam-se em um roteiro simplificado (*canovaccio*), em cima do qual os atores tinham liberdade para improvisar, a fim de interagir com a plateia, o que conferia a estas obras grande apelo popular. Além disto, neste período se deu a entrada do riso na chamada “grande” literatura, através de autores como Cervantes, Shakespeare e Bocaccio, além do próprio Rabelais.

Ou seja, a Renascença foi fundamental para a popularização da comédia como gênero, e conseqüentemente do humor como visão de mundo. Uma das grandes descobertas deste período é a de que o riso poderia, para além do entretenimento que sempre representou, ter um caráter filosófico, fundador de mentalidades e pensares. O riso com valor explicativo e existencial. O riso como questionamento. Será?

O Renascimento é marcado, ainda, pela difusão de pequenas obras humorísticas, facilitada pelo advento da imprensa. Datam desta época as primeiras coleções de *jest books*, compilações de epigramas, gracejos e ditos espirituosos, que chegaram a servir de referência para Shakespeare em peças como “Muito barulho por nada” e “A megera domada”. Os temas preferidos são sexo (sempre ele), casamento, defeitos femininos e relações sociais. Com a nova moda dos salões, a retomada da vida social, os jantares e encontros nos meios urbanos nobres e burgueses, a arte de contar blagues se desenvolve. Nesse contexto nascem os *jest books*, livretos que forneciam um bom estoque de histórias engraçadas a quem quisesse se destacar nas rodas do *high society*. Todo homem “descolado” para os padrões da época tinha seu exemplar, que eram utilizáveis tanto para o prazer solitário (me refiro ao riso), através da leitura; quanto para o riso social, pela conversação. Enfim, atuavam como maravilhosas pílulas desopiladoras e antidepressivas.

Mas, se por um lado os *jest books* comprovam o quão universal é a linguagem do humor, por outro, são documentos reveladores da evolução dos valores culturais e sociais, pois fica claro que não se ri da mesma coisa em 1600 e em 1700.

* * *

Não é raro encontrar na história do pensamento quem distingua o que seria um bom riso de um mau. Pensadores medievais costumavam tratar o primeiro como a

expressão da alegria do cristão, e recomendavam, inclusive, que fosse moderado, quase silencioso, algo próximo de um sorriso. O segundo, para estes, seria aquele da zombaria, invariavelmente barulhento e afeito a... você sabe quem. Não à toa, a representação arquetípica do demônio é comumente ligada a uma sonora gargalhada.

Historicamente, o sorriso – moderado e contido – sempre teve melhor aceitação social que a gargalhada – grotesca, inconveniente, muitas vezes ligada às partes baixas do corpo e do espírito, o que Bakhtin definiu como “baixo corporal”. O sorriso, por sua vez, sempre esteve mais associado à inteligência, frequentemente denotando uma superioridade intelectual. Quanto mais contido for o sorriso, tão mais apurado será o refinamento daquele que ri, fica a impressão.

Em seu *Livro das Faíscas*, o monge Defensor de Ligugé destila pérolas como “o bronco, rindo, eleva a voz; o homem sábio apenas sorrirá”; “Basílio disse: ‘não rias com lábios despregados, porque o riso barulhento é loucura; manifesta a alegria de teu espírito com um simples sorriso”. Para ele, o riso é ambivalente e nunca está longe das lágrimas. Ou, dito de maneira mais espirituosa à maneira Millôr Fernandes, “entre o riso e a lágrima há apenas o nariz”. Mais otimista, o monge Notker le Bègue define o homem como um animal mortal, racional e capaz de rir (*homo es animal mortale, rationale, risus capax*), situando o riso no mesmo nível da razão, como particularidade fundamental do homem em relação à besta (MINOIS, 2003, p. 144).

As manifestações do riso são múltiplas: irônico, grotesco, satírico, picaresco, humorístico, macarrônico, burlesco... em se tratando de humor, nada é tão preto no branco, existem cinquenta – ou mais – tons de cinza. A língua hebraica, por exemplo, se refere ao riso de duas maneiras bem distintas: *sâkhaq* significa um riso alegre, positivo; já *lâag*, um riso zombeteiro, e que vem imbuído de certa carga negativa. Há, inegavelmente, um juízo de valor. O grego antigo possui três verbos para exprimir a ação de rir: *gelan*, *meidian* e *kakházo*, cada um referente a um tipo diferente de rir.⁷ *Gelan* exprime uma manifestação total de alegria; *meidian* equivale ao verbo sorrir; já

⁷ Vale lembrar que as palavras aqui trazidas são transliterações de suas equivalentes no hebraico e no grego antigo, a fim de que se tornem pronunciáveis no alfabeto latino/romano. As do grego antigo foram retiradas da tese *Experimentando o sagrado: a religião grega a partir de Karl Kerényi*, de Cristiane Almeida de Azevedo, apreentada no Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião – UFJF. Juiz de Fora: 2008, p. 130, disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3373/1/cristianealmeidadeazevedo.pdf>

kakházo equivale à gargalhada, o riso sonoro e barulhento da troça, que tantas vezes é repellido pela boa educação e os bons costumes, por ser tido como vulgar, agressivo.

No séc. XIX, com o classicismo e as modificações políticas e sociais que desembocaram no surgimento da burguesia, o humor perde um pouco de seu viço, sua concepção universalista e coletiva, como um rosto que não consegue segurar o sorriso para uma fotografia. Assim, na literatura, a comédia passará a ser considerada um gênero menor.

Muitas estéticas burguesas dividem a comicidade em dois aspectos diversos e opostos: a alta comicidade, refinada e de ordem superior; e a baixa, vulgar, de ordem inferior. A primeira seria representada por comédias requintadas, que buscam mais o sorriso sutil que um riso “vulgar”, obras destinadas a aristocratas de espírito e de origem; a segunda estaria ligada ao corpo humano e às suas tendências naturais, escatologias, bebedeiras, gula, uma comicidade mais frequentemente encontrada na literatura popular, destinada à plebe, à massa, ainda que escritores do quilate de Shakespeare, Rabelais e Cervantes não desprezem tramas farsescas que buscam o divertimento, muito pelo contrário: frequentemente elas são encontradas em suas obras.

1.5 – Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes: Rir, hoje

A partir da segunda metade do século XX, o tom do discurso acerca do riso muda: o riso passa, inclusive, a ser bem visto pelo Cristianismo. Vivemos tempos em que o humor é bem-vindo, e em que ser desprovido dele é quase uma doença. Minois a intitula de “sociedade humorística”. É quando redescobre-se o riso bíblico, e o homem, sempre disposto a fazer Deus à sua imagem, atribui-lhe agora um maravilhoso senso de humor (MINOIS, 2003, p. 115).

Isto demonstra a extraordinária gama de possibilidades de interpretações da *Bíblia*, de acordo com o interesse de quem a lê. Basta extrair dela passagens que confirmem o que se quer afirmar, mais ou menos como se observa com ditados populares: podem ser citados para justificar a narrativa que se quer propagar, e também o seu contrário. “quem avisa amigo é” e “conselho, se fosse bom, vendia-se”, por exemplo, transmitem pensamentos diametralmente opostos. Cada indivíduo pode eleger qual ditado lhe é mais conveniente, ao sabor dos acontecimentos e do viés de confirmação que pretende, conscientemente ou não, utilizar.

Se não pode eliminar o riso, o Cristianismo assimila-o. Apesar de sua fachada de rigidez, a Igreja possui uma notável capacidade de reinventar-se. “O que não pode destruir, ela integra à sua substância. Talvez tenha sido isto o que lhe permitiu ultrapassar, até aqui, todas as crises” (MINOIS, 2003, p. 138). Para citar outro dito popular, algo como “se não pode destruir seu inimigo, junte-se a ele”.

Até hoje, muitos intelectuais veem na comédia uma “arte menor”, como se fazer rir não fosse tão difícil – ou louvável – quanto fazer chorar, ainda que ambas possam suscitar reflexões. Produtores e público, no entanto, não parecem muito preocupados com o nariz torcido da crítica: produção e consumo de obras do gênero sempre carregaram a indústria cinematográfica nas costas, ainda que já se vão mais de 40 anos desde o último Oscar de melhor filme para uma obra do gênero: *Annie Hall*, de Woody Allen, em 1977. O apelo popular não deixa dúvidas: vivemos em uma sociedade em que a comédia é valorizada.

O entendimento atual sobre o humor parece coincidir – ainda que nenhuma sociedade esteja imune a retrocessos e que unanimidade seja uma utopia que talvez sequer seja desejável – com a visão que Bergson traz sobre a arte: “seja pintura, escultura, poesia ou música, a arte não tem outro objeto senão o de afastar (...) tudo o que nos mascara a realidade, para nos pôr face a face com a realidade mesma” (BERGSON, 2001, p. 117).

Trazendo o objeto de estudo para um modo de fazer humor genuíno do Brasil, esta terra da piada pronta e vista como lugar de riso fácil, cabe traçar algumas linhas sobre as origens do nosso fazer cômico.

Dos africanos, herdamos tanto de suas formas de fazer humor, que Jota Rui, autor de *A Alegre História do Humor no Brasil*, diz que eles enriqueceram o humor nacional de tal forma “que se tem a impressão de que os escravos vindos para cá trabalharam mais em plantações de folclore que de café, algodão e cana-de-açúcar” (RUI, 1979, p. 18). Os caucasianos portugueses, por sua vez, trouxeram elementos de seus contatos com celtas, fenícios, romanos, visigodos e árabes, daí o fato de termos incorporado tantos provérbios e ditos espirituosos originários de outros povos, mas que acabaram por assumir, com o passar do tempo, uma feição tipicamente local, “tropicalizada”. Por último, mas não menos importante, dos silvícolas nativos herdamos uma índole “risonha e folgazã”, sintetizada na passagem contada pelo autor: “Alguns

índios locais foram levados à corte de França e despertaram grande curiosidade. Uma dama chegou a perguntar a um deles:

- O que mais lhe agradam nosso país?
- As mulheres.
- E as índias? Não são mais bonitas que nós?
- Por enquanto não podemos saber.
- Por quê?
- Ainda não vimos as francesas nuas, como costumamos ver nossas mulheres.

Ao que consta, a dama não se despiu para servir de comparação. Mas os brasileiros já iam dando razoáveis demonstrações de senso de humor” (RUI, 1979, p. 32)

Em 1556, o calvinista francês Jean de Léry se estabelece em uma pequena comunidade francesa situada na entrada da baía do Rio de Janeiro. De volta à França, ele relata em *História de uma viagem feita ao Brasil* que uma de suas maiores surpresas, chegando de uma Europa séria e fanática, foi constatar que os índios riam sem parar. “É um povo que foge da melancolia (...) eles detestam os taciturnos, mesquinhos e melancólicos (...) Os índios riem e caçoam de nós, riem dos fatos mais horríveis” (MINOIS, 2003, p. 294), escreve, demonstrando, desde aquela época, o espírito do carioca. No final das contas, Jean de Léry “cai no samba” e acaba rindo com os índios, um riso cúmplice de amizade ou de autoderrisão. O riso dos índios faz com que ele compreenda, por exemplo, o ridículo da moda do vestuário europeu.

Artur da Távola – político brasileiro que tinha nome (pseudônimo, a bem da verdade) de personagem saído de filme de Monty Python – publicou, em 1984, uma série de artigos sobre humor no jornal O Globo, em que destaca seu duplo papel como fator de estabilidade social:

“o humor, ao mesmo tempo que pega o traço ridículo do indivíduo e o acentua (forma de denúncia), por outro lado desperta uma forma prazenteira, legitimadora, que faz ser metabolizado o que denuncia. Quando o humor é visto apenas por um lado, fica altamente perigoso para os sistemas que temem ver sua ridicularia em lente de aumento. Porém, o fato de fazer rir distende as tensões internas, legitimando o que está sendo ironizado”. (SEQUEIRA, 2004, p. 66)

Assim, se piadas de portugueses têm origem no sentimento nacionalista e de resistência à colonização, “por outro lado, amenizam os conflitos e estabelecem as relações, tornando os alvos reconhecidos, humanos e por isto mesmo, mais próximos de nós e aceitos em nosso dia-a-dia”, sublinha Bemvindo Sequeira (SEQUEIRA, 2004, p. 67). Como se o humor fosse, a um só tempo, alerta e distensão; denúncia e escapismo; crítica e entretenimento. Tudo junto e misturado.

E assim, da síntese das três raças – indígena, negra e caucasiana – se faz a farofa da comicidade brasileira, que acaba por ser reflexo de nosso pensamento constitutivo, e que muitas vezes dá razão à anedota que diz: a melhor piada de português é o Brasil.

2. Com a graça de Deus – A RELAÇÃO (NEM SEMPRE CONSENSUAL) ENTRE HUMOR E RELIGIÃO

“Falsa seja para nós toda a verdade
que não tenha sido acompanhada por uma risada”

Friedrich Nietzsche

À primeira vista, humor e religião são assuntos que não se cruzam, seja na cruz católica, seja na encruzilhada das religiões de matriz africana. Desde pequenos somos ensinados a respeitar os símbolos religiosos e aprendemos que “com religião não se brinca”. “Deus é uma supercâmera de vigilância contra a qual ninguém protesta seriamente”, definiu o cartunista Charb⁸ (CHARBONNIER, 2015, p. 22).

Se a Bíblia prega que devemos ser tementes a Deus, outras “religiões do livro” não ficam atrás: tanto a Torá quanto o Corão vão pelo mesmo caminho, ainda que no Islamismo a concepção de Deus não esteja ligada à figura do pai, frequentemente associada a certo nível de castração na medida em que é dele que se espera, em sociedades mais tradicionais, que assuma o papel de impor limites aos filhos. O que não significa que o Islã seja menos repressor que outras religiões.

Como veremos adiante – sobretudo a partir das colocações do historiador francês Georges Minois – para os fundadores de ordens religiosas em geral, o riso é considerado inimigo da perfeita vida cristã, já que seria sempre reflexo de um sentimento de superioridade, zombaria e desprezo pelo outro. Com o Catolicismo não foi diferente. O riso, cuja expressão tem na liberdade seu pressuposto básico, sempre foi visto com receio, quando não censura, por católicos mais ortodoxos, zelosos por manter o caráter restritivo de preceitos religiosos arraigados em ideais como culpa e pecado. Basta perceber que dos dez mandamentos, sete são proibitivos; possuem a palavra “não”. Talvez porque Moisés vivesse em uma época em que não houvesse tanta gente fina, elegante e sincera, com habilidade para dizer mais “sim” do que “não”.

Se a famigerada culpa da igreja católica apostólica romana é um dos fatores que colabora para o clima de sisudez que envolve a relação com a religião – algo que o movimento da renovação carismática se esforça por combater, com suas danças,

⁸ Codinome de Stéphane Charbonnier, editor do jornal satírico *Charlie Hebdo* morto no atentado de 2015.

músicas e “padres gatos” – as religiões neopentecostais não deixam por menos. Afinal, como se diz, “sangue de Jesus tem poder”. Por outro lado, há religiões que são tradicionalmente mais afeitas ao riso, como se vê na alegria devocional das práticas hare krishnas, para citar um exemplo.

Ainda que acabe por ocasionar situações por vezes apocalípticas, está na gênese (!) do humor questionar – através de alguma das suas muitas formas de expressão – verdades absolutas, dogmas e autoridades que as encarnam. É na dessacralização dos cânones que se situa a zona de (des)conforto do humor, e, portanto, não é difícil deduzir-se que o humor tende para a profanação do sagrado em alguma medida, e tanto quanto permitem-no avacalhar com o que quer que seja. Isto não quer dizer, no entanto, que o humor não seja aceito, e até mesmo desejado, em alguns casos, entre os religiosos – o autodepreciativo humor judaico não nos deixa mentir. Piadas sobre santos, o paraíso e o inferno são historicamente comuns entre os cristãos, que não costumam se ver como pecadores ao pensarem e rirem sobre o sobrenatural – ou Deus, se assim preferirem. No fundo, rimos de nossos medos, e não deixa de ser saudável rir de crenças ferrenhas em narrativas simbólicas, como as da Bíblia, para citar o exemplo mais corriqueiro no Ocidente.

Devido à sua função questionadora, podemos afirmar que o humor não deixa de assumir o papel de resistência criativa a esta instituição chamada religião. No meio deste “embate” – as aspas vão aqui por não se tratar propriamente de um antagonismo, mas de um processo em que um afeta o outro mutuamente – a ética. Partindo-se do pressuposto de que existe um preceito comum, ético e inquestionável – o do respeito ao próximo – que perpassa todas as religiões, pensaremos em que medida há abertura para que se lance mão de ferramentas – e o humor é uma delas – que podem tanto ajudar a suavizar os dogmas e o “peso” que trazem consigo como propiciar um despertar para um pensamento crítico acerca das próprias instituições religiosas. E em que medida o humor pode assumir uma dupla função: se por um lado pode se prestar a gerar reflexão e fazer repensar o preconceito religioso, por outro, dependendo da forma como é empregado, pode acabar por reforçar este mesmo preconceito. Em tempo, não custa lembrar também que não se pode – ou não se deve – falar em uma ética única, mesmo entre seguidores de uma mesma religião. A despeito de seguirem esta ou aquela

doutrina, sempre haverá pessoas mais taciturnas ou mais galhofeiras, pois também de outros fatores depende a predisposição para o humor, para além até dos sócio-culturais.

Remédio ou veneno, tudo dependerá da dose, e da maneira como é aplicado. A seguir, veremos como as religiões – sobretudo a católica e a islâmica, por estarem diretamente ligadas aos casos estudados nesta dissertação – lidam com o humor, e, em contrapartida, como o humor vem lidando com as instituições religiosas.

2.1 – Cruz... credo: O riso e a tradição católica

Como se viu no capítulo anterior, o riso como arma satírica não é privilégio dos séculos XX ou XXI. Desde há muito existe, e, no século XVI, na Europa, tomou vulto durante as lutas religiosas, em meio a um cenário de horror provocado por confrontos religiosos. Misturado ao ódio religioso, o riso mostra sua faceta ofensiva e assume um novo papel: o de arma satírica de propaganda. Um riso que, se não é novo, adquire outro patamar.

Para Minois, o mundo das guerras de religião é um mundo de loucos. Os fiéis radicais são por ele retratados como grupos de fanáticos que se massacram a propósito de ridículos detalhes imaginários, em nome de uma religião de amor, o que atingiria, em sua opinião, o cúmulo da desrazão – desrazão mortal e diabólica.⁹ Temos, portanto, e agora nomeado, um “riso diabólico”, pernóstico, que usa e abusa do escárnio.

Para o calvinismo, o riso simplesmente não tem lugar em assuntos religiosos, como se água e azeite fossem: não se mistura alhos com bugalhos. Calvino considerava que o sagrado é sério por excelência, e, portanto, intocável. Fazê-lo objeto de escárnio, em sua opinião, é sacrilégio e blasfêmia; é atacar o próprio fundamento da existência.¹⁰

Graças a... Deus (!), há contrapontos: Erasmo de Roterdã é da turma dos engraçadinhos, e chega a fazer trocadilhos com o Cristo, introduzindo a brincadeira na religião, algo simplesmente insuportável para qualquer fanático que se preze. O teólogo holandês, como seria de se esperar, colecionou polêmicas e desavenças com a Igreja Católica, em uma demonstração de que a fusão entre humor e sagrado não foi tradicionalmente bem aceita ao longo dos séculos. O Concílio de Trento¹¹, por exemplo,

⁹ MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: ed. Unesp, 2003, p. 283.

¹⁰ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 295.

¹¹ série de reuniões de cunho religioso, realizada ao longo de 18 anos, no séc. XVI. Tinha como objetivo reafirmar dogmas da fé católica, frente ao avanço do protestantismo.

condena todos aqueles que se servem dos episódios e das palavras das Escrituras em “bufonarias, fábulas, vaidades”.¹²

Claro, a simples proibição pela Igreja não significava que não existisse. Em *Apologia para Heródoto*, por exemplo, o filólogo e humanista francês Henri Estienne ridiculariza a Bíblia, ao zombar de seus episódios inverossímeis e nebulosos, chegando a escarnecer dos milagres nela contidos.¹³ Por volta de 1540, começa-se a falar, à boca pequena, de um livro de autoria incerta que ridicularizava as três religiões reveladas: a judaica, a cristã e a muçulmana. *De tribus impostoribus* era o título da obra, e os três impostores a que o título se refere eram justamente os profetas máximos destas religiões: Moisés, Jesus e Maomé.

Riso e fé, em meados do séc. XVI, parecem a ponto de divorciar-se, para lamentação do teólogo alemão Martinho Lutero, para quem Deus e o diabo (ou Deus e o Diabo, a gosto do freguês) caçoam um do outro, riem de forma maldosa de suas desventuras mútuas. Outro protestante, o suíço Pierre Viret, vai pela mesma linha de pensamento: “Não nego que é necessário tratar a palavra de Deus com grande honra e reverência; mas eu gostaria muito que eles considerassem que a palavra de Deus não é tão severa e tétrica, ela tem ironias, farsas, brincadeiras honestas, remoques e ditos convenientes a sua gravidade e majestade”.¹⁴

O divórcio, à esta altura, parece consumado: de um lado, os puritanos, adeptos de uma reforma radical, intolerante e carrancuda; de outro, praticantes de uma religião sincretista, que não veem a mistura do sagrado e do profano como algo do “coisa ruim”.

Dentro deste contexto, de sisudez e sobriedade, fica mais fácil compreender que autoridades religiosas e civis tenham tentado, em vão, censurar, por exemplo, as impertinências da *commedia dell’arte*, que, em uma espécie de carnaval sobre o palco, subvertia o status quo ao apresentar serviçais que mandam em seus senhores. Usando e abusando do burlesco – que o autor francês Jean Emelina definiu como um gênero impertinente, ligeiro, trivial, desrespeitoso, ousado, elegantemente indecente, brincalhão, jovial, parodístico e às vezes iconoclasta¹⁵ – a *commedia dell’arte* se propõe a cumprir uma função de desrecalque, no sentido popular do termo, como se

¹² MINOIS, G. op. cit., p. 296.

¹³ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 296.

¹⁴ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 297-8.

¹⁵ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 302.

representasse uma libertação de tudo o que pesa sobre o indivíduo e a sociedade. Arlequim que o diga.

O riso se insinua por todas as imperfeições humanas. É uma constatação de decadência e, ao mesmo tempo, um consolo, uma conduta de compensação (e compreensão), para escapar ao desespero e à angústia: rir para não chorar. Esse riso de autoderrisão é uma forma de encarar (e escancarar) o fato de sermos tão pequenos, insignificantes. Mais ou menos como o riso do palhaço, que ri de sua própria condição. Somos pífios! É esse riso que a Igreja recrimina; ela prefere que choremos.

São Efraim, em seu *Discurso sobre os risos e divertimentos*, condena veementemente o riso, ao tratá-lo como algo não edificante, e que não conserva os “edifícios espirituais”. Mais que isso: afugenta o Espírito Santo, é nocivo à alma e corrompe o corpo. Por considerar que o riso bane as virtudes, suplica: “Senhor, afastai de mim o riso e concedei-me o luto e os gemidos que Deus deseja de mim. (...) Tenhamos, portanto, alegria e leveza no rosto, regozijando-nos com os dons de Deus no Espírito Santo. Mas chorando e gemendo em espírito e em pensamento”,¹⁶ encerra ele, gemedor que só.

A “história santa” é séria por excelência, pois, de acordo com sua ética, não se deve brincar com a salvação eterna da humanidade. A partir de suas observações antropológicas, o viajante francês Jean de La Roque escreve, em 1718, que para os árabes, os que riem facilmente por qualquer coisa têm espírito fraco e malformado, e que este ar risonho e satisfeito só seria aceitável em moças e mulheres jovens.¹⁷

O riso humilha, provoca, é malevolente e afirma o triunfo sobre o inimigo. Partindo desta premissa, muitos padres – sobretudo a partir da segunda metade do século XVII – dedicaram-se a combater risos e regozijos, “festas do diabo”.¹⁸ Para estes sacerdotes, era inconcebível e inaceitável que, diante das agruras do mundo e do sofrimento humano, alguém se comprazesse a ponto de... rir. A lágrima, a dor e o sentimento de piedade, estes sim, deveriam imperar. O clero, então, despende um esforço tremendo em banir qualquer espécie de hilaridade das relações sociais. A diretriz clerical dizia que o padre-modelo deveria vigiar-se para não rir, sem, contudo,

¹⁶ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 149.

¹⁷ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 114.

¹⁸ Segundo definição de Philippe d’Outreman, citado por MINOIS, G. op. cit., p. 340.

estar triste. Os regulamentos de todos os seminários insistem na necessidade de ser sério, uma vez que, segundo eles, só se está neste mundo para fazer penitência.¹⁹

O bispo cortesão Jacques-Bénigne Bossuet, por exemplo, publica, em 1694, a obra *Máximas e reflexões sobre a comédia*, um verdadeiro pilar da luta contra o riso. Para ele, a derrisão é o último excesso e o triunfo do orgulho, e qualquer espécie de zombaria seria absolutamente condenável. Nada escapa: bufonaria ou brincadeira leve, um humor desbragado ou mesmo um contido, tudo o que pode contribuir para provocar riso é por ele considerado um vício.²⁰ Bossuet chega ao ponto de afirmar que é desonesto ser divertido, sobretudo se for por profissão, austeridade que rende frutos à Igreja, já que se nota um envelhecimento do riso renascentista, refletido na evolução do gosto literário para o sério. O que era vinho no Renascimento, torna-se vinagre na época clássica, uma vez que as autoridades defendem, agora, um mundo, enfim, civilizado e ordenado, em contraposição ao riso, esta expressão caótica, subversiva, desequilibrada, esse espasmo descordenado de músculos que é uma gargalhada.

O filósofo ateu Thomas Hobbes analisa o riso a partir do ponto de vista psicológico, social e moral. Curiosamente, Hobbes possui afinidades com o bispo Bossuet: para ambos, o riso é uma manifestação de orgulho, vaidade e de desprezo pelos outros. Em *Leviatã*, por exemplo, Hobbes afirma que rir muito dos defeitos dos outros é sinal de pequenez de espírito, já que a marca dos grandes espíritos é ajudar os outros a se libertar do desprezo e comparar-se apenas com os maiores.²¹

As imagens propagadas pelas igrejas católicas aos quatro cantos mostram um Jesus que sofre, crucificado, martirizado. O contexto do entorno não ajudava, é bem verdade: eram tempos de angústia, em que impostos do Império Romano oprimiam um povo sem pátria e o aparecimento de diversas seitas no próprio segmento judaico geravam disputas internas e acirravam intrigas. A desconfiança invadira a alma do povo judeu que, já espalhado e separado fisicamente enfrentava agora a desagregação entre os seus próprios pares.²² Como se não bastasse, Jesus ainda sofre uma injusta condenação à morte. Rir, só se fosse para não chorar.

¹⁹ MINOIS, G. op. cit., p. 344.

²⁰ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 354.

²¹ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 363.

²² ELLAM, J. A. *O sorriso do mestre*. Limeira: ed. Conhecimento, 2001, p. 9.

Apesar disso, há quem assegure que Jesus sorrisse. “E muito. Não aquele riso afetado e barulhento. Mas aquele que vem do fundo d’alma, expressado com toda suavidade e ternura”²³, afirma Jan Val Ellam, em sua obra *O Sorriso do Mestre*, dedicada justamente a este questionamento: como supor que alguém que é só amor e ternura não risse – ou sequer sorrisse?

Fato é que as páginas do Evangelho não trazem nenhuma passagem em que apareça Jesus rindo – ou mesmo sorrindo. E, independente da discussão se ele ria ou não, o fato de não haver esta passagem no livro sagrado dos católicos não deixa de ser representativo: historicamente, o riso não é bem-vindo no Catolicismo, nem mesmo no Cristianismo, junção de todas as religiões que creem em Jesus como o Redentor.

Nenhum texto canônico descreve um riso sequer de Jesus. Será que ele não podia rir? Poder, podia, uma vez que, encarnado, assumia integralmente a qualidades humanas. O fato é que o Cristianismo demorou muito a mostrar alguma afeição ao riso. Muitos representantes da Igreja se opuseram, ao longo da História, à utilização do riso na pregação. Dante Alighieri chega a escrever a utilização do riso na pregação como um procedimento grosseiro, demagógico e populista.²⁴

O fato de o riso ser aparentemente evitado no Cristianismo se explica, em parte, pelo fato de estar mais ligado à imperfeição, à defasagem permanente entre o que somos e o que deveríamos ser. Minois escreve que Adão e Eva não têm do quê rir: são perfeitos, eternamente belos e jovens, caminham nus sem nenhuma vergonha (que não a da Eva) em um jardim onde tudo é harmonioso. Não há sequer o riso de satisfação, já que esta é obtida com a extinção de alguma carência. E como não havia carência... “O ó”, diria o diabo. Mas eis que o pecado original é cometido e tudo se desequilibra. “Aí sim o riso aparece. Agora, pode-se rir. Há do quê rir: do outro, desse fantoche ridículo, nu, que tem um sexo, que peida e arrotta, que defeca, que se fere, que cai, que se engana, que se prejudica, que se torna feio, que envelhece e que morre – um ser humano, bolas!, uma criatura decaída”.²⁵

Ainda, no entanto, que não traga a figura de Jesus mexendo os músculos da face no que poderia ser lido como um riso, não se pode afirmar que o riso não esteja contido na Bíblia, ainda que as passagens costumem mais se referir a um júbilo interno que a

²³ ELLAM, J. A., p. 10.

²⁴ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 236.

²⁵ MINOIS, G. op. cit., p. 112.

uma exteriorização desta alegria. Algumas exceções poderiam ser consideradas as seguintes: E Sara disse: “Deus me encheu de riso, e todos os que souberem disso rirão comigo”. (Gênesis 21:6), “Bem-aventurados vocês que agora têm fome, pois serão satisfeitos. Bem-aventurados vocês que agora choram, pois haverão de rir”. (Lucas 6:21); “Deus subiu em meio a gritos de alegria; o Senhor, em meio ao som de trombetas” (Salmos 47:5).

Nem só de abades severos e bispos carrancudos, no entanto, vive o Cristianismo. Mas foram necessários cerca de 1200 longos anos para que a Teologia viesse a permitir uma pequena abertura ao riso. No séc. XII, o arcebispo de Tours, Hildebert de Lavardin, admite a legitimidade de certas brincadeiras que permitem relaxar. Em princípio, no entanto, o riso continua tido como algo “mau, feio e bobo”, uma vez que foi inspirado pela carne e nos induz ao erro. Apesar disso, é possível distinguir uma alegria boa de uma má. Admite-se a possibilidade de um riso celeste, mas que seria um riso do coração, não do corpo. O arcebispo francês Pierre de la Châtre, por exemplo, impunha tantas restrições ao riso – que deve ser de curta duração, silencioso e discreto – que o torna praticamente impossível.²⁶

Em 1611, o filósofo e humanista Erycius Puteanus defende, academicamente na Universidade de Louvain, a posição de Demócrito, do riso como expressão de sabedoria, e argumenta que se Cristo, Deus feito homem, nunca riu, assim escolheu-o para justamente nos mostrar que o verdadeiro riso é divino; o riso virá tão logo seja abandonada a condição humana.²⁷

São Tomás de Aquino volta-se diversas vezes para a questão do riso. Para ele, os inimigos do riso, que ele considera pessoas difíceis de suportar, são pecadores – pecadores contra a razão. E explica: “Tudo o que vai contra a razão é vicioso. Ora, é ir contra a razão ser um fardo para os outros, por exemplo, não se mostrando alegre e impedindo que os outros o sejam (...) Pecar é nunca brincar e fazer cara feia àqueles que brincam, repreendendo sua diversão, mesmo moderada (...) A austeridade, que é uma

²⁶ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 234.

²⁷ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 384.

virtude, só exclui os regozijos excessivos e desregrados; ela se prende à afabilidade, que Aristóteles chama de amizade, eutrapelia²⁸ ou alegria”.²⁹

Coerente, o frei italiano legitima a distração honesta, assim como a profissão daqueles que propiciam a distração, os comediantes, desde que sejam moderados e não extrapolem o limite do bom senso. Para Tomás de Aquino, não se deve brincar com o que é respeitável: a religião, os textos sagrados, os justos, os poderosos, os parentes e os fracos. Além disso, o riso nunca deve ser de escárnio ou de zombaria.³⁰

A esta ala do riso “paz e amor” – em contraste com a austeridade da maior parte dos representantes eclesiásticos de então – também pertence o sacerdote francês Francisco de Sales, que reabilita a eutrapelia e faz dela uma qualidade de “modesta alegria e jovialidade”, que gera um riso são e santo, por oposição ao riso zombeteiro. Ele elogia, por exemplo, o riso originário dos jogos de palavras, e ressalta que o riso é bom, mas não qualquer riso, e, como em uma cartilha de boas maneiras, sugere: “É preciso apenas evitar passar da jovialidade honesta à zombaria. Ora, a zombaria provoca o riso pelo desprezo e pela humilhação do próximo; mas a alegria provoca o riso pela simples liberdade, confiança e familiaridade franca, unidas à gentileza da palavra”.³¹ Algo parecido com os conselhos de Victor Hugo, quando escreve, em seu poema “Desejos”, que o riso diário é bom; o riso habitual, insosso; e o riso constante, insano. Ao que o músico Roberto Frejat vaticinou, em “Amor Pra Recomeçar”, releitura do poema do pensador francês: rir é bom, mas rir de tudo é desespero.

Na mesma linhagem de São Tomás de Aquino e Francisco de Sales está o padre Étienne Binet, que defende, em sua obra *Consolação e regozijos para os doentes e pessoas aflitas*, publicada em 1620, que rir é a melhor arma contra o diabo, por ele definido como um triste senhor; é também o melhor medicamento, remédio universal para o corpo e para o espírito.³² Neste sentido, o humor teria um efeito terapêutico, algo que se ventila desde Hipócrates.

O padre francês Pierre de Besse vai além: em 1615 ele publica *Demócrito Cristão*, onde defende que o riso não deve ter limites: “É preciso que eu ria, ridicularize,

²⁸ Virtude de moderação, que se manifesta por uma sadia alegria, oposta ao riso excessivo e agressivo. Segundo o dicionário Novo Aurélio, “eutrapelia” significa jocosidade inofensiva, delicada; maneira chistosa de zombar.

²⁹ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 234.

³⁰ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 235.

³¹ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 378.

³² Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 378.

bufoneie e zombe de tudo”. Sobre Demócrito, diz: “Se ele ri, não pense que com isso está zombando; porque, rindo, ele diz verdades e, zombando, não deixa de ser sábio”.³³ Ao contrário da corrente majoritária da Igreja, que defende a salvação pelas lágrimas, para o sacerdote francês entregar-se ao choro denota fraqueza de coração e falta de coragem, no melhor estilo “homem não chora”. “Mas rir e zombar no auge da aflição é desafiar as próprias vaidades do mundo, é mostrar virtude e demonstrar que se é homem”. Como se nota, rir, para ele, era coisa séria.

Mas se engana quem pensa que fazer troça era exclusividade de padres franceses no séc. XVII, por qualquer motivo que fosse (franceses, sobretudo parisienses, não são conhecidos exatamente pelo bom humor). Sequer de homens era uma exclusividade, embora sejam escassos os relatos do riso entre mulheres religiosas, a mística flamenga Maria Petyt, que ria dos próprios sofrimentos, uma delas.

Passeando pelos exemplos de clérigos como Bossuet e Francisco de Sales, percebe-se que há, na Igreja do século XVII, uma dicotomia entre os que atacam e aqueles que defendem o riso. Definitivamente, o humor e o sagrado têm dificuldade de entrar em um acordo. Esta ambivalência é representada no livro *A peregrinação de Duyfkens e de Willemynkens*, publicado em Bruxelas em 1627. Duyfkens e Willemynkens são duas irmãs que representam, respectivamente, a seriedade da vida religiosa e o riso profano. Willemynkens retoma a velha posição do riso como próprio do homem, de elemento de recreação que assegura o equilíbrio e Duyfkens considera que a única alegria lícita é a que vem da religião. Para uma, o riso é impensável; para outra, indispensável.

O embate entre seriedade e humor parece ser próprio do ser humano e aparece em outros momentos e movimentos, como o classicismo e sua sobriedade, seu lado sério, solene e congelado; e o barroco e seu lado recreativo, vivaz, mutante. Como uma gargalhada não pode ser eterna, e, assim como o carnaval, tem seu fim, o sério invariavelmente readquire seu espaço. No fundo, não passam de faces da mesma moeda.

2.2 – Humor à la Alá: O que o Islã pensa do riso

Tradicionalmente, a prática religiosa, qualquer que seja ela, não é afeita a muitas brincadeiras – não por acaso templos religiosos costumam ser locais em que adultos

³³ Citado por MINOIS, G. op. cit., p. 382.

adoram e crianças detestam. Com as três grandes tradições monoteístas – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo – não é diferente. Se a intenção é encontrar passagens que contenham algum tipo de gracejo, os livros sagrados não são, definitivamente, o melhor lugar para buscá-las. Não deixa de ser curioso: ainda que lidem com questões espirituais, a Bíblia e o Torá não costumam ser espirituosos. O Alcorão tampouco. Os devotos que interpretam estes livros sagrados costumam levá-los (e levar-se) a sério, e bastante. O que não quer dizer, naturalmente, que não haja praticantes destas doutrinas abertos a manifestações humorísticas. E nem que não haja correntes mais simpáticas a uma visão de mundo mais risonha, como por exemplo algumas linhas do Budismo, ou mesmo dentro do Islamismo. O Sufismo, por exemplo, não só é permissivo, como chega a celebrar o humor, a alegria de viver. Hostil à ortodoxia muçulmana, o Sufismo, tal qual Nietzsche, não crê em um deus que não saiba dançar: baseia-se na música e na dança para estabelecer um conexão direta com a divindade. Historicamente há, inclusive, diversos casos de tensão na interpretação da sharia³⁴ com relação a essas práticas sufistas.

O filósofo e sábio satírico Nasrudin é um personagem folclórico muito caro aos sufistas. Afeito à figura arquetípica do *trickster*, do pregador de peças, Nasrudin aparece em muitas histórias de humor disseminadas pela tradição Sufi. De origem controversa (seria turco, grego, afegão, cazaque?), mesmo sua existência – acredita-se na segunda metade do século XIII – é algo posto em xeque por alguns, que cogitam até que tenha sido um personagem criado pelos sufis para disseminar ensinamentos através do humor. Sua personalidade também varia de anedota para anedota: ora tolo, alvo de piadas; ora sábio, espirituoso. O certo é que histórias que envolvem Nasrudin sempre trazem piadas de humor sutil e um certo tipo de mensagem pedagógica ao final do relato – estratégia semelhante à dos contos de fadas. Mas vai além da piada seguida de uma “moral da história”: geralmente remete a um ensinamento com certo potencial místico.

Antes de introduzir qualquer observação sobre a relação entre Islamismo e humor, é necessário observar que não se pode (ou não se deve) reduzir as diversas maneiras de se professar a fé, qualquer que seja ela, a uma única experiência, negando-se, desta maneira, as diferentes maneiras de existir enquanto muçulmano, por exemplo.

³⁴ Também grafada de *xaria*, é o direito islâmico, que não se separa da religião em sociedades que adotam o Islã como religião, ao contrário do que acontece na maioria das sociedades ocidentais. O Corão é a mais importante fonte de jurisprudência islâmica.

Cabe, assim, evocar teóricos da filosofia da diferença, como Nietzsche, Foucault e Deleuze – este, com sua obra-referência sobre o tema, “Diferença e Repetição” – a fim de se refutar uma construção identitária platônica, calcada na semelhança e, por conseguinte, na negação da diferença. Se somos diferentes em nós mesmos, como vaticinaram (e vacinaram) estes “filósofos da diferença”, o conceito de uma (suposta) identidade – una, coerente e indivisível – se mostra precária de antemão, e se desfaz como tudo o que é sólido se desmancha no ar, não resistindo sequer à primeira contradição.

Isto posto, é necessário um esforço intelectual a fim de ressignificar a imagem islâmica que vem se propagando no Ocidente desde que a expansão e o domínio (ou “invasão” como querem os ocidentais) mouro na Península Ibérica suscitou ódios. Basta notar que em *Os Lusíadas*, Camões se refere a Maomé como “torpe Mofamede” e “vil ismaelita”. É preciso empenhar-se em rejeitar qualquer discriminação ou associação – consciente ou não – que se faça entre Islã e fanatismo ou, que dirá, terrorismo, algo que não é raro de se ver, infelizmente, até por mentes que se creem esclarecidas. Mais que situar o fanatismo como uma construção histórica, um processo de subjetivação a partir do nacionalismo, o escritor israelense Amós Oz, em seu *Contra o Fanatismo*, situa-o, de forma um tanto dramática, como algo inerente ao próprio humano: “O fanatismo é mais antigo que o Islã, mais velho que o Cristianismo, que o Judaísmo, que qualquer Estado, governo ou sistema político, que qualquer ideologia ou fé no mundo. O fanatismo é, infelizmente, um componente onipresente da natureza humana, um gene do mal”³⁵. Em seguida, dá uma curiosa definição para o fanático: um ponto de exclamação ambulante. Essa frequente associação se dá também por responsabilidade de parte da grande mídia, que não costuma empreender esforços para desconstruir o rótulo. Para além de “islamofobia”, esta palavra da moda, trata-se do “bom” e velho racismo.

Ainda que esteja associada a práticas rigorosas e a uma seriedade incomum aos olhos ocidentais, isto não significa, em absoluto, que o Islã não defenda valores de tolerância, ou que não haja muçulmanos que advoguem, por exemplo, pela laicidade do Estado, vinculados à tradição da modernidade.³⁶ Vincular a religião islâmica a práticas

³⁵ OZ, A. *Contra o fanatismo*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 14-15.

³⁶ Na França, por exemplo, foi criada em 17 de dezembro de 2004, a *Association du Manifeste des libérés*, que reúne homens e mulheres ligados ao islamismo, favoráveis à laicidade, por uma cultura da liberdade e contra o “islamismo totalitário e os Estados despóticos”. Ver o *Texto de Fundação*, disponível em http://www.manifeste.org/article.php3?id_article=113, e, também, o endereço

vingativas, como se somente o Corão tivesse passagens que remontem à fúria divina, e a Bíblia não as possuísse é igualmente um erro (“O Senhor vingativo lhes dará a merecida recompensa”, lê-se em Jeremias, L1,2). E, ainda que as charges se proponham a provocar o riso, é direito do fiel religioso resistir ao riso e recriminá-lo, se considerá-lo uma ofensa. Ninguém está isento de sentir-se ofendido, e, se não compreender, ao menos respeitar a dor do outro é um exercício de empatia fundamental (não fundamentalista) para uma vida em sociedade.

Agora, o Islã. De antemão, e ainda no empático exercício de “outrar-se”, é preciso assumir algumas premissas básicas, o que não é tão difícil para quem possui alguma capacidade de abstração. Para falar sobre a primeira delas, cabe um exercício de imaginação: pense que você tem tanto respeito por alguém que chega mesmo a venerá-lo, a ponto de defender esta pessoa com a própria vida, se preciso for. Vocês estão caminhando pela rua quando alguém que vem no sentido oposto faz a esta pessoa, de maneira inadvertida, algo que você considera ultrajante, uma falta grave. O que você faz? Pois bem, a pessoa por quem você tem grande consideração é ninguém menos que Maomé, e peço, desde já, que ninguém tenha em má conta este exemplo e me acuse de falsa simetria. Trata-se tão somente de uma tentativa de ser didático, para que se tenha uma (pequena) ideia da dimensão da treta. Se, porventura, ainda não tiver entendido, não precisa entender, ocidental, basta respeitar este sentimento.

A simples representação de Maomé é algo ofensivo para o muçulmano médio, e nem é necessário um suporte que prima pela deturpação das formas, como é a caricatura, para que seja considerado um desrespeito. Ainda que houvesse uma foto de Maomé, representá-lo através desta foto seria uma ofensa para um praticante da fé islâmica. Mais: segundo Haddad (1981), a mera grafia ou pronúncia diferente de “Mohammad” (como Maomé, Mafoma, Mofamede e Taverger) são depreciativas ou racistas.³⁷ (ainda bem que Mamonas Assassinas e seu “tem gay que é Mohamed” não se popularizaram em nações islâmicas). Considerando que já se pode assumir como um uso disseminado, e que não se tem notícia de que esta tenha se tornado uma pauta relevante, continuaremos a usar “Maomé”.

http://www.manifeste.org/rubrique.php3?id_rubrique=23. A *Association du Manifeste des libérés* publicou vários artigos sobre “A censura em nome do Islã”, disponível em: http://www.manifeste.org/rubrique.php3?id_rubrique=51

³⁷ HADDAD, J. A. *O que é islamismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 5.

Em segundo lugar, blasfêmia é uma falta bastante grave para o povo muçulmano. Não que para o católico não seja, mas para o professante da fé islâmica, ela tem um peso ainda maior. O próprio significado do nome “islamismo” (submissão a Deus) dá o tom. Analisando-se por este viés, não é de todo incompreensível que haja, ainda hoje em dia, muito mais muçulmanos adeptos de uma guerra santa do que praticantes de outras religiões: a submissão é algo intrínseco à fé islâmica. A esta guerra comumente dá-se o nome de *jihad*. Embora o termo, sobretudo no Ocidente, tenha se tornado sinônimo de terrorismo, seu significado original é o de “esforço” ou “luta”, e pode significar também a luta interna de um indivíduo contra seus instintos básicos e o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana. Por esta razão, alguns muçulmanos preferem usar, em vez de “jihadistas”, o termo “pervertidos”, para se referir a muçulmanos que se desviaram dos ensinamentos religiosos.³⁸ Estes, “atraídos” por uma espécie de “senha especial” que dá acesso ao paraíso para quem morre pela fé, não se furtam a tirar a própria vida – e desgraçadamente a dos outros – em nome da honra do Islã. Há, como em qualquer religião, o Islã fanático (que fanáticos preferem chamar de “radical”), que se crê moralmente superior, e o moderado, comumente associado aos sunitas. Para estes, Maomé não deixou sucessores, e a revelação islâmica se encerrou com sua morte. Assim, basta a este fiel seguir as “Sunas”, o caminho trilhado pelo Profeta, seus ensinamentos. Já os xiitas reivindicaram Ali, primo e genro de Maomé, como herdeiro. E, como em qualquer religião, muito da diferença entre as várias correntes (mesmo dentre os xiitas) vai de quão literalmente decide se interpretar os textos do livro sagrado. A nona sura (capítulo) do Alcorão, por exemplo, diz: “Matai os idólatras onde quer que os encontréis, capturai-os e cercai-os e usai de emboscadas contra eles”. Um prato cheio para instintos violentos ocultos.

E o que querem os islâmicos fanáticos (ou radicais, a gosto do freguês)? Mesmo que não esteja no escopo do objeto de estudo deste trabalho, é importante tentar compreender, ainda no exercício de outrar-se. O que a maioria dos grupos fundamentalistas muçulmanos têm em comum é um desejo de reparar a frustração e a revolta contra o que se consideram uma “invasão da mentalidade ocidental, representada pelo consumismo, materialismo, poder excessivo da técnica e da ciência, perda dos valores tradicionais, invasão da subcultura; e a crença que o único antídoto, a única

³⁸ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/o-que-e-o-jihadismo.html>

alternativa, é a aplicação da *Shari'ah*".³⁹ Neste sentido, até mesmo o sistema democrático (partidário) faz parte desta "invasão", sendo considerado uma imposição alheia à mentalidade muçulmana. Portanto, o simples julgamento da mentalidade (não a prática) destes grupos deve ser problematizado. A prática não, pois não deve – ou não deveria – haver tolerância para o terrorismo.

Pela já citada submissão a Deus, fundamentalistas islâmicos, bem como fundamentalistas de qualquer religião, "querem obrigar todo o mundo a obedecer a Deus, e até a amá-Lo"; enquanto na mentalidade cristã e ocidental a formulação aceita seria: "Ame Deus e, conseqüentemente, obedeça-Lhe".⁴⁰ Ser temente a Deus é algo muito caro aos muçulmanos. O que choca frontalmente com a liberdade (de ser iconoclasta, inclusive) que defende para si, qualquer que seja seu suporte, uma fala humorística. Acontece que comediantes não costumam lidar bem com amarras.

Para Charb – que rejeita o termo "islamofobia" por considerar que o que existe é o velho (e nada bom) racismo – muito do estigma que se criou em torno da religião islâmica se deve ao tratamento caricato que parte da grande mídia só faz corroborar quando o associa ao medo, porque o medo "vende bem". "O jornalista que pede a um muçulmano para comentar a 'ascensão da islamofobia' só está pedindo, afinal, um comentário sobre aquilo que a própria mídia criou. Ele contribui para amplificar um problema e em seguida finge se espantar com a existência e a persistência desse problema" (CHARBONNIER, 2015, p. 32-33). Para ele, esta representação seria uma caricatura do Islamismo, e não deixa de ser irônico que os "caçadores de islamóforos" se irrite quando se faz uma caricatura assumida, referindo às polêmicas charges de Maomé, que analisaremos no capítulo 3.

2.3 – Eu rio sim, estou vivendo. Tem gente que não ri e está matando: Humor e fanatismo religioso

Muito do que as religiões condenam no riso tem a ver com o que seria um desrespeito ao Deus Pai, Todo-Poderoso, a quem devemos ser tementes. Neste sentido, é comum apelar-se a um Deus onisciente e punitivo, a quem convém ser obediente e seguir à risca seus postulados, que, aceita-se, teriam sido transcritos nos livros sagrados. Uma forma de convencer adultos a terem boas maneiras e se portarem bem, se a

³⁹ CATTANI, R. *Islam e islamismo*. São Paulo: Claridade, 2008, p. 57-58.

⁴⁰ CATTANI, R. op. cit., p. 58.

intenção for ganhar presentinho a cada final de ano. Convém andar na linha e ser o aluno exemplar.

Foucault concentra boa parte de seu raciocínio para abordar a docilização dos corpos através da disciplina, e chama a atenção para a importância das minúcias das técnicas da disciplina “porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova ‘microfísica’ do poder”, para mais adiante, dentro de uma perspectiva histórica, lembrar: “Durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares” (FOUCAULT, 2011, p. 144) O pensador francês é categórico ao afirmar que um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente.

E o que é a gargalhada, uma respiração irregular e descompassada, senão justamente o oposto disso tudo? – a criança endiabrada que senta no fundo da sala e atrapalha o bom andamento da aula – ou da catequese, como preferir. O que é o humor senão a resistência – pela via da criação, e muitas vezes de forma subversiva – a esta instituição absolutamente disciplinar chamada “religião”? O humor subversivo, transgressor se preocupa mais em desconstruir que em produzir, construir algo. Se a disciplina se utiliza do princípio da não ociosidade, visando o aproveitamento total do tempo, o humorista se identifica mais com os que têm tempo a perder, tal qual os filósofos. E mais: o *dolce far niente* é inclusive interessante para que se atinja o distanciamento crítico necessário à visão humorística. O ócio como ferramenta criativa. Caos, desordem e imperfeição são palavras muito mais ligadas à gênese do humor, quase sempre iconoclasta. Se a disciplina enclausura, impõe limitações ou obrigações e almeja a obediência cega, o humor quer a rebeldia consciente para, em última instância, libertar. Uma acorrenta; o outro, “incorreta”.

Em 2013, o canal humorístico Porta dos Fundos preparou um especial de natal que acabou em polêmica com alguns grupos católicos. O vídeo em questão – uma paródia do nascimento de Jesus escrita pelo humorista Fábio Porchat – desencadeou uma forte rejeição, e uma petição *online* chegou a ser criada com o objetivo de que o patrocinador do canal retirasse seu aporte financeiro. “O tom dos vídeos dá a entender que os responsáveis não estão fazendo verdadeiro humor, mas canalizando seu ódio e aversão aos valores religiosos e, particularmente, a todas as pessoas que creem em Jesus

Cristo”, diz um texto explicativo anexo ao documento, que se refere ao Porta dos Fundos como “um grupo que promove a discriminação e o escárnio dos cristãos e do cristianismo”. Como pontos nevrálgicos do vídeo, a página da petição destaca passagens como “O cara é Deus. Se ele quisesse ele te engravidava” [personagem que representa o anjo Gabriel falando com o personagem que representa José] e “Querido, relaxa, que o pessoal acredita em qualquer coisa... vai por mim” [personagem que representa Deus falando com o personagem que representa José]. O documento, assinado por quase 25 mil subscritores, foi impulsionado inclusive pelo arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Odilo Scherer. Alegando o princípio constitucional da liberdade de expressão, a empresa não acatou ao pedido, mas emitiu um comunicado de repúdio ao conteúdo do vídeo.

Não ficou por isso: o deputado pastor Marcos Feliciano (PSC-SP), fundamentalista cristão – que em agosto do mesmo ano havia empreendido campanha em uma rede social para retirar do ar o vídeo “Oh, meu Deus”, em que um ginecologista diz ter visto a imagem de Jesus na vagina de uma mulher – processou o coletivo, alegando “ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo”, pedindo indenização de R\$ 1 milhão. Como boa alma cristã, Marcos Feliciano chegou a afirmar que, vencendo a causa, doaria o dinheiro à Santa Casa de Misericórdia. Em seu parecer sobre o caso, a procuradora regional da República Maria Helena de Paula, entendeu que não houve choque entre as liberdades de expressão e de religião: “A liberdade de expressão só deve sofrer restrições em situações extremas, visando à proteção de outro direito fundamental. Como não há no vídeo incitação ao ódio, nem ridicularização de fiéis, ele não caracteriza ofensa à dignidade dos cristãos”, concluiu. Após o arquivamento do primeiro processo, a boa alma do pastor revelou-se, e Feliciano disse que “por ele, estão perdoados, como sempre ensinou Jesus”. O que não o impediu de entrar com outros dois processos, posteriormente. Os três foram negados, uma ironia bíblica que talvez só Pedro explique.

Curiosamente, um fundamentalista católico disfarçado de missionário religioso chamado Anderson Reis sugere que o grupo não faz tais “ataques” a muçulmanos porque sabem que a reação será pesada, e termina o vídeo de tom raivoso, e que teve pouco mais de 200 mil visualizações, invocando (e distorcendo) Filipenses I, versículo 16 “Tenho por mim a missão da defesa do Evangelho”, para finalizar com um enfático

“Estamos prontos para a luta e para defender a honra do Deus que nós amamos e estamos dispostos a derramar o sangue por ele”. Em tempo, em Filipenses 1:16 lê-se “Estes o fazem por amor, sabendo que aqui me encontro para a defesa do evangelho”. Ainda na seara do “curiosamente”, Gregório Duvivier, um dos fundadores do Porta dos Fundos, foi interpelado por Marcos Feliciano em um contato telefônico ao programa Pânico no Rádio, do qual o humorista participava, sobre o motivo de não fazer piadas com o Islã, ao que o comediante prontamente respondeu: “Porque não tem nenhum deputado islâmico roubando o meu dinheiro, senhor”.

Não foram os únicos casos. Além de situações que ficaram na ameaça – por exemplo por “associar a Santa Ceia ao consumo de drogas”, no vídeo “Traficante gospel”, que sequer tem a Santa Ceia retratada – também por três vezes (e novamente as três negadas), a Associação Centro Dom Bosco de Fé e Cultura, uma entidade católica carioca, processou o Porta. Nas duas primeiras, pedindo indenizações milionárias: em 2017 pelo vídeo “Céu católico”⁴¹, no qual o texto de Fábio Porchat debocha dos critérios para se chegar ao céu. Na esquete, Hitler e Mussolini têm lugar cativo junto a Deus, por serem católicos e terem se arrependido de suas atrocidades, enquanto outros católicos, por terem cometido pecados menores como comer crustáceos ou trabalhar em dias santos – atitudes proibidas, segundo o Velho Testamento – não tiveram a mesma sorte. Mesmo almas notadamente evoluídas, como Gandhi ou Martin Luther King, não teriam seu lugar no céu, por pertencerem a outras vertentes religiosas. Tendo rigor teológico, a adoção do termo “católico” no nome do vídeo é incorreta, pois a adoção de práticas como não se alimentar de frutos do mar é comum entre judeus, não entre católicos. A crítica faria mais sentido se o nome do vídeo fosse, por exemplo, “Céu judaico-cristão”. A alegação para o processo da Dom Bosco, no entanto, seria uma ofensa à fé católica por mostrar os dois sanguinários ditadores no paraíso.

No ano seguinte, nova ação, desta vez pelo vídeo “Ele está no meio de nós”⁴², texto de Porchat que traz um casal que se dá conta de que Jesus Cristo está no mesmo quarto em que mantêm uma relação sexual, pois, como diz o título da esquete “ele está no meio de nós”. Mas nem o artigo 208 do Código Penal brasileiro, cujo texto diz que

⁴¹ www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2017/06/26/noticia-e-mais,208657/catolicos-processam-porta-dos-fundos-por-video-sobre-os-dez-mandamento.shtml, acessado em 10 de dezembro de 2019

⁴² www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/centro-catolico-pede-indenizacao-de-r-1-para-cada-visualizacao-de-video-do-porta-dos-fundos, acessado em 10 de dezembro de 2019

“escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa” – e que pode levar à pena de detenção, de um mês a um ano, ou multa – foram suficientes para dar ganho de causa à entidade católica. Resultado da volúpia processual da Dom Bosco: a instituição teve de arcar com mais de R\$ 36 mil de custas e taxas judiciárias, além dos honorários dos advogados da produtora, pois não conseguiu gratuidade de justiça e perdeu a ação.

Na terceira tentativa, o Centro entrou com ação por conta do vídeo “O corpo de Cristo”⁴³, mas desta vez, já calejado, requerendo uma indenização simbólica, apenas para que o vídeo fosse retirado do ar. Trocando em míúdos, para que fosse censurado. Uma vez mais, nada feito. Alexandre Fidalgo, advogado do coletivo, defende que o humor possa falar de qualquer tema: “Quando você exagera, comete alguma ofensa, você responde por ela. Mas não existe nenhuma condenação automática para alguém que faça humor com esses temas”.

Opiniões radicais não seriam algo digno de preocupação caso não ameaçassem, vez ou outra, consolidarem-se como norma. Em 2015, um projeto de lei do deputado estadual Fábio Silva (PMDB-RJ) previa multa de até R\$ 270 mil para quem satirizasse ou ridicularizasse qualquer aspecto religioso. Nem o apelo de citar a morte de 12 pessoas no atentado do Charlie Hebdo serviu para que o projeto fosse tratado de “AI-5 de Jesus” e devidamente arquivado.

Mas nem só de polêmica vive a relação entre humor e religião, e há casos de coexistência pacífica. Painho foi um personagem interpretado anos a fio por Chico Anysio, este monstro sagrado do humor – fundamentalistas religiosos que nos desculpem o uso de “monstro” e “sagrado” em uma mesma expressão. Era um maquiador pai-de-santo gay efeminado que comandava o “Abaitolá”. Um personagem politicamente incorreto e que dizia coisas igualmente “incorretas”, como o bullying à Cunhã, personagem negra retinta: “Socorro, a África está invadindo a Bahia!”. Da mesma forma, programas como TV Pirata, A Grande Família (através do personagem Pajé Murici) e Tá no Ar (e sua Galinha Preta Pintadinha) já satirizaram religiões de matrizes africanas e, embora inseridos em épocas distintas, em contextos sociais diferentes, não foram ventiladas polêmicas substanciais. Também não é raro que sejam exibidas as chamadas “pegadinhas” envolvendo macumbas. “Que néctar, Prabhu” faz

⁴³ www.paulopes.com.br/2018/07/dom-bosco-pede-censura-ao-corpo-de-cristo-de-porta-dos-fundos.html#.Xe-w0S_QgdU, acessado em 10 de de zembro de 2019

humor Hare Krishna “com pitadas de yoga... e curry”. O HQ Um Sábado Qualquer se propõe a oferecer, “através de um humor light”, a sua visão bem-humorada para o princípio do mundo, e ressalta, em seu texto de descrição, que “o Criador (das tiras) não pretende com elas agredir ou ofender qualquer crença religiosa”.

Outro exemplo bem-sucedido é Yuri Marçal, humorista carioca que vem fazendo números de *stand up comedy* de sucesso, e frequentemente aborda temas de religiões de matriz africana, sem que constem quaisquer registros de pessoas terem se sentido ofendidas com suas piadas. Neste caso, o fato de ser candomblecista – ou “macumbeiro”, como o próprio se define, a partir do conforto de seu lugar de fala – e de ter uma mãe que é mãe-de-santo confere ao comediante justamente este lugar de fala mais confortável, esta “autoridade” de quem fala sobre determinado assunto com propriedade. Conseqüentemente, isto faz com que o próprio comediante tenha menos receio de fazer humor com temas religiosos, uma vez que estes fazem parte de seu dia-a-dia. Assim, debochar de situações em que a mãe incorporava espíritos no meio do lanche da tarde com os amiguinhos de escola – e imitar as vozes da incorporação – torna-se algo natural para ele. Faz-se piada como quem escova os dentes, mas sempre com o distanciamento crítico que a visão humorística pressupõe.

Da mesma forma, o fato de ser negro menos que o autorizar, o avaliza (posto que se faz desnecessário qualquer tipo de autorização) a tirar sarro com o tema do racismo. Ao afirmar ter certeza de que Jesus Cristo era “preto” (ressalte-se a palavra usada, pois, caso o comediante fosse branco, provavelmente a palavra escolhida seria “negro”), por, mesmo sendo o filho de Deus, o enviado para salvar a humanidade, teve que ser carpinteiro, e que se fosse branco, Deus o mandaria engenheiro tranquilamente. Além disso, caminhou 40 dias no deserto, debaixo de um sol escaldante, resistindo às tentações do Diabo. Se Jesus fosse branco, bastaria que ao terceiro dia o Diabo oferecesse filtro solar para que o Messias não resistisse. “Daqui a pouco você vai ficar vermelho, ninguém vai saber quem é o capeta e quem é Jesus”, completa o humorista, debaixo de risadas.

É importante refutar, no entanto, que o tão comentado “lugar de fala” configure-se como condição *sine qua non* para a produção humorística, assim como acontece com qualquer produção artística. Ou seja: não são apenas comediantes negros que podem fazer piadas com religiões de matriz africana. Vale o exercício mental: caso fosse este

pressuposto algum tipo de regra, humoristas só poderiam fazer piadas de... humoristas. Da mesma forma, poetas só poderiam versar sobre poetas, dramaturgos apenas teriam autoridade para tratar de questões de seus pares e pintoras só poderiam retratar temas femininos em suas telas. E seguindo a lógica à risca, apenas gays poderiam escrever romances gays; somente loucos filmar sobre a loucura... as possibilidades são infinitas. Fato é que em se tratando de obras artísticas – e o humor não deixa de se inserir nesta categoria, uma vez que é fruto de uma criação – é absolutamente questionável que se parta de uma premissa incondicional de lugar de fala. A história das artes está repleta de belíssimas e memoráveis obras que ilustram o que se defende. Só para citar dois exemplos da música, estaríamos privados de todos os afro-sambas de Vinicius de Moraes, que jamais poderia se dizer “o branco mais preto do Brasil”, e Moacyr Luz nunca poderia compor uma letra que diz “Estranhou o quê? Preto pode ter o mesmo que você”. Aliás, levado à risca, o próprio fato de um branco cantar um samba poderia ser considerado “apropriação cultural”. Aliás, se pensarmos que o rock nasceu do blues... e por aí vai.

Para a afirmação de que “com Deus não se brinca”, em um vídeo do canal Igreja Evangélica Pica das Galáxias, o Pastor Arnaldo – personagem que satiriza evangélicos neopentecostais – é convidado por Jesus a se divertir em um parquinho. Em um clima pueril, os dois jogam bola, brincam de gangorra, balanço, escorrega... uma prova cabal, e absolutamente cristã, de que sim, se pode brincar com Deus.

3. Quem ri do que quer, ouve o que não quer – CASES DE INSUCESSO

“Creio no riso e nas lágrimas como antídotos
contra o ódio e o terror”

Charles Chaplin

Como se viu no capítulo anterior, nem sempre o humor é recebido como um visitante desejado. Muitas vezes ele é a visita que – por apontar que o talher está sujo ou a comida, mal-passada – é vista com restrições. Em alguns casos, *persona non grata* mesmo. O cunhado folgado que chega para o almoço de domingo e fica para a janta. E o que fazer quando este cunhado ainda por cima é falastrão? A analogia, se não muito acadêmica, terá cumprido sua função didática se o leitor conseguir visualizar o paralelismo com uma das manifestações do humor: as charges.

3.1 – Charge: muito mais que um chocolate da Nestlé

Charge vem do francês “charger” e sua tradução literal é “carga”. Por “carga” pode-se depreender que seja algo que traga consigo uma carga (!) de significados, o mais diretamente associado a um carregamento, um exagero na representação de algo ou alguém. Curiosamente, a palavra pode remeter inclusive a um ataque violento (carga de cavalaria).⁴⁴ Não custa lembrar¹² de outubro ainda o sentido figurado desta palavra, segundo o Dicionário Online de Português: aquilo que pode causar incômodo ou opressão.⁴⁵

Assim, trata-se, a charge, de uma carga de um assunto factual e jornalístico, uma produção artística que articula imagem e palavra (ainda que em alguns casos prescindida desta); humor e crítica social. Devido à característica de apoiar-se em um evento factual, a charge exige do leitor um conhecimento prévio do que está sendo dito, um discurso de referência. É justamente isto o que a diferencia de uma piada banal: na charge há, necessariamente, uma tomada de posição, ainda que não aparente à primeira vista. Mas a charge quase sempre pede uma segunda mirada, atenta e além (ou, no caso, aquém) da superfície.

⁴⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>. Acesado em 21/6/2021.

⁴⁵ www.dicio.com.br/carga

Tradicionalmente, as tentativas de compreensão do cômico basearam-se em textos literários e/ou teatrais. Vale, por isso – e, claro, por ser objeto de estudo deste trabalho – gastar algumas linhas para falar de características da charge, esta arma de grosso calibre a serviço da crítica social ou política e que traz consigo uma tentativa de chamar a atenção da opinião pública para uma mensagem que muitas vezes não cabe em um discurso jornalístico pretensamente imparcial. A charge é o lugar da licença poética carnavalesca, faz as vezes do bobo-da-corte do jornal; o espaço para se dizer, em tom de galhofa e iconoclastia, o que de outra forma assumiria tons panfletários. É o discurso oficioso que corrobora o oficial, e de maneira mais sedutora, por seu poder de síntese. Afinal, como se diz popularmente, “uma imagem vale mais que mil palavras”. A charge, assim, produz um “editorial às avessas”, “além de qualquer imparcialidade e objetividade, mas, sobretudo, *contra* a seriedade que marca o tom, a escrita normativa do jornal” (TEIXEIRA, 2005, p. 13-14).

Por convenção, a charge é anticonvencional, tem um quê de transgressão, de quebra de protocolos. Foge do naturalismo comedido e coloca uma “lente deformante” sobre ou a figura ou o objeto retratado, o que, naturalmente, nem sempre agrada. Que o diga Honoré Daumier, artista francês que, a despeito de ser conhecido em seu tempo como “Michelangelo da caricatura”, ficou preso por seis meses por ter retratado o rei Luis Felipe I como um homem enorme, que comia todo o ouro e até mesmo os seus súditos, em charge intitulada “Gargantua”.

Breve dose diária de subversão – afinal, sem a cachaça ninguém segura o rojão de mesmice – a charge lança mão de uma linguagem corrosiva em certa medida (nem sempre na medida certa), em que tudo é sublinhado, valorizado, ganha outra dimensão – maior e mais gaiata. Misture escracho, ironia, deboche, crítica, delicadeza e crueldade, bata no liquidificador e, *voilà*, tem-se uma saborosa charge. Súbito, com a rapidez de uma piscadela, o leitor liberta-se da prisão do “todo diz ele faz tudo sempre igual” e se transporta para um mundo idílico, em que tudo parece fazer mais sentido. E, mesmo que seja uma viagem tão efêmera quanto a velocidade do pensamento, ainda assim costuma ser prazerosa e merecedora de ser feita. Não à toa, como veremos no capítulo 5, Freud associa, em seu ensaio sobre o chiste, o prazer a uma quebra de inibições necessárias à vida civilizada e à cultura. Não à toa, Ernst Kris, em “Psicanálise da Arte” se refere à

caricatura – e à charge, pois não faz distinção entre uma e outra – como a “libertinagem da imaginação” (KRIS, sem data).

Charge é sempre texto, opinião, um “discurso que emerge de uma ruptura com uma determinada situação real (...) tornando visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta. A diferença produz sentido” (TEIXEIRA, 2005, p. 76-77). Esvaziado de realidade, mas pleno de conteúdo, para além do bom senso e do senso comum, “o não-senso da charge não é falta, mas excesso, ele significa que, nela, há sentido demais...” (TEIXEIRA, 2005, p. 78). Na charge, não-senso significa produção de sentido. A charge foge da realidade para, em seguida, afirmá-la. Ao mesmo tempo, incorpora a razão para, em seguida, negá-la. É, no fim das contas – ou melhor, na ponta do lápis – uma desrazão que faz todo sentido. Plena de ambiguidade, como pede uma boa peça de humor.

Em certo sentido, o revelar-se que há por trás da intenção de uma charge se coaduna com o objetivo psicanalítico de tornar transparente o desejo do sujeito. “A aventura de ambas é pensar o impensável, e dizer o indizível” (TEIXEIRA, 2005, p. 90). A charge “conta e resume histórias reais de modos e maneiras convincentemente irreais” (TEIXEIRA, 2005, p. 91). E faz eco com as palavras de Charles Chaplin: “Se você tivesse acreditado na minha brincadeira de dizer mentiras, teria ouvido verdades que insisto em dizer brincando”.

Este quase delírio no conteúdo não está só, ele quase sempre vem acompanhado de seu par: a agressividade na forma, devido à sua vocação como discurso de oposição. Há um desejo íntimo do humorista, de forma geral, e do chargista, em particular, de corrigir uma falha, um determinado aspecto da realidade. É precisamente por isto que estão sempre a apontar defeitos, como quem diz “trago verdades”. É intrínseco à charge um caráter revelador e opinativo. Como este desejo, no entanto, conflita com a realidade imperfeita, há aí um choque de narrativas, e não há como se escapar de certa dose de agressividade, sem que isto signifique uma carta branca para atacar sem sofrer reprimendas ou represálias. Além disso, é razoável pensar que a dose de agressividade, esta dependerá de diversas circunstâncias – de variáveis subjetivas de cada cartunista ao embate à sua disposição anímica no momento de se fazer a charge.

Mais que representação da realidade, a charge é uma interpretação dela, que pode acabar por proporcionar uma catarse – individual e/ou coletiva –, um escape das

tensões cotidianas. Neste sentido, se encaixa como alívio cômico, um deleite diletante, por vezes delirante – embora sempre calcado na realidade. Faz parte de sua gênese propor uma leitura, senão nova, ao menos enviesada, sob um prisma original, do humor. Ao mesmo tempo em que rompe ou distorce com o real, nele se baseia e para ele chama atenção. “A charge transforma a notícia em uma *consciência* sobre ela” (TEIXEIRA, 2005, p. 73). E, mais que o texto escrito – quase sempre subserviente à égide da razão – “o humor visual goza de uma tolerância inexistente em qualquer outro discurso no campo da comunicação social” (TEIXEIRA, 2005, p. 85).

Mas, como se verá, esta tolerância não é absoluta. Não se deve perder de vista o potencial bélico da linguagem, seja ela verbal ou visual: uma charge também pode servir ao lado sombrio da força, e expressar mensagens ofensivas como racismo, sexismo ou que firam sentimentos religiosos. Pode, sim, ser uma violência, ainda que simbólica.

3.2 – Há algo de podre no reino da Dinamarca: O caso das charges de Maomé

Dinamarca, setembro de 2005. Desde os ataques ao World Trade Center, o discurso antiislâmico era algo que vinha crescendo mundialmente, e no país escandinavo não era diferente. Em vez de combaterem qualquer forma de xenofobia, muitos jornais, sobretudo conservadores, deram-lhe voz. Em 17 de setembro, um periódico local publicou uma matéria sobre a dificuldade encontrada pelo escritor Kåre Bluitgen para encontrar alguém que ilustrasse o livro infantil que acabara de escrever, sobre a vida do Profeta Maomé.⁴⁶ Três artistas haviam recusado a proposta e um quarto só aceitou sob a condição de anonimato. Todos temiam ataques por parte de muçulmanos extremistas, ainda no rastro de medo causado sobretudo pelos ataques de 11 de setembro e pelo assassinato de Theo van Gogh – não o irmão do famoso pintor holandês, mas o cineasta conterrâneo que produziu o curta *Submission*, em que criticava o tratamento das mulheres no Islã.

Ao se inteirar sobre o caso, Flemming Rose, chefe da editoria de cultura do jornal de maior circulação do país nórdico, o conservador *Jyllands-Posten*, decidiu convocar desenhistas para a missão. Ao todo, 42 cartunistas foram contactados, mas somente 12 enviaram desenhos assinados ao jornal. Rose, então, decidiu publicar, na

⁴⁶ <https://politiken.dk/kultur/boger/art5006104/Dyb-angst-for-kritik-af-islam>. Acessado em 22/6/2021.

edição de 30 de setembro daquele ano, os desenhos que recebera, sob o título de “As 12 faces de Maomé”. Junto aos cartuns, um texto sobre autocensura e liberdade de expressão, algo muito caro aos dinamarqueses. Basta observar que a organização Repórteres Sem Fronteiras situa o país no topo do ranking do índice de liberdade de imprensa. Ainda assim, vale lembrar que ao bancar a publicação das charges, o periódico assumiu que violava propositalmente o preceito islâmico que proíbe qualquer tipo de representação do Profeta, como forma de manifestar-se contra a tendência de autocensura observada, por conta da antevisão de uma reação negativa de grupos islâmicos.

Ainda que algumas vertentes do islamismo, como xiitas ou sufis, lidem de maneira mais condescendente com a ideia da representação visual, a lei islâmica conhecida como sharia proíbe a representação em imagens, mesmo que não haja, no Corão, proibição expressa de se representar Alá, o deus islâmico, ou Maomé, seu Profeta maior, segundo o livro sagrado muçulmano. O Islã, à semelhança do Judaísmo, é uma religião da palavra, e não da imagem. O verso 11 do capítulo 42 do Corão diz: “(Alá é) o criador dos céus e da terra... (não há) nada semelhante a Ele”. Isto é interpretado por muitos muçulmanos como uma mensagem de que Alá não pode ser retratado em uma imagem feita por mãos humanas, dada sua beleza e grandeza.

O Hadith – histórias das palavras e ações de Maomé e seus companheiros – sim, proíbe explicitamente imagens de Alá, Maomé e todos os principais profetas do Cristianismo e do Judaísmo, o que acaba por desencorajar a retratação figurativa de criaturas vivas, especialmente seres humanos. Por este motivo, a arte islâmica tem uma característica tende a ser abstrata ou decorativa.⁴⁷ Assim, parte da tradição islâmica, sobretudo sunita, proíbe qualquer representação do profeta em imagens, ainda que de forma respeitosa ou mesmo elogiosa: considera-se que a sedução da imagem poderia levar à adoração de ídolos (a premissa é a de que se houver uma figura de Maomé, alguém pode começar a idolatrá-la, em vez de adorar a Deus). Os versos 52, 53 e 54 do capítulo 21 do Corão afirmam: “Abraão disse a seu pai e a seu povo: ‘O que são estas imagens a cuja adoração você se apega?’. Eles disseram: ‘Encontramos nossos pais adorando’. Ele disse: ‘Certamente, você e seus pais vêm cometendo um erro’”. Vem daí a crença islâmica de que imagens levam à idolatria – esta sim condenada pelo Corão –

⁴⁷ www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114_publicar_charge_charlie_hebdo_rb. Acessado em 10/6/2021.

no sentido de que uma imagem, e não o ser divino que ela representa, poderia passar a ser o objeto de adoração e veneração.

Vale, no entanto, lembrar que Abraão – que carrega o epíteto de “pai da fé”, e que é figura importante para os muçulmanos, tendo em vista que os árabes se consideram descendentes de seu filho Ismael – foi o primeiro, segundo o relato bíblico a rir, tão logo recebeu de Deus a notícia de que ele e Sara (ambos já idosos: ele com 100 anos; ela com 90) teriam um filho. O riso, na Bíblia, é inaugurado com um riso corporal (não o riso de superioridade) de alguém que chega a se jogar na terra. Está em Gênesis 17:17: “Abraão ajoelhou-se, encostou seu rosto no chão e começou a sorrir, ao pensar assim: Por acaso um homem de cem anos pode ser pai? E será que Sara, com seus noventa anos, poderá conceber e dar à luz um filho?”⁴⁸ O tal filho recebeu o nome de Isaac, que, em hebraico significa ou “ele ri” (Yishāq).

Cabe também a importantíssima ressalva (óbvia, mas que não custa sublinhar) de que reações extremistas se restringem a uma pequena parcela dos muçulmanos, sobretudo do wahhabismo, um dos movimentos do islamismo sunita, radical, ultraconservador e fundamentalista, e que defende o *jihad*⁴⁹. Para a especialista estadunidense Laleh Bakhtiar, já falecida, muçulmanos extremistas não seguem os ensinamentos corânicos. “Eles agem politicamente, não espiritual ou religiosamente. O Corão ensina o amor ao próximo. Ensina a aceitar pessoas de outras religiões. Os radicais islâmicos apregoam o medo, seguem o movimento saudita wahhabi, que não aceita o espírito da lei e é muito literalista”.⁵⁰ Em qualquer religião baseada em livros sagrados há dissidências entre os que consideram as obras mais como literatura – portanto, mais simbólicas e metafóricas – daqueles que as tomam ao pé-da-letra, justamente o que separa, na origem, visões progressistas de ortodoxas. Charb, editor do jornal satírico *Charlie Hebdo*, decretou, com seu humor ácido: “o problema não é nem o Corão nem a Bíblia, romances soporíferos, incoerentes e mal escritos, mas sim o fiel que lê o Corão ou a Bíblia como se lesse as instruções de montagem de uma estante da Ikea”. (CHARBONNIER, 2015, p. 24)

⁴⁸ Fonte: <https://bibliaportugues.com/kja/genesis/17.htm>

⁴⁹ Em tradução bem simplista e, por isso, reducionista, o *jihad* seria algo como a guerra santa muçulmana.

⁵⁰ www.correiobraziliense.com.br/impresso/2015/08/2661671--inimigos-do-islam--jurados-de-morte.html. Acessado em 5/6/2021.

Publicadas na edição de 30 de setembro de 2005, a polêmica não foi imediata. Em 12 de outubro, no entanto, o então editor-chefe do *Jyllands-Posten*, Carsten Juste, afirmou ter recebido ameaças de morte.⁵¹ Dois dias depois, uma manifestação pacífica em Copenhague reuniu cerca de 3500 muçulmanos.⁵² No dia 19, onze embaixadores de países muçulmanos demonstraram desejo de se reunir com o primeiro-ministro dinamarquês, Anders Fogh Rasmussen.⁵³ Tentaram o encontro por diversas vezes, mas em todas o premier se recusou a recebê-los. Exigiram por escrito que Rasmussen condenasse as caricaturas, sob o argumento de que uma vez que os muçulmanos são parte integrante das sociedades ocidentais, seria necessário adotar-se um sistema de valores que levasse em consideração os sentimentos desta comunidade. Parecia razoável, mas o primeiro-ministro rechaçou o pedido, sob a justificativa da liberdade de imprensa. Diante desta recusa, vários países árabes anunciaram boicote a produtos dinamarqueses e fecharam suas embaixadas no país escandinavo.⁵⁴

Até então, a crise se dava em âmbito nacional. Conforme a notícia foi se disseminando em países muçulmanos, no entanto, a polêmica se internacionalizou, chegando a assumir ares de guerra cultural e choque de civilizações⁵⁵. Há quem argumente que este embate seja algo latente, e que frequentemente conflitos sejam deflagrados por eventos catalisadores (como o das caricaturas), que não são a causa em si do problema, apenas uma manifestação aparente de algo maior. Para o parlamentar europeu Daniel Cohn-Bendit, do Partido Verde alemão, sociedades muçulmanas têm segmentos que podem ser facilmente mobilizados contra o Ocidente. E, contra a crença fundamentalista de que o Ocidente não tem princípios, o menor motivo bastaria.⁵⁶ Em artigo de 2001, o famoso orientalista Edward Said, no entanto, vê matizes e pluralidades para além de um maniqueísmo “Ocidente x Islã”, que, de forma irônica, compara a um

⁵¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_crise_das_caricaturas_de_Maomé. Acessado em 22/6/2021

⁵² https://ao.melayukini.net/wiki/Jyllands-Posten_Muhammad_cartoons_controversy#cite_note-hansen&hundevadt-5. Acessado em 21/6/2021.

⁵³ www.dw.com/pt-br/o-futuro-da-charge-5-anos-após-ataque-ao-charlie-hebdo/a-51917498. Acessado em 22/6/2021.

⁵⁴ www.dw.com/pt-br/a-progressão-dos-manifestos-sobre-as-caricaturas-de-maomé/a-1894874. Acessado em 21/6/2021.

⁵⁵ Expressão cunhada por Samuel Huntington, estrategista estadunidense da Guerra do Vietnã, em artigo publicado em 1993. Nele, Huntington propunha que, com o fim da Guerra Fria, as grandes fontes de conflitos – e possivelmente guerras – da humanidade se dariam por conta de diferenças culturais.

⁵⁶ www.dw.com/pt-br/sensibilidade-islâmica-e-massas-movidas-a-mídia/a-1897612. Acessado em 6/6/2021.

Popeye x Brutus, em que se opõem “nós” e “eles” de forma generalizante e reducionista, como se “Ocidente” e “Islã” fossem conceitos homogêneos, estanques e opostos (frequentemente com o Islã remetendo a algo retrógrado e o Ocidente associado à ideia de algo superior, civilizado – aparentemente esquecendo-se de que as maiores barbáries da humanidade foram cometidas justamente por povos ocidentais). Como se o próprio Islã não fizesse parte (desde sempre) do Ocidente. Neste sentido, para Said, muito mais pertinente que supor um “choque de civilizações” – expressão que acabou se disseminando após o 11 de setembro – seria mais apropriado falar em um “choque de ignorâncias”.⁵⁷

Se antes as autoridades dinamarquesas se recusavam a abrir diálogo sobre o tema, a escalada das tensões fez com que em 30 de janeiro de 2006 o editor-chefe do *Jyllands-Posten*, Carsten Juste, pedisse desculpas públicas pela divulgação das charges, em carta à agência jordaniana Petra.⁵⁸ Bispos católicos nórdicos, cujos países têm maioria protestante, também chegaram a lamentar as charges, que consideraram um “ataque” à religião.⁵⁹ O Vaticano fez eco às queixas. O cardeal Achille Silvestrini, diplomata que fez várias negociações com países árabes, disse que a cultura ocidental precisa saber seus limites: “Dá para entender sátiras sobre os costumes e os comportamentos do Islã, mas não sobre o Alcorão, sobre Alá ou o Profeta”.⁶⁰ Comunicado emitido em fevereiro de 2006 pelo Escritório de Imprensa da Santa Sé dizia que “o direito à liberdade de pensamento e expressão, reconhecido na Declaração Universal dos Direitos do Homem, não pode implicar o direito de ofender o sentimento religioso dos crentes. Princípio que, obviamente, vale para qualquer religião”.⁶¹

Autoridades de organismos internacionais, por sua vez, fizeram apelos ao diálogo. Kofi Annan, então secretário-geral da ONU, chamou a atenção para a importância de superar os mal-entendidos e animosidades entre pessoas de diferentes crenças e tradições culturais “através de um diálogo pacífico e do respeito mútuo”.⁶² O

⁵⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1710200128.htm>. Acessado em 9/6/2021.

⁵⁸ [www.dgabc.com.br/\(X\(1\)S\(p3wjdj51alelv3seilsxzhk\)\)/Noticia/149885/jornal-dinamarques-pede-desculpas-aos-muculmanos](http://www.dgabc.com.br/(X(1)S(p3wjdj51alelv3seilsxzhk))/Noticia/149885/jornal-dinamarques-pede-desculpas-aos-muculmanos). Acessado em 22/6/2021.

⁵⁹ <https://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/02/02/ult1808u58335.jhtm>. Acessado em 8/6/2021.

⁶⁰ <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/67000/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em 8/6/2021.

⁶¹ <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,vaticano-liberdade-de-expressao-nao-pode-ofender-crencas,20060204p42735>. Acessado em 8/6/2021.

⁶² <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,annan-diz-que-liberdade-de-imprensa-deve-respeitar-religoes,20060202p42668>. Acessado em 8/6/2021.

então diretor-geral da Unesco, Koichiro Matsuura, atentou para que não fossem postos em oposição a liberdade de expressão e o respeito das convicções individuais, morais e religiosas.⁶³ Ainda assim, o conservador premier Rasmussen se recusou a assumir a responsabilidade pela publicação das caricaturas e formalizar um pedido de desculpas em nome do Estado dinamarquês.

Em 1º de fevereiro de 2006, alegando a defesa da liberdade de expressão, diversos jornais europeus republicaram as charges. As reações vieram em cadeia: em 4 de fevereiro, embaixadas da Dinamarca e da Noruega (a revista cristã norueguesa *Magazinet* havia republicado as charges) foram incendiadas na capital síria, Damasco. No dia seguinte, foi a vez de o consulado dinamarquês de Beirute ser incendiado. Em 6 de fevereiro, o Irã anunciou a suspensão de todos os acordos comerciais com a Dinamarca. No mesmo dia, cerca de 400 manifestantes iranianos atiraram bombas caseiras e pedras nas embaixadas dinamarquesa e austríaca em Teerã, e quatro pessoas morreram no Afeganistão, em confrontos com a polícia durante um protesto.

Com o conflito se alastrando, a Dinamarca fez um apelo aos seus cidadãos para que saíssem da Indonésia, país de maior população muçulmana do mundo. A esta altura, as manifestações já se multiplicavam na Europa, no Oriente Médio e em partes da Ásia. Em Peshawar, no norte do Paquistão, cinco mil pessoas, muitas delas estudantes de religião, saíram às ruas com palavras de ordem como “Enforcem o homem que insultou o Profeta”. Pela lei paquistanesa, insultar o Corão é crime punido com pena de morte. Em 9 de fevereiro, novo pedido de desculpas do *Jyllands-Posten*, desta vez em carta transmitida à imprensa argelina, por meio da embaixada da Dinamarca em Argel.⁶⁴

Não demorou também para que a reação viesse na mesma moeda, com o anúncio de um concurso internacional de caricaturas antisemitas sobre o Holocausto. Segundo o *Hamshahri*, jornal de maior circulação do Irã e responsável pelo certame junto à Iran Cartoon, a competição tinha o objetivo de testar os limites da liberdade de expressão. “Uma questão séria para os muçulmanos é essa: ‘será que a liberdade de expressão ocidental permite lidar com assuntos como a América e os crimes de Israel, ou um incidente como o Holocausto, ou esta liberdade de expressão se aplica somente para

⁶³ <http://clicrbs.com.br/especial/rs/verao/19,0,1075824,>.. Acessado em 8/6/2021.

⁶⁴ [www.dgabc.com.br/\(X\(1\)S\(p3wj5lalelv3seilsxzhk\)\)/Noticia/149885/jornal-dinamarques-pede-desculpas-aos-muculmanos](http://www.dgabc.com.br/(X(1)S(p3wj5lalelv3seilsxzhk))/Noticia/149885/jornal-dinamarques-pede-desculpas-aos-muculmanos). Acessado em 22/6/2021

insultar os valores sagrados de religiões divinas?”, perguntava o diário.⁶⁵ No texto que servia de mote aos cartunistas, os organizadores do concurso não negavam o Holocausto, mas chamavam atenção para o fato de que tragédias semelhantes – ou piores – estejam acontecendo em territórios árabes.⁶⁶ De fato, a grande maioria das charges concentrava suas críticas não no povo judeu, mas nas políticas do Estado de Israel, e poucas podiam ser consideradas antisemitas. Para se defender da acusação de “dois pesos, duas medidas” e em prol da liberdade irrestrita de expressão, um jornal dinamarquês de orientação progressista, o *Information*, chegou a publicar algumas das caricaturas sobre o Holocausto, após, segundo a publicação, contar com o aval do principal rabino de Copenhague.⁶⁷

A guerra de narrativas humorísticas teve direito, inclusive, a um insólito contragolpe dos netos de Abraão, na melhor tradição judaica da autodepreciação: alguns dias depois de lançada a competição pelo jornal iraniano, um chargista israelense lançou seu próprio concurso de charges sobre o Holocausto – feitas pelos próprios judeus! Segundo o idealizador, Amitai Sandy, a intenção era mostrar que o povo judeu não tem medo de fazer piada sobre si: “Não acho que o Holocausto deva ser um assunto sagrado, no qual ninguém pode tocar. Não aconteceu em outro planeta. Foi um ato de humanos contra humanos. E, justamente pelo risco de acontecer de novo, acho que devemos falar sobre isso. Inclusive, os sobreviventes do Holocausto fizeram as melhores charges sobre o assunto. A maioria ficou apenas na esfera privada, não é um costume publicá-las”, afirmou. Ele reconheceu a possibilidade de a iniciativa ser vista por alguns como propaganda antisemita, mas ponderou que seria um risco que valia a pena ser corrido, já que o humor pode ser encarado como antídoto à intolerância e aos valores cristalizados pelas religiões.⁶⁸ De fato, muitos judeus, de Israel e de outros países, criticaram a iniciativa, provando o risco intrínseco a qualquer ironia, sobretudo uma desta dimensão. Ao contrário do concurso iraniano, no entanto, as charges judaicas ficaram apenas na internet. Uma mostra chegou a ser programada para agosto de 2006, mas acabou cancelada de última hora.

⁶⁵ www.gazetadopovo.com.br/mundo/jornal-iraniano-lanca-concurso-de-caricaturas-sobre-holocausto-9vsw15n5b78r5ubm9ynifz6mm. Acessado em 3/6/2021

⁶⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64508.shtml>. Acessado em 5/6/2021

⁶⁷ www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2006/09/060908_charge_republicacao. Acessado em 9/6/2021.

⁶⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u92651.shtml>. Acessado em 3/6/2021.

Em agosto do mesmo ano, a mostra de 224 charges sobre o Holocausto foi inaugurada em Teerã, e disponibilizada *online* na página da Iran Cartoon.⁶⁹ Dentre os cerca de 1200 trabalhos enviados de mais de 60 países, segundo a Al Jazira, o Brasil foi o terceiro país com maior número de artistas inscritos (21), atrás apenas de Irã e Turquia. Teve, inclusive, o 2º colocado, o carioca Carlos Latuff, um dos 12 contemplados com moedas de ouro pelo jornal, em alusão à quantidade de charges publicadas pelo *Jyllands-Posten*.⁷⁰ Em 2015, foi realizada uma nova edição do concurso, com premiações de U\$ 12 mil. Até aí, jogo jogado, ainda que *fair play* não fosse um valor que estivesse exatamente em questão. Mas, como se sabe, as repercussões em relação à publicação das charges de Maomé não pararam por aí. Assumiu tons imprevisíveis de violência.

Até mesmo a institucionalização da barbárie foi observada, quando Haji Yaqoob Qureshi, ministro regional do Bem-estar das Minorias do estado indiano de Uttar Pradesh, no norte do país, incitou as massas a atos grotescos: “Qualquer pessoa que corte a cabeça do chargista da Dinamarca que se atreveu a fazer uma caricatura de Maomé e a traga, será recompensado com 510 milhões de rúpias (mais de US\$ 11 milhões) em dinheiro e o equivalente a seu peso em ouro”, afirmou.⁷¹ Não se sabe se a logística de transferência da parte do corpo intimidou os postulantes, mas o fato é que Kurt Westergaard, o tal chargista dinamarquês, responsável pelo desenho mais polêmico – em que Maomé aparece com um turbante em formato de bomba – não foi morto.

No primeiro dia de 2010, Westergaard teve a casa invadida e foi ameaçado com um machado por um muçulmano somali que pretendia cumprir uma *fatwa*.⁷² O artista conseguiu escapar ileso abrigando-se em uma espécie de “quarto do pânico” instalada pelo serviço secreto e acionando o alarme. Mas teve de contar, a partir de então, com proteção policial. Sua casa – na cidade de Aarhus, segunda maior da Dinamarca – teve de ser adaptada e transformada em uma fortaleza, sob permanente vigilância. Westergaard tornou-se, até sua morte – de causas naturais, em julho de 2021 – um

⁶⁹ www.irancartoon.ir/gallery/album48. Acessado em 5/6/2021.

⁷⁰ <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,jornal-iraniano-faz-concurso-de-charges-sobre-o-holocausto,20060206p42799>. Acessado em 3/6/2021.

⁷¹ <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,indiano-oferece-recompensa-para-quem-matar-chargista,20060218p43162>. Acessado em 2/6/2021.

⁷² Fátua, em português, é um decreto emitido por um *mufti*, líder muçulmano especialista em lei religiosa, que exprime uma opinião legal formal sobre uma questão específica pouco clara na jurisprudência islâmica. Neste caso, Westergaard estava jurado de morte.

prisioneiro em sua própria casa, refém de suas “palavras”. “Sabe quanto ganhei em fazer esta caricatura? Cem euros e muita dor de cabeça”, chegou a dizer o cartunista.⁷³

Resumo da ópera: muito mais que meros incidentes isolados, a Dinamarca viu nascer sua maior crise diplomática no pós-guerra que lhe custou cerca de 4 milhões de euros e 125 milhões de euros em perdas por conta dos boicotes. Protestos contra as charges, alguns deles violentos, espalharam-se por vários países, como Afeganistão, Indonésia, Líbano, Síria, Irã, Paquistão, Iraque, Tailândia, Bangladesh, Nova Zelândia e Egito. Alguns dos 12 cartunistas que tiveram suas charges publicadas naquela edição abandonaram a profissão ou decidiram deixar o país para proteger suas famílias.

Mais que isso: cidadãos dinamarqueses passaram a conviver com o medo. Se antes era comum que turistas dinamarqueses empunhassem um distintivo com a bandeira de seu país em suas viagens, este hábito tornou-se algo raro. Se estiverem num país árabe e alguém insistir em saber sua nacionalidade, é bem possível que respondam que são suecos – frase nada fácil de digerir para um dinamarquês. Conseguir imaginar um brasileiro tendo de se passar por argentino no estrangeiro? Todos os anos, no aniversário da publicação das caricaturas, são frequentes os distúrbios – pilhagens e carros incendiados – no bairro muçulmano de Norrebro, na capital Copenhague. A estimativa é de que nada menos que pessoas morreram nos tumultos.⁷⁴

Produtos de empresas dinamarquesas foram boicotados e o país teve que fechar temporariamente suas embaixadas em quatro países. Na esteira das repercussões, ministros de Estado caíram, uma greve geral no Paquistão foi convocada e episódios de agressão se propagaram, com direito a requintes de crueldade de fazer inveja a um viking médio. A pior delas, o massacre do *Charlie Hebdo*, em um episódio que, desgraçadamente, não se pode dizer que não tenha sido a crônica de uma tragédia anunciada.

3.3 – O humor nos tempos da cólera: As charges de Maomé no *Charlie Hebdo*

Em 2006, o jornal francês de sátira política *Charlie Hebdo* foi um dos veículos de imprensa que republicou as 12 charges do *Jyllands-Posten*, sob o argumento de que

⁷³ www.dn.pt/globo/kurt-westergaard-o-autor-do-desenho-que-mudou-a-dinamarca-4328584.html. Acessado em 11/6/2021.

⁷⁴ www.terra.com.br/noticias/mundo/liberdade-de-expressao-em-debate-dez-anos-apos-charges-de-maome.928cbfb3b034f6bb43e1dfd800435ba2xcckntxr1.html. Acessado em 5/6/2021.

isto contribuiria para o debate sobre a liberdade de expressão. Em seu livro, Charb coloca o episódio como uma reafirmação do direito, para um desenhista, “de caricaturar o terrorismo religioso”. Segundo ele, “Maomé adereçado por uma bomba podia denunciar a instrumentalização da religião por parte de terroristas” (CHARBONNIER, 2015, p. 35). Se aquela representação de Maomé era, de fato, uma caricatura do terrorismo religioso, isto é algo discutível. Alguns argumentarão tratar-se de um discurso carregado de certo cinismo, o que não é algo absolutamente incomum de se observar em humoristas.

O fato é que a repercussão deste caso não passou de processos judiciais empenhados por entidades islâmicas no mesmo ano. Os tribunais, no entanto, consideraram que as caricaturas não atacavam o islã, mas os fundamentalistas, e a publicação foi absolvida. Segundo Charb, o jornal satírico francês já havia publicado caricaturas de Maomé bem antes do escândalo dos desenhos dinamarqueses, sem que, no entanto, houvesse grande alarde, além da desaprovação por mensagens.

Cinco anos depois, em 2011, a publicação humorística reacendeu a polêmica com o mundo árabe, ao publicar uma edição chamada “Charia Hebdo”, trocadilho com a xaria⁷⁵. O número era dedicado a zombar do risco de instauração da charia na Tunísia e na Líbia, e trazia, na capa, um desenho de Maomé dizendo “100 chibatadas àqueles que não morrerem de rir!”. Temendo represálias, diversos jornalheiros preferiram esconder o exemplar a vendê-lo, e alguns dos que expuseram-no foram de fato ameaçados. Em 3 de novembro 2011, a redação do jornal foi alvo de um ataque com coquetel molotov, que provocou um incêndio que destruiu arquivos, equipamentos e materiais usados para a edição e publicação do semanário.⁷⁶ Felizmente, ninguém ficou ferido. Em 2012, o jornal publicou uma série de caricaturas de Maomé, incluindo caricaturas de nudez (no capítulo 5 sugeriremos a aplicação do conceito de “cuidado de si” neste e em outros excessos ocidentais, como retratar o Profeta no corpo de um cachorro). No ano seguinte, o cartunista Charb, editor-chefe da publicação desde 2009, teve seu nome acrescentado na lista dos mais buscados pela Al-Qaeda, junto com os três já citados do *Jyllands-Posten*, Westergaard, Rose e Juste.

⁷⁵ Nome em português para a *charia*, [o direito islâmico, que se considera ser expressão direta da vontade de Alá.](#)

⁷⁶ https://brasil.elpais.com/brasil/2011/11/03/internacional/1320274805_850215.html. Acessado em 21/6/2021

Em 2015, no entanto, o desenlace foi exponencialmente mais trágico. Mal começava o ano e no dia 7 de janeiro dois irmãos franceses de origem argelina, invadiram a redação do jornal munidos de fuzis e executaram funcionários do periódico, matando 12 pessoas, entre policiais e pessoas que se encontravam na sede, e deixando outras onze feridas. O massacre parece ter exposto novamente feridas aparentemente cicatrizadas.

Os ecos permanecem: em setembro de 2020, um muçulmano de origem paquistanesa feriu duas pessoas em um ataque com faca nos arredores da antiga sede do *Charlie Hebdo*. O autor disse que queria se vingar da republicação de caricaturas de Maomé, no contexto da abertura do processo sobre o atentado contra a revista.⁷⁷

No mês seguinte, Samuel Paty – um professor de história e geografia que exibiu as charges de Maomé expostas no *Charlie Hebdo* em uma aula sobre liberdade de expressão – foi decapitado no subúrbio parisiense por um jovem de 18 anos de origem chechena. Paty havia sido denunciado pelo pai de uma aluna muçulmana. O pai iniciou uma campanha virulenta de linchamento público nas redes sociais. Posteriormente, anos depois, a aluna admitiu ter mentido: sequer estava presente no dia da aula. Segundo alunos que estavam na aula, o professor disse que os alunos muçulmanos poderiam sair da sala, se quisessem, ou fechar os olhos quando ele mostrasse as caricaturas.⁷⁸ Descobriu-se também que o pai, em sua cruzada de ódio, trocou mensagens com o jovem checheno que viria a assassinar Paty, já que disponibilizou seu número pessoal no vídeo que divulgou para dar publicidade ao caso, e chegou a aparecer com o jovem em um vídeo subido posteriormente. Até mesmo alunos foram investigados, sob a suspeita de terem indicado ao assassino quem era o professor.⁷⁹ O crime aconteceu em plena rua, a 300 metros da escola Bois d’Aulne, onde Paty lecionava, em Conflans-Sainte-Honorine, pequena cidade de 35 mil habitantes, a 50 quilômetros de Paris. O assassino, que chegou a postar imagens do corpo decapitado em uma rede social, acabou morto em confronto com a polícia.

⁷⁷ www.cartacapital.com.br/mundo/professor-decapitado-na-franca-foi-vitima-de-sentenca-de-morte-islamica. Acessado em 26/8/2021.

⁷⁸ <https://oglobo.globo.com/mundo/aluna-que-denunciou-professor-decapitado-na-franca-confessa-que-mentiu-24915085>. Acessado em 26/8/2021.

⁷⁹ www.dn.pt/mundo/pai-de-aluna-trocou-mensagens-com-atacante-de-professor-decapitado-em-franca-12941898.html. Acessado em 26/8/2021.

Atualmente, no *Jyllands-Posten*, o correio é inspecionado cuidadosamente antes de ser aberto, as janelas estão projetadas para resistir a bombas e os alarmes de incêndio, que antes faziam os trabalhadores saírem às ruas, agora podem conduzi-los a salas fortificadas. Dez anos após a polêmica publicação das charges, Kurt Westergaard afirmou que os meios de comunicação dinamarqueses deveriam falar das charges, mas sem mostrá-las. “Seria considerado muito perigoso”, disse. O jornal foi a única publicação dinamarquesa que não divulgou as caricaturas do *Charlie Hebdo* após o massacre⁸⁰, atitude que nem o próprio semanário francês adotou: em 1º de setembro de 2020, por ocasião da véspera da abertura do julgamento às 14 pessoas que deram apoio logístico ao atentado do periódico e de outro que aconteceu dois dias depois, em um mercado *kosher*, o *Charlie Hebdo* voltou a publicar as charges. “Jamais abaixaremos a cabeça”, garantiu à época o diretor do *Charlie Hebdo*, Laurent “Riss” Sourisseau, sobrevivente do massacre.⁸¹

Em setembro 2006, um ano após a crise, Flemming Rose, o então chefe do caderno de cultura do *Jyllands-Posten* que havia pedido para os chargistas representarem Maomé, disse que não se arrependia de nada e defendeu sua decisão: “O que aconteceu em Berlim, onde uma ópera (de Mozart sobre Maomé e Jesus) foi cancelada por temor de retaliação de muçulmanos é outro exemplo dessa preocupante alto-censura, a mesma que fez com que a Tate Gallery em Londres retirasse uma peça de arte chamada ‘Deus é Grande’, de John Latam, em setembro de 2005”.⁸² Com um distanciamento temporal maior, no entanto, sua autoanálise de 2015 adota um discurso diferente, ao classificar de “ingênua” sua decisão. Rose considera aceitável que os editores decidam não republicar os desenhos. “Você não deve apontar o dedo porque as pessoas estão com medo. Mas você tem o direito de apontar o dedo se as pessoas não são honestas sobre seus medos e tentam encontrar outras justificativas”, declarou ao jornal *Politiken*.⁸³

Desde os eventos violentos, Rose, assim como Westergaard, vivem sob proteção do Estado dinamarquês. “De certa forma, sou um fugitivo em meu país. Vivo protegido

⁸⁰ www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/09/28/interna_mundo.500366/ha-10-anos-as-charges-dinamarquesas-de-maome-iniciaram-debate-sobre-limites.shtml. Acessado em 5/6/2021.

⁸¹ https://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/mundo/noticias/2020/09/01/charlie-hebdo-volta-a-publicar-charges-do-profeta-maome_0c0575a0-7365-4bed-ab6e-481e2b31644f.html. Acessado em 5/6/2021

⁸² <https://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/09/29/ult34u164667.jhtm>. Acessado em 6/6/2021.

⁸³ www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2015/09/28/interna_mundo.500366/ha-10-anos-as-charges-dinamarquesas-de-maome-iniciaram-debate-sobre-limites.shtml. Acessado em 5/6/2021

pelo serviço secreto. É muito estranho viver e trabalhar sob proteção policial em seu próprio país. Você nunca se acostuma com isso”, disse Westergaard em 2015.⁸⁴ Sobre um possível pedido de desculpas, porém, o cartunista – ateu convicto e agora aposentado (não de seu ateísmo) – é taxativo: “Não tenho nada a me desculpar. Então, nunca vou dar uma desculpa. Acho que seria uma perda do autorrespeito profissional se eu tivesse que pedir desculpa”.⁸⁵

Muito se criticou a não assunção de que veículos de imprensa não republicavam as charges por medo de retaliações violentas, e não por respeito à fé alheia. Mas, ainda que motivado muito mais por temor que por tolerância religiosa, não deixa de ser sintomático observar que matérias alusivas ao tema na imprensa em geral não foram ilustradas com as charges. Tampouco é tarefa das mais simples localizar na internet o conjunto das charges publicadas originalmente pelo *Jyllands-Posten* e republicadas pelo *Charlie Hebdo*. Os órgãos do quarto poder parecem ter absorvido a mensagem ameaçadora, e mostraram não estar dispostos a pagar para ver o preço de uma liberdade de expressão irrestrita. Ainda assim, a decisão por mostrar ou não as imagens cabe a cada veículo.

Muitos órgãos, como a rede pública britânica *BBC*, decidiram mostrá-las “num contexto informativo” e “de forma responsável, para que os telespectadores possam entender por que sua publicação provocou emoções tão intensas”.⁸⁶ Sob o argumento de que a exposição dos desenhos contribuiria para o debate sobre a liberdade de expressão, o humorístico francês *Charlie Hebdo* acabou republicando a charge, mesmo após toda a polêmica suscitada. Jornais como o francês *France Soir* e o alemão *Die Welt* fizeram o mesmo, sob a alegação de que o “direito de blasfêmia” é fundamentado nas liberdades democráticas. Por aqui, a *Folha de São Paulo*, em 5 de fevereiro de 2006, também reproduziu as charges e defendeu, em editorial, que entre o direito à expressão das ideias e o direito à liberdade de culto – ambos vinculados à tradição iluminista e, portanto, universais – a opção dos regimes democráticos deve ser “pela defesa do valor mais importante, a liberdade de expressão. Mesmo que isso signifique contrariar uma

⁸⁴ www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150108_cartunista_fd. Acessado em 6/6/2021.

⁸⁵ www.terra.com.br/noticias/mundo/liberdade-de-expressao-em-debate-dez-anos-apos-charges-de-maome.928cbfb3b034f6bb43e1dfd800435ba2xcckntxr1.html. Acessado em 5/6/2021.

⁸⁶ <https://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/02/02/ult1766u14429.jhtm>. Acessado em 8/6/2021.

comunidade religiosa”. O oposto, segundo o jornal paulista, seria aceitar a “censura religiosa”.⁸⁷

Na época, mesmo a Federação Internacional de Jornalistas (IFJ, na sigla em inglês) não adotou um diálogo de liberdade incondicional aos veículos de imprensa: “Este assunto mostra que há dois pontos de vista sobre a liberdade de expressão, baseados em diferentes tradições. Devemos respeitar os diferentes pontos de vista sem comprometer os princípios cardeais do jornalismo”, disse o então secretário-geral da IFJ, Aidan White.⁸⁸ Sobre a possibilidade levantada por algumas lideranças políticas e religiosas de se regular a liberdade de expressão, com o intuito de se tipificar e criminalizar a ofensa ao sentimento religioso, o então vice-presidente da Comissão Européia e comissário de Liberdades Públicas, Segurança e Justiça, Franco Frattini, disse que a responsabilidade sobre esta liberdade cabe ao jornalista como profissional. Portanto, “não pode haver uma lei européia que regule este aspecto”.⁸⁹

Poucos foram os que defenderam publicamente a divulgação das charges. Um deles foi Rowan Atkinson, intérprete britânico do famoso personagem “Mr. Bean”. No contexto de um debate sobre uma proposta britânica de se legislar sobre o ódio religioso, ele declarou que “o direito de ofender é muito mais importante do que qualquer direito de não ser ofendido”.⁹⁰

O respeitado dramaturgo e intelectual alemão Günter Grass – que anos antes foi um árduo defensor de Salman Rushdie por ocasião de seu controverso “Versos Satânicos”, que gerou ira entre muçulmanos – associou a publicação das charges ao famoso jornal da época nazista, o *Der Stürmer*: “Lá se publicavam caricaturas antisemitas no mesmo estilo. Não se pode recorrer ao direito de livre expressão da opinião, sem analisar como as coisas são no Ocidente”, posicionou-se Grass. Ele qualificou a onda de violência desencadeada no mundo islâmico como um ato fundamentalista em reação a outro ato fundamentalista, e ressaltou a orientação extremista e xenófoba do jornal dinamarquês.⁹¹

⁸⁷ <https://antoniozai.wordpress.com/2020/03/17/entre-o-sagrado-e-o-profano-o-interdito-ao-riso>. Acessado em 10/6/2021.

⁸⁸ <https://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/02/02/ult1766u14426.jhtm>. Acessado em 8/6/2021.

⁸⁹ <https://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/02/13/ult1808u59085.jhtm>. Acessado em 8/6/2021.

⁹⁰ www.spiegel.de/international/europe/after-attack-on-danish-cartoonist-the-west-is-choked-by-fear-a-669888.html. Acessado em 6/6/2021.

⁹¹ www.dw.com/pt-br/direito-à-blasfêmia-e-quem-é-a-vítima/a-1906358. Acessado em 6/6/2021.

Argumentar que muçulmanos não tiveram “espírito esportivo” para suportar críticas e sátiras parece uma perspectiva um tanto cínica e calcada em falsas simetrias. Mal comparando, talvez fosse o equivalente a um muçulmano queimar uma bandeira de um país ocidental e argumentar que sua tradição não se importa com isso e que, portanto, deve ser um ato a ser tratado a partir do multiculturalismo. Liberdade de expressão não deve se confundir com liberdade de ofensa, como veremos no capítulo a seguir. Os mesmos que pregam liberdade incondicional de expressão sabem (ou deveriam estar cientes) do princípio físico básico da física, que diz que a toda ação corresponde uma reação de igual intensidade, em sentido oposto. Portanto, o fazer jornalístico e humorístico presumem responsabilidades e respeito a valores diferentes dos emissores da mensagem.

Por vezes, no entanto, a atenção que se empreende nos conflitos sociais e diplomáticos que a publicação das charges deflagrou parece camuflar um desvio de foco, ao relegar a último plano uma questão que, em princípio, seria primordial, em se tratando de uma obra humorística: teve graça? Retratar o profeta Maomé usando um turbante em forma de bomba teria algum efeito cômico? Ou seria um simples reforço do preconceito em relação ao mundo muçulmano, na medida em que este é apresentado como um todo homogêneo e identificado com os militantes fundamentalistas? Ou seria, ainda, um atestado de falta de tato (e graça) por parte do chargista? Ou tudo isso junto e misturado, no caldeirão de interpretações possíveis? Tende-se a considerar uma boa charge aquela que gera compreensão e riso espontâneos. O trabalho do humorista é criar sorrisos, não raiva. No capítulo 5 trataremos esta discussão com mais profundidade, a partir do conceito de “cuidado de si”.

É inegável que o advento da internet alterou definitivamente a forma como nos comunicamos, e não é nenhum exagero afirmar que atualmente é através dela que se propagam as maiores polêmicas sociais. O filósofo esloveno Slavoj Žižek chama a atenção ainda para o que seria, em sua opinião, um aspecto pouco auspicioso da globalização: “a ‘aldeia da informação global’ é a condição do fato de que algo que apareceu num obscuro jornal diário da Dinamarca causou uma agitação violenta em países muçulmanos muito distantes” (ŽIŽEK, 2014, p. 58-59). Em seguida, cita o filósofo alemão Peter Sloterdijk, para quem mais comunicação significa em um

primeiro momento, acima de tudo, mais conflito. Na contramão de vozes que defendem o “diálogo cultural”, Sloterdijk afirma: “Na era comunicativa, é possível ofender a grandes distâncias. Quando usadas de forma insensata, as mídias modernas passam a transportar o ódio à distância”.⁹²

No caso específico das charges de Maomé, um ponto que vale ser ressaltado é o de que a grande maioria das milhares de pessoas que se sentiram ofendidas e se manifestaram contra a sua publicação não tinham sequer visto o desenho, o que remonta à uma teoria dos rumores. A crítica literária argentina Beatriz Sarlo salienta que “quando a narração se separa do corpo, a experiência se separa de seu sentido” (SARLO, 2007, p. 27). Em certa medida, que chega a ser irônica, manifestantes que se indignaram com algo que sequer tinham visto não deixam de ressignificar esta memória social, coletiva, ao criar uma memória de algo que sequer tinham experimentado, algo como “minhas memórias dos outros”.

Autores como o sociólogo japonês Tamotsu Shibutani dedicaram-se a estudar os rumores para além do telefone sem fio, uma vez que observaram que em nem todo rumor há, necessariamente, uma distorção. Assim, para além dos boatos – alguns dos quais se tornam lendas urbanas, como a morte de Paul McCartney ou dos atores do seriado *Chaves* – ou da fofoca, brilhantemente retratada na famosa ilustração de Norman Rockwell, os rumores são enxergados não como um processo de distorção, mas como uma interação social em constante formação, na tentativa de se construir uma interpretação coletiva quando algo fora da rotina acontece. Nesse sentido, estas “mininarrativas improvisadas” trazem à tona temas e preocupações de um determinado grupo social e atendem a um “impulso de sociabilidade” que se dá sobretudo quando os canais institucionais de comunicação não operam adequadamente. Surgem, então, “notícias improvisadas”.

A demanda por notícias pode surgir em um esforço para lidar com um evento inesperado ou em tensão coletiva sustentada, quando os homens são mobilizados para agir, mas não têm objetivos definidos (...) Quando a atividade é interrompida por falta de informação adequada, os homens frustrados precisam

⁹² www.dw.com/pt-br/filósofos-refletem-sobre-dualidade-ocidente-x-oriente/a-1928083. Acessado em 20/6/2021

reunir algum tipo de definição, e o rumor é a transação coletiva por meio da qual da qual eles tentam preencher a lacuna. (SHIBUTANI, 1966, p. 62).⁹³

Da mesma forma, muitos muçulmanos extremistas pediram a morte do escritor britânico Salman Rushdie sem nunca ter lido uma linha sequer que tenha escrito. Bastou, para isso, uma fatwa do líder iraniano Ayatollah Khomeini e pronto: a honra manchada do profeta poderia ser limpa com sangue humano. Exemplos como estes poderiam nos convidar a pensar a comunicação nos dias de hoje como um grande efeito borboleta: se o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo, que efeito devastador não pode ter um desenho preconceituoso supostamente humorístico?

Tendo esta noção em mente, impute-se ainda mais responsabilidade no emissor de uma mensagem sobre o que se está dizendo, uma vez que a distância entre a emissão e a recepção desta mensagem muitas vezes é imensamente maior do que pode julgar uma projeção inicial. Se, diz a sabedoria popular, a flecha lançada e a palavra pronunciada nunca voltam atrás, há que se ter um senso de responsabilidade muito apurado para que justamente a palavra pronunciada não se transforme, ela mesma, em flecha lançada.

O mais curioso é que o próprio Charb apresenta em seu livro *Carta aos Escroques da Islamofobia que Fazem o Jogo dos Racistas* esta exata reflexão: “por causa da magia das redes sociais (...) hoje em dia, ao expressar-se, a pessoa precisa ter em mente que, quer queira ou não, está se dirigindo a todo o planeta. É preciso ser prudente. É preciso ser responsável”. (CHARBONNIER, 2015, p. 61). Só lhe pareceu faltar seguir as próprias recomendações. Em sua defesa, no caso das charges de Maomé, ele argumenta que não se deve tomar o todo pela parte, e que quando se desenha um velho que comete um ato pedófilo “não se dá a entender que todos os velhos são pedófilos” (CHARBONNIER, 2015, P. 64-65). Mas parece ficar claro que há uma falsa simetria nesta argumentação, uma vez que não se desenhou um muçulmano terrorista, e sim o próprio Maomé.

Engana-se quem pensa que o Brasil não tenha seu próprio caso à la *Charlie Hebdo*, guardadas as devidas proporções: em 1962, o cartunista Octávio publicou, no

⁹³ Apud MENEZES, Palloma. Teoria dos rumores: comparações entre definições e perspectivas. Disponível em https://grem-grei.org/wp-content/uploads/2020/10/1-PalomaDoss_SocUrbv4n12nov2020.pdf. Acessado em 20/6/2021.

extinto jornal *Última Hora*, uma charge em que satirizava a ida da equipe do Santos à Basílica de Aparecida para pedir proteção antes de uma partida contra o Corinthians (algo comum na época) e que trazia Nossa Senhora com o rosto de Pelé. Foi um Deus nos acuda. A comunidade católica revoltou-se, a sede do jornal em São Paulo foi cercada de religiosos, uma caminhonete da empresa foi queimada na Paraíba, Octávio foi demitido e teve de pedir proteção policial.

Por outro lado, Henfil fez dos Fradinhos o ápice da escatologia e libertinagem com o pano de fundo religioso e não recebeu a mesma reprimenda. “A diferença é que Octávio quis homenagear Pelé, uma instituição nacional, quase um deus, mas atingiu a cultura religiosa de um país essencialmente católico. Já Henfil foi visceral contra a ditadura e acertou em demonstrar que todos os meios de resistência eram válidos para esse fim. Foi aceito como um inquisidor dos métodos do poder militar com apoio dos religiosos. São dois casos que retratam o ‘risco de cálculo’ do cartunista em seu trabalho”, opina José Alberto Lovetro, o Jal, presidente da *Associação dos Cartunistas do Brasil*.⁹⁴

3.4 – Pé no Porta: Yes, nós temos bananas (talvez de dinamite)

Além das polêmicas envolvendo o canal humorístico Porta dos Fundos já trazidas no capítulo 2, a mais representativa delas – e que trouxe consequências mais drásticas – se deu com o controverso especial de natal de 2019, intitulado “A Primeira Tentação de Cristo”. O vídeo provocou rebuliço na ala mais conservadora da comunidade católica, ao insinuar que Jesus Cristo teve uma experiência homossexual (Orlando, que depois se revelaria Lúcifer, seria a tal primeira tentação) e trazer um triângulo amoroso entre José, Maria e... Deus, que seria o verdadeiro pai (possivelmente carnal) de Jesus, uma vez que na obra há insinuações de que Ele queira ter relações sexuais com Maria. Além disso, o personagem de Deus se mostra intempestivo, com rompantes autoritários e mente sobre o trágico destino de Jesus.

Antes do relato dos fatos, vale lembrar que este não era o primeiro vídeo do grupo a satirizar personagens bíblicos, o que já era até uma marca do coletivo. Abordar passagens bíblicas sob um viés mundano, brincando com questões do Cristianismo – algo que o grupo britânico Monty Python já fazia na década de 1970 – sempre foi algo

⁹⁴ www.observatoriodaimprensa.com.br/voz-dos-ouvidores/marcelo_beraba_31737. Acessado em 10/6/2021

que se viu com alguma frequência nos vídeos do Porta dos Fundos, especialmente próximo a datas importantes para o Cristianismo, como o Natal. Não é raro encontrar críticas às contradições dos dogmas católicos ou às visões literais de evangélicos neopentecostais, que não creem se tratar a Bíblia de um livro interpretativo.

Lançado em 3 de dezembro de 2019, o vídeo logo teve repercussões negativas. Curiosamente, a primeira instituição a se manifestar publicamente foi uma muçulmana. Menos de uma semana depois, a Associação Nacional de Juristas Islâmicos (Anaji) lançou comunicado em que repudiava Porta dos Fundos e Netflix em que dizia que procuraria medidas legais cabíveis para coibir o que considerou um desrespeito e afirmava: “O desrespeito a qualquer Profeta atinge nós muçulmanos”.⁹⁵ Incorporando um espírito solidário – ou quem sabe pensando na paz de alma que uma indenização gorda pode dar – o pai de santo Alexandre Montecrath moveu ação de R\$ 1 bilhão contra a Netflix. Como justificativa, o babalorixá diz que a produção é “infame e satiriza símbolos sagrados do Cristianismo”.⁹⁶

Representantes da Igreja Católica também se posicionaram contra a peça: o bispo da Diocese de Palmares (PE), Dom Henrique Soares da Costa, usou uma rede social pessoal para manifestar palavras fortes: “A Netflix deu um bofetão no rosto de todos os cristãos; cuspiu na nossa cara, zombando da nossa fé”.⁹⁷ Em seguida, incentivou os fieis a boicotarem o serviço de streaming, cancelando a assinatura e justificando a escolha, no menu apropriado, devido ao “desrespeito por Jesus Cristo”. Em nota, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) afirmou que o vídeo agridia profundamente a fé cristã.

Para alguns cristãos, a maneira de retratar a figura de Jesus ia de encontro ao sagrado que sua figura representa, ferindo, assim, o sentimento religioso. Vale lembrar, no entanto, que um ano antes o mesmo Porta, no especial de Natal “Se Beber Não Ceie”, apresentou um Jesus de certa forma mundano, a ponto de se embriagar. Nenhuma ação judicial, todos deram risada. E o especial ainda abocanhou o Emmy internacional de melhor série de comédia. Outro aspecto é o argumento da homofobia

⁹⁵ <https://anaji.org.br/2019/12/09/nota-de-repudio-ao-canal-porta-dos-fundos-e-netflix>. Acessado em 11/6/2021

⁹⁶ <https://natelinha.uol.com.br/mercado/2020/09/29/pai-de-santo-consegue-primeira-vitoria-bilionaria-contra-netflix-e-porta-dos-fundos-151625.php>. Acessado em 11/6/2021.

⁹⁷ www.facebook.com/DomHenriqueSoaresDaCosta/posts/2449406698448304. Acessado em 11/6/2021.

velada em torno da polêmica. A revolta com a narrativa fictícia de um Jesus gay não poderia configurar, isto sim, um preconceito com homossexuais? Por que um suposto Jesus gay profanaria ou ofenderia o sentimento religioso, se uma hipotética condição homossexual não abala ou interfere em nada a mensagem de sua vida?

Em 8 de janeiro de 2020, uma liminar da Justiça do Rio de Janeiro determinou a retirada do filme do ar, atendendo a pedido da associação católica Centro Dom Bosco (sempre ela). A decisão, no entanto, foi revogada pelo STF menos de 24 horas depois. Em sua decisão, o ministro Dias Toffoli indicou: “Não é de se supor que uma sátira humorística tenha o condão de abalar valores da fé cristã, cuja existência retrocede há mais de dois mil anos, estando insculpida na crença da maioria dos cidadãos brasileiros”.⁹⁸

Além disso, diversas petições online foram criadas. Uma das que continua ativa conta com quase 2,5 milhões de assinaturas.⁹⁹ Sem qualquer efeito prático, no entanto. O deputado federal Eduardo Bolsonaro foi um dos que engrossou o coro dos descontentes, o que só pareceu confirmar que o grupo estava no caminho certo. Na mesma toada, outro político conservador ajudou a internacionalizar a polêmica. Jaroslaw Gowin, então vice-primeiro-ministro polonês, usou uma rede social para pedir à Netflix que removesse o especial de seu catálogo e anexou ao post um abaixo-assinado com 1,4 milhão de assinaturas.

Na madrugada de 24 dezembro de 2019 – menos de um mês após o coletivo ter vencido o Emmy, maior premiação televisiva do mundo, pelo especial de natal do ano anterior – dois coquetéis molotov foram lançados contra o prédio da sede da produtora, na zona sul do Rio de Janeiro. O atentado foi uma retaliação ao especial de natal daquele ano e por sorte não deixou feridos. Em vídeo divulgado no dia seguinte, um suposto grupo ultranacionalista reivindica a autoria do crime. Mas o texto do comunicado do “Comando de Insurgência Popular Nacionalista da Família Integralista Brasileira” traz tantas falas e ideias surreais que parece saído de um esquete do Porta.¹⁰⁰

Um dos criminosos do grupo pode ser reconhecido após retirar a touca ninja que usava, momentos depois do ataque: o empresário Eduardo Fauzi, que ao saber que seria

⁹⁸ <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=434478&ori=1>. Acessado em 11/6/2021.

⁹⁹ www.change.org/p/netflix-especial-de-natal-porta-dos-fundos. Acessado em 11/6/2021.

¹⁰⁰ <https://veja.abril.com.br/brasil/suposto-grupo-integralista-diz-ter-atacado-sede-do-porta-dos-fundos>. Acessado em 11/6/2021.

expedido mandado de prisão em seu nome fugiu, ainda em 2019, para a Rússia. Por essas ironias da vida, saindo pela porta dos fundos. Mas em setembro de 2020 acabou preso em território russo pela Interpol, após entrar para a lista vermelha da organização. Em entrevista à TV Record, Fauzi, que se apresenta como “cristão, integralista, soldado de Deus, que luta pela causa da pátria e da família brasileira, pensador dissidente, de ideias contra-hegemônicas e antissistêmicas”¹⁰¹ (leia-se, um lunático esclarecido e perigoso) chegou a classificar sua atitude como um “ato de amor” e “de efeito didático”, uma vez que, em suas palavras, milhões de pessoas se sentiram ofendidas com o vídeo blasfêmico.¹⁰² Em vídeos em um canal de Youtube chamado “União Patriótica”, é possível ver o economista formado pela UFRJ e que se intitula guardador de veículos e mártir de Jesus Cristo falar em cristofobia, cumprimentar internautas com a saudação “anauê” e citar o lema “Deus, pátria e família”, ambos símbolos integralistas.

Coincidência ou não, após tantos processos e desdobramentos, em 2020 a Netflix decidiu interromper a parceria com o Porta dos Fundos para exibição dos filmes de Natal. Ainda assim, o coletivo não deixou de produzir seu já tradicional especial.

¹⁰¹ www.youtube.com/watch?v=V1XYU91qH2A. Acessado em 11/6/2021.

¹⁰² www.youtube.com/watch?v=X0Jd2kRmag. Acessado em 11/6/2021.

4. Quem suportaria os açoites e os escárnios deste tempo? – LIBERDADE DE EXPRESSÃO E POLITICAMENTE CORRETO

“Pergunta sempre a cada ideia: a quem serves?”

Bertold Brecht

É recorrente a ideia de que a maior sabedoria que um homem pode alcançar é rir de si mesmo. Ainda assim, a prática diária vem provando que esta parece ser uma concepção um tanto idealizada, visto que não raramente a discussão sobre os limites do humor entra na pauta do dia, geralmente motivada por mais um, entre tantos, episódios em que um gracejo é mal recebido pela parte escarnecida. Há inúmeros casos, de chistes de gosto duvidoso de humoristas que por vezes parecem mais preocupados em polemizar que fazer graça até eventos de drásticas proporções, como os já abordados no capítulo anterior.

Sempre que ocorre algum evento do tipo – e eles sempre voltam a acontecer – retorna à baila a discussão sobre a liberdade de expressão, e se tudo pode ser dito, “duela a quien duela”. É um tênue limite, parece ser consenso, este o que separa a minha liberdade individual de expressar-me e a liberdade que o outro tem de se ofender e me dar uma cacetada, literal ou metafórica. A sabedoria popular costuma dizer que quem fala o que quer, ouve o que não quer. Lei de talião e retaliações à parte, muito se debate neste imenso fórum de discussão que se tornou a internet, em que, através das redes sociais, muito mais pessoas falam que escutam – a despeito do fato de terem dois ouvidos e uma boca.

4.1 – “No limite” ou “*No limits*”? : O politicamente correto é incorreto?

Como em qualquer ciência não-exata, não há, no humor, parâmetros precisos nos quais se pode basear para traçar seus limites ou identificar a partir de que ponto um texto – seja ele escrito ou visual – abandona uma categoria de crítica social para assumir ares de ofensa pessoal ou coletiva. Do contrário, a tentativa de estabelecer o que pode e o que não pode em uma piada (loiras, sim; anões, não...) correria o risco de ser tomada, esta sim, como peça humorística. Mais: se a crítica, por si só, é algo quase sempre indesejável pelo alvo da mensagem, poderia se questionar o direito de sentir-se ofendido

– ou de se dizer ofendido – ou acusar a vítima de uma suposta hiperssensibilidade seria algo perverso? Lida-se, aqui, com questões extremamente subjetivas: a própria noção de ofensa, de humilhação. De um lado, os direitos de expressão; de outro, os direitos da personalidade. No meio deste ringue, a Justiça, que, no melhor estilo chapliniano, leva pancadas de ambos os lados, na tentativa de mediar o embate. O certo é que discurso de “era só uma brincadeira” ou “é só uma piada” – por vezes repetido como mantra por comediantes e assediadores, uma estranha coincidência – não parece mais ser aceito como salvo-conduto para agir sem se responsabilizar por atos e palavras. Assim como parece inconcebível que um médico anestesiologista argumente que “era só uma anestesia” se um paciente morre durante o procedimento, não se deveria aceitar que um humorista se proteja sob o escudo guarda-chuva do “é só uma piada”.

Ainda que se argumente que rir de uma piada preconceituosa não significa que se concorde com seu conteúdo – pode-se achar graça do mecanismo em si da piada, e isto não quer dizer que o ridente necessariamente coadune com a mensagem preconceituosa contida nela – deve-se levar em conta que a aceitação social de tais piadas afrouxa as restrições contra a violência racista, celebrando-as, o que já foi evidenciado em diversos trabalhos acadêmicos. A perpetuação e a validação da desigualdade e do preconceito através do humor foi, por exemplo, objeto de estudo de Shane Rydell Triplett, em sua dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, pela Western Carolina University (EUA). Através de um experimento com 164 participantes, demonstrou-se que o humor depreciativo promove a “liberação” do preconceito apenas contra grupos minoritários, e não contra grupos hegemônicos. Assim se deu o experimento: após lerem piadas depreciativas contra homossexuais e outras que zombavam de pessoas racistas, os participantes fizeram cortes de verbas (hipotéticas) em quatro organizações estudantis, incluindo uma que apoiasse agenda racista e outra que defendesse a causa homossexual. Verificou-se que a quantidade de verba das entidades racistas não se alterou por conta da piada antirracista; por outro lado, o corte de verbas das entidades que apoiavam a causa gay foi alterado (para um corte maior) após o contato com piadas de teor homofóbico.¹⁰³

À mesma conclusão chegou o estudo, alguns anos antes, de quatro pesquisadores dos Estados Unidos, que publicaram em 2007 o artigo “Mais que ‘apenas uma piada’: a função

¹⁰³

http://libres.uncg.edu/ir/wcu/listing.aspx?id=8070&fbclid=IwAR1ngZ-rSb1rqBMnoEn_qyUDdTAmrhEJmPK-YQABO6hZMRIBV7dAybf-58o. Acessado em 7/7/2021.

liberadora de preconceito do humor sexista”¹⁰⁴, a partir de dois experimentos com a mesma metodologia, só que com piadas que menosprezam as mulheres. Neste caso, o curioso é que o humor interferiu na quantidade de verba alocada para uma organização de mulheres, algo que não se verificou nem quando os participantes tiveram contato com conteúdos sexistas não-humorísticos. Ou seja: conseguiu o que nem mesmo frases machistas “sérias” logrou. Conclusão: convém não subestimar o poder da piada.

Mesmo assim, ainda entre os que reconhecem os possíveis efeitos nocivos do humor dividem-se sobre se seria razoável pensar em mecanismos de controle sobre as mensagens: há sempre o temor da censura prévia. De fato, este não é o cenário que aqui sequer se cogita. Outro aspecto que se busca evitar é o julgamento do que seria um humor aceitável daquele que seria recriminável, algo tão subjetivo quanto propenso a uma possível “ditadura do bom gosto”. E aí corre-se o risco de um humor chapa-branca, com uma carcaça de politicamente correto. Ou seja, com alta probabilidade de abandonar suas características vitais. Um humor que agoniza no CTI por falta de risadas. Já dizia o mestre Millôr Fernandes: “Eu não quero viver num mundo em que não possa fazer uma piada de mau gosto”. Que o diga o jornalista Jorge Pontual e sua imitação de Chewbacca lamentando a morte da atriz Carrie Fischer, intérprete da Princesa Leia, em 2016.¹⁰⁵

Ao mesmo tempo em que não parece ser saudável para o humor condenar de antemão uma piada possivelmente polêmica, não se pode ignorar em absoluto outros existires e sentires, ainda que “politicamente correto” seja uma expressão vista com reserva por humoristas em geral e ojeriza pelos conservadores em particular, que, saudosos que parecem ser do tempo em que se ofendia tudo e todos sem maiores consequências, disparam suas metralhadoras de insensibilidades, a enxergar tudo como “mimimi” e intriga da oposição

104 Tradução livre de “More Than ‘Just a Joke’: The Prejudice-Releasing Function of Sexist Humor”, disponível em www.researchgate.net/publication/5791009_More_Than_Just_a_Joke_The_Prejudice-Releasing_Function_of_Sexist_Humor. Acessado em 7/7/2021.

¹⁰⁵ Em 27/12/2016, o correspondente internacional disse ao vivo, no programa *Em Pauta*, da *Globo News*, que a reação mais impressionante em relação à morte da atriz tinha sido de Chewbacca, e em seguida imitou seu grunhido, como se estivesse lamentando a perda da companheira. Pegos de surpresa, os companheiros de jornal ficaram sem reação. Ainda no programa, Pontual justificou a brincadeira devido ao fato de que a própria atriz tinha um humor sarcástico, e, portanto, o comentário seria pertinente. Às críticas que recebeu na internet, de fãs da saga *Star Wars* que não viram com bons olhos – ou ouviram com bons ouvidos – a brincadeira, Pontual se defendeu das retaliações virtuais republicando um tweet de 2012, com a frase de Millôr Fernandes. www.youtube.com/watch?v=SwdWD9_F6Xw. Acessado em 30/6/2021.

Muitos humorísticos televisivos fizeram sucesso usando do politamente incorreto para angariar espectadores, fosse em piadas preconceituosas, fosse na objetificação do corpo feminino. Seria um erro pensar que tais programas fazem de um passado remoto, “coisa dos anos 80”. Se *Casseta & Planeta* foi precursor de um tipo de humor mais escrachado e iconoclasta (e frequentemente machista e homofóbico, aos olhos de hoje) que emergiu no contexto de saída dos tempos sombrios de ditadura militar e o desbunde que isto ocasionava, atrações como *Pânico na TV* usaram e abusaram destes expedientes – com muito menos massa cinzenta, é verdade – até meados da década de 2010.

Ponderar sobre se tais programas seriam causa ou consequência da misoginia da sociedade seria algo equivalente a discutir o sexo dos anjos ou incorrer numa espécie de “dilema de Tostines”: vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais? Se continuavam a produzir aquele tipo de humor – o *Pânico*, por exemplo, trazia mulheres seminuas e um personagem de *blackface* chamado “Africano” que, em vez de falar, grunhia palavras incompreensíveis, numa representação selvagem e animalizada – era porque índices de audiência indicavam sua aceitação popular. Não caberia, portanto, apontar o dedo acusatório do julgamento moral, uma vez que não deixavam de ser reflexo de seu tempo e de uma sociedade que retroalimentava conteúdos como aqueles.

Ao mesmo tempo, colocar um grupo como Casseta & Planeta no mesmo balaio do “politicamente incorreto” onde estão humoristas como Danilo Gentili, Rafinha Bastos, Leo Lins e Dihh Lopes seria negar a diferença que existe entre eles; no mínimo, uma imprecisão – para não dizer uma falsa simetria. Uns parecem muitas vezes se promoverem pela polêmica em si, pelo mero sensacionalismo, ao se utilizarem de piadas e frases de efeito, mais por serem controversas que engraçadas – o que de certa forma os tornam mais polemistas que comediantes, assim como um Daniel Silveira¹⁰⁶ é muito mais um polemista que um político. Caberia, portanto, classificar estes “Danieis Silveiras do humor” sob a pecha de polemistas mal intencionados acometidos por algum tipo de incontinência verbal e, desta forma, “cancelá-los”? Não parece ser a atitude mais democrática para uma sociedade para a qual se presume um pensamento livre e uma troca de ideias com direito ao contraditório. Mas chega a ser tentador, como se vê nos exemplos a seguir.

¹⁰⁶ Deputado federal do PSL-RJ preso em flagrante em 16 de fevereiro de 2021 por divulgar um vídeo em que atacava o Supremo Tribunal Federal e defendia atos da Ditadura Militar.

Em 19 de setembro de 2011 foi ao ar o programa televisivo *Custe o Que Custar* (CQC), do qual o humorista Rafinha Bastos fazia parte. O tema que pautava a conversa entre os apresentadores da bancada era a cantora pop Wanessa Camargo. Após o comentário do âncora Marcelo Tas acerca da beleza da cantora, então grávida, Rafinha Bastos arrematou: “Comeria ela e o bebê”.¹⁰⁷ A frase, que certamente fugiu do script, causou um constrangimento visível e imediato a Marco Luque, companheiro de bancada, e que dias depois chegou a classificar como “idiota e de mau gosto” a piada do colega.¹⁰⁸ Custou também a demissão de Rafinha do programa. Inquirido sobre o assunto pelo portal iG, respondeu às perguntas com receitas de bolo de laranja.¹⁰⁹

Em carta publicada pela cantora, ela dá a entender que perdoaria o humorista, caso ele se retratasse. Mas o movimento do comediante foi justamente o oposto: em vez de desculpar-se pelo comentário infeliz – e que sequer graça teve – publicou, menos de um mês depois e em pleno calor da repercussão suscitada, um vídeo em que ironizava com a situação.¹¹⁰ A falta de humildade foi a gota d’água para a cantora, que decidiu ajuizar duas ações – uma criminal, por injúria, e outra cível, por danos morais. A queixa-crime foi considerada improcedente, mas a cível acabou condenando Rafinha a pagar indenização de R\$ 150 mil. Na ocasião, o juiz de Direito Luiz Beethoven Giffoni Ferreira, da 18ª vara Cível de SP, ressaltou que a liberdade de expressão também precisa respeitar os direitos e garantias fundamentais de qualquer cidadão.¹¹¹ Como se vê, a condenação não veio tão somente por conta do comentário que não chegou a durar dois segundos, mas também pela forma como o humorista lidou com o caso. E, ironia das ironias, metade do valor da indenização foi doado por Wanessa e seu esposo para o médium João de Deus, que posteriormente viria a ser condenado por crime sexual.¹¹² O que só parece corroborar a aparente vocação do Brasil para ser o país da piada pronta.

¹⁰⁷ www.youtube.com/watch?v=iRScEQU9p0. Acessado em 29/6/2021.

¹⁰⁸ <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/983748-marco-luque-diz-que-piada-de-rafinha-sobre-wanessa-foi-idiota.shtml>. Acessado em 29/6/2021.

¹⁰⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Críticas_e_controvérsias_envolvendo_Rafinha_Bastos. Acessado em 29/6/2021.

¹¹⁰ www.youtube.com/watch?v=TiktYLBC2Vw. Acessado em 29/6/2021.

¹¹¹ www.migalhas.com.br/quentes/148238/caso-wanessa-camargo--justica-condena-rafinha-bastos-por-danos-morais. Acessado em 29/6/2021.

¹¹² <https://veja.abril.com.br/cultura/wanessa-camargo-doa-valor-de-indenizacao-paga-por-rafinha-bastos>. Acessado em 29/6/2021.

Não era a primeira polêmica suscitada pelo humorista, cujas controvérsias tornaram-se até verbete da Wikipedia.¹¹³ Pelo contrário, já era notória sua fama de polemista. Pouco antes, no mesmo ano de 2011, Rafinha havia sido acusado de fazer apologia ao estupro, pelo comentário feito em sua apresentação de stand-up comedy em um bar paulistano, e que foi reproduzido em matéria veiculada na revista *Rolling Stone*. Dizia o comentário: “Toda mulher que eu vejo na TV reclamando que foi estuprada é feia. Não deviam estar reclamando e sim agradecendo. O sujeito que fez isso não merece cadeia, merece um abraço”.¹¹⁴ Na época, o Conselho Estadual da Condição da Mulher de São Paulo entrou com uma representação no Ministério Público Estadual por causa do gracejo.¹¹⁵ Em seu livro *Má Feminista*, Roxane Gay defende que o estupro como humor não é “só uma piada” ou “stand-up”. “Humor sobre violência sexual sugere permissividade – não para as pessoas que nunca cometeriam tais atos, mas para aquelas que têm problemas que lhes permitem ações terríveis aos outros” (GAY, 2006, p 182).

Ainda no prolífico 2011, um mês após a polêmica do bebê, o comediante foi questionado por uma jornalista da *Folha de São Paulo* sobre uma piada que fizera sobre o ator Fábio Assunção, e respondeu com xingamentos à repórter.¹¹⁶ No ano seguinte, Rafinha envolveu-se em imbróglio com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), ao fazer piadas com deficientes físicos e mentais. No DVD *Arte do Insulto* (nome que parece ter sido a melhor opção artística de Rafinha à época), ele diz que usou uma camisinha com efeito retardante e depois precisou “internar o pênis” na Apae. “Tá completamente retardado hoje em dia”, finaliza.¹¹⁷ Uma liminar da Justiça de São Paulo determinou que fossem recolhidos os DVDs do espetáculo. Dois anos depois, no entanto, o juiz Tom Alexandre Brandão, da 2ª Vara Civil de São Paulo, decidiu dar ganho de causa ao humorista e revogar a liminar. A sentença defende que o humor deve ser respeitado num grau “extremamente elástico, independentemente do

¹¹³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Críticas_e_controvérsias_envolvendo_Rafinha_Bastos. Acessado em 29/6/2021.

¹¹⁴ <http://diversao.terra.com.br/tv/rafinha-bastos-e-investigado-por-suposta-apologia-ao-crime.c591c63c8b15a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acessado em 29/6/2021.

¹¹⁵ O pioneiro Rafinha parece ter feito escola, pois no ano seguinte o comediante estadunidense nascido na Alemanha Daniel Tosh suscitou uma polêmica nos EUA, ao fazer uma série de piadas sobre estupro em um clube de comédia de Hollywood e ser confrontado por uma mulher que estava na plateia.

¹¹⁶ <http://arquivo.correiodobrasil.com.br/rafinha-bastos-agride-reporter-da-folha>. Acessado em 29/6/2021.

¹¹⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1414793-rafinha-bastos-vence-apae-em-primeira-instancia-de-disputa-judicial.shtml>. Acessado em 29/6/2021.

tipo, da qualidade e, inclusive, do assunto tratado” — temas que são considerados tabus podem ser objetos de humor, escreveu o juiz. Em show na Virada Cultural de 2012, o humorista disse que tudo não passou de um engano: ele, um “mongoloide”, achou que estava representando a causa.¹¹⁸ À decisão, de primeira instância, cabia recurso.

Em sua defesa, Rafinha lança mão de argumentos de mesa de bar, que subestimam o poder do humorista de, com seu discurso, influenciar atitudes de terceiros, sobretudo seus fãs: “Na verdade eu falo o que acho engraçado e às vezes minha cabeça pensa coisas absurdas que não necessariamente são minha opinião pessoal a respeito dos assuntos. Mas eu acho importante falar, a gente tem que rir. Entre amigos a gente ri dos maiores absurdos, por que não proferir isso?”.¹¹⁹

Estudiosa do politicamente correto, a pesquisadora estadunidense Moira Wegel, em seu artigo *Um alibi para o autoritarismo* (termo com o qual designa o politicamente incorreto – ou antipoliticamente correto, como ela prefere chamar), procura chamar atenção para a importância da linguagem na conexão, por exemplo, do ex-presidente dos EUA Donald Trump com seus fiéis seguidores, que o elogiam por “dizer o que pensa”, ainda que sejam disparates como se referir a mexicanos como “estupradores”, como o fez ao anunciar sua candidatura à presidência¹²⁰, em uma confusão semântica (ou de valores) que mistura autenticidade com o mais puro preconceito. A associação a outros políticos que, ironicamente, parecem ter orgulho de serem politicamente incorretos – como Jair Bolsonaro, no Brasil – é imediata.

Para Moira – que taxa o politicamente correto de “inimigo imaginário” por enxergá-lo não como censura, mas como sinônimo de educação, por representar um cuidado em evitar ofender o outro¹²¹ – onde liberais veem uma proposta de mudança das expressões idiomáticas afim de refletir uma sociedade cada vez mais diversa, Trump vê uma conspiração.¹²² Na falta de tradução mais sofisticada, a direita brasileira chamou de “mimimi”. “O discurso *antipoliticamente correto* ecoa nos Estados Unidos entre um

¹¹⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/02/1414793-rafinha-bastos-vence-apae-em-primeira-instancia-de-disputa-judicial.shtml>. Acessado em 29/6/2021.

¹¹⁹ www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/10/quando-a-piada-perde-a-graca-e-vira-ofensa.

Acessado em 24/8/2021.

¹²⁰ https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/17/internacional/1434507228_187374.html. Acessado em 5/7/2021.

¹²¹ <https://oglobo.globo.com/epoca/estudiosa-do-politicamente-correto-afirma-que-ele-nao-existe-um-inimigo-imaginario-23374222>. Acessado em 5/7/2021.

¹²² www.revistaserrote.com.br/2018/10/um-alibi-para-o-autoritarismo-por-moira-weigel. Acessado em 5/7/2021.

público que havia sido informado durante décadas de que era inaceitável ser abertamente racista ou misógino. Então, os ataques ao *politicamente correto* tornaram-se uma forma de expressar antigas formas de sexismo e de racismo, sem que as pessoas sintam vergonha por dizer essas coisas”, afirma a acadêmica.¹²³ Assim, em vez de se assumir homofóbico, adota-se o discurso: ‘Eu não sou politicamente correto, então vou dizer que os gays se beijarem em público é uma cena dantesca’¹²⁴, e qualquer pessoa que venha a corrigir este discurso parece alguém que está tentando patrulhá-lo.

Por falar em linguagem e politicamente correto, o psicólogo e professor universitário canadense Jordan Peterson tornou-se uma celebridade da internet ao se manifestar contrário à Lei C-16 e se ver catapultado à fama pelas milhares de visualizações dos vídeos de seu canal no YouTube e ficar conhecido como “o professor contra o politicamente correto”. Aprovada em 6 de julho de 2017 no país norte-americano, a lei tornou a discriminação contra pessoas transexuais, travestis e não-binárias um crime de ódio, previsto no Código Penal canadense e passível de ser punido com medidas sócioeducativas ou mesmo prisão.¹²⁵ Na prática, a lei C-16 passou a regular sobre, por exemplo, o respeito ao nome social (com direito ao gênero X no passaporte) e ao uso de pronomes neutros para pessoas que não se identificassem nem como homem, nem como mulher.

A polêmica lei (por pretender regular o uso do idioma, “a fórceps”) acabou por catapultar o acadêmico ao status de guru de um público composto majoritariamente por homens jovens brancos conservadores, que se viram atraídos pelas falas do “intelectual testosterona”, com verniz de acadêmico ponderado dotado de rigor científico. Com sua fala monocórdica a camuflar ideias radicais, rapidamente, porém, Peterson tornou-se um dos intelectuais mais influentes do mundo anglófono, a ponto de criar com Slavoj Žižek um antagonismo espetacularizado, com direito a um “MMA ideológico” com data e hora marcadas para o embate de pensamentos, no que ficou conhecido como “debate do século”. “Peterson culpa a ‘doutrinação esquerdista’ nas universidades, o ‘politicamente correto’, o ‘neomarxismo’ e o ‘pós-modernismo’ por todos os males do Ocidente, como

¹²³ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/20/politica/1534788456_384604.html. Acessado em 5/7/2021.

¹²⁴ www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/04/27/interna_politica,1260959/bolsonaro-faz-comentario-homofobico-e-diz-que-pt-incentivou-sexualizacao.shtml. Acessado em 5/7/2021.

¹²⁵ <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/canada-aprova-lei-que-proibe-desrespeito-a-identidade-de-genero>. Acessado em 6/7/2021.

a emasculação de uma geração de machos viris por feministas e autoritárias”, diz um perfil sobre sua figura.¹²⁶

Os casos citados, envolvendo humoristas, poderiam levar a crer que o politicamente incorreto é algo ultrapassado, que poderia até fazer sentido nos longínquos anos 80, mas que agora, na sociedade em que vivemos, não tem mais espaço. Ledo engano. Mesmo hoje, com toda a “patrulha ideológica” – outra expressão comumente adotada por setores mais conservadores da sociedade – é possível fazer humor politicamente incorreto de qualidade e que não é ofensivo (bem, esta é uma afirmação polêmica, pelo caráter subjetivo envolvido). De todo modo, um humor politicamente incorreto aceito pelo *mainstream*. Ser veiculado por canais televisivos pode não ser um parâmetro inquestionável, mas não deixa de ser um bom termômetro de aceitação. E exemplos não faltam.

Comédias que se utilizam de um humor de constrangimento – ao brincar com convenções do politicamente correto – ganharam, inclusive, status de subgênero, sob a alcunha de “cringe comedy”, que se utiliza, como fonte de humor, da vergonha, humilhação e desconforto de seus personagens, geradas quase sempre pelas falhas de interação e pela ausência de uma percepção adequada da realidade.¹²⁷ Uma comédia *cringe* joga para um personagem o que alguns humoristas já citados parecem incorporar em suas personalidades de cara limpa: uma certa maneira de estarem desassociados, descolados da realidade, porque são (ou estão) autocentrados demais para perceber o outro, o mundo. Uma comédia *cringe* se utiliza bastante da incongruência como conceito e frequentemente do falso documentário como formato. Mas em alguns momentos a vergonha alheia é tão real que podemos chegar a nos perguntar o quanto de nós não há também ali. E isto pode ser ainda mais constrangedor. Alguns dos casos mais célebres são os de *Borat* e *The Office*. *Mr. Bean* também flerta com o gênero. Exemplos tupiniquins são *Choque de Cultura*, em que motoristas de vans opinam sobre obras da sétima arte, e Apóstolo Arnaldo, um neopentecostal desbocado e nada convencional, que espalha a palavra da Igreja Evangélica Pica das Galáxias.

¹²⁶ <https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/03/o-que-pensa-jordan-peterson-o-filosofo-da-testosterona.html>. Acessado em 7/7/2021.

¹²⁷ <https://sobrecmedia.wordpress.com/2013/11/29/cringe-comedy-humor-pra-ver-entre-os-vaos-dos-dedos>. Acessado em 1/7/2021.

Outro exemplo bem-sucedido é o comediante estadunidense Dave Chappelle, que usa e abusa de tipos politicamente incorretos, como um sujeito que vai a uma escola fazer uma palestra antidrogas. Acontece que é um viciado de pó branco nas narinas. Outro esquete exibido pelo canal *Comedy Central* em que interpreta Clayton Bigsby, um homem cego de nascença que não sabe que é negro e lidera um movimento supremacista branco nos Estados Unidos. Ele ignora sua condição porque vive em uma comunidade branca e as pessoas com quem convive preferiram não lhe contar, para “facilitar as coisas”. Assim, Clayton diz barbaridades sobre os negros (não por acaso, as mesmas que dizem os racistas). No encontro dos supremacistas, como está vestido à la Ku Klux Klan, a túnica e o capuz não permitem que os integrantes da seita identifiquem sua cor. Lá, o personagem continua a tecer seus comentários xenófobos, homofóbicos e racistas.¹²⁸ Mais politicamente incorreto, portanto, impossível, certo?

Pois bem, por que este esquete, que claramente é politicamente incorreto, é bem aceito? (ainda que alguns digam que “claramente” não é a palavra mais apropriada) Talvez porque, por mais que se ria de um comediante negro, ri-se do comportamento supremacista branco, do quão estúpido é, sobretudo quando encarnado por um negro que não sabe que é negro. O engenhoso gatilho mental, aliado à dose de nonsense do esquete, gera graça quase espontânea, ainda que alguém mais ressabiado relute rir do tema “questão racial”, sobretudo em público. Mais importante comentário está em sua gênese: o esquete não reforça preconceitos. Pelo contrário, lança holofotes, de maneira inconvenientemente cômica e carregada de ironia, sobre a estupidez do racismo.

Da mesma forma, era uma opressão a ridicularizada quando, em 1943, Marianne Elise K. – uma alemã que trabalhava em uma fábrica de munições no período nazista e cujo marido havia morrido na Guerra – contou uma piada antinazi a um colega de trabalho e foi por ele denunciada. Dizia o chiste: "Hitler e Göring estão no alto da torre de rádio de Berlim. Hitler diz que quer fazer alguma coisa para animar o povo de Berlim. 'Por que então você não pula?', sugere Göring".¹²⁹ Por mais mórbida – e politicamente incorreta – que fosse, era na opressão nazista que a piada “batia”. Marianne foi julgada e condenada à morte pelo “Tribunal do Povo”, uma corte especial da Justiça alemã de então.

¹²⁸ www.youtube.com/watch?v=BLNDqxrUUwQ. Acessado em 1/7/2021.

¹²⁹ <https://history.uol.com.br/noticias/mulher-foi-condenada-morte-por-fazer-piada-sobre-hitler-na-alemanha-nazista>. Acessado em 7/7/2021.

Se há alguma função digna de louvor no humor, é justamente esta: expurgar a injustiça do mundo através do prazer, ainda que efêmero, de uma boa risada. Uma forma possível – e talvez a única – de subverter, em uma lógica carnavalesca, a realidade tantas vezes surreal que se nos apresenta. Basta uma risada para inverter, ainda que fantasisticamente, a ordem do *status quo* e incomodar a seriedade impositiva dos poderes estabelecidos. É neste sentido que vale a pena um humor “politicamente incorreto”. Quem dele se utiliza para “chutar cachorro morto”, ridicularizar quem já sofre preconceito no dia a dia, acaba por afagar os poderes – e pudores – estabelecidos. Como diz um texto divulgado pela organização Liga Humanista Secular do Brasil, “é fácil fazer piada machista em sociedade machista, sem desafiar o machismo. É fácil fazer piada homofóbica em sociedade homofóbica, sem desafiar a homofobia. Tão fácil que torna alguns comediantes ricos. Difícil é fazer piada antinazista em sociedade nazista”.¹³⁰

Percebe-se uma onda atual de assunção de protagonismo por parte de humoristas negros. Se antes a participação dos negros na cena de comediantes estava associada a um tipo de humor que muitas vezes abordava como tema a cor da pele, e o fazia de forma pejorativa ou folclórica – leia-se politicamente incorreta, vide exemplos como os de Mussum, Tião Macalé, Jorge Lafond e sua Vera Verão – e mesmo comediantes do calibre de um Grande Othelo não escapavam da questão racial como foco do humor, hoje humoristas negros vêm assumindo protagonismo nesta mesma cena. Espetáculos de *stand-up comedy* como “Coisa de Preto” não deixam de focar as questões, mas o fazem de forma distinta, “empoderada”, em que o negro não só se vê representado num palco pelas questões intrínsecas do ser negro no dia a dia – pela ótica do humor – como também frequentemente, e isto é outra novidade, está representado também na plateia. A maioria do público destes espetáculos é formado por mulheres e homens negros, que se deliciam com piadas, muitas das quais não deixam de ser raciais, mas que fazem chacota dos opressores tradicionais, acostumados a serem agentes, e não pacientes das piadas: os brancos.

Para o comediante negro Helio de La Peña – que vivenciou estas duas épocas do “humor negro”, consumindo e produzindo humor – o politicamente correto é resultado da mão dupla na comunicação entre artista e espectador. “Por muito tempo, o entretenimento era unilateral: o artista criava e exibia. Cabia ao público receber

¹³⁰ <https://www.facebook.com/notes/4092297947453965>. Acessado em 7/7/2021.

passivamente o conteúdo criado. As redes sociais deram voz ao espectador. O humorista decide se vai levar em conta este *feedback* ou não”, diz o integrante do extinto grupo Casseta & Planeta.¹³¹

Ou seja, o politicamente correto, ainda que atacado por intelectuais e humoristas conservadores (por vezes, as funções se misturam), como Luiz Felipe Pondé, Mário Sergio Cortella, Leandro Karnal e Danilo Gentili, e outros nem tanto – mas que têm seus arroubos de conservadorismo, como um Jô Soares¹³², e todo o peso que representa para o humorismo brasileiro – é sinal de que a sociedade é um organismo vivo, em constante mutação. Por que diabos com o humor haveria de ser diferente?

4.2 – O sagrado direito de ir e rir: Liberdade, ainda que irrestrita?

Em 2017, outra polêmica de Rafinha Bastos. Desta vez, nem de piada se tratava: Rafinha defendeu o direito de expressão dos grupos envolvidos em atos nazistas e racistas na cidade de Charlottesville, nos Estados Unidos. Diz ele, no vídeo: “Não existe meio do caminho para a liberdade. Se você já ouviu alguém dizer ‘Eu sou a favor da liberdade de expressão, mas...’ ‘Mas’ não existe. Esta pessoa simplesmente não é a favor da liberdade (...) liberdade não tem ‘porém’. (...) Preconceito é uma das coisas mais tristes que existem, mas em uma sociedade democrática, as pessoas têm que ter o direito de serem babacas”¹³³. Desta vez, no entanto, após nova polêmica, o humorista, agora mais maduro, desculpou-se: “Minha luta por liberdade de expressão não pode justificar um comportamento nazista ou racista. Em nenhum momento, enquanto eu estava fazendo aquele vídeo, me passou pela cabeça que talvez interpretassem que eu estivesse passando pano para nazista. Quando isso aconteceu, eu fiquei chateado para caralho, eu confesso. Mas, revendo o vídeo, a maneira como me expressei, eu entendo essa interpretação”¹³⁴. Não custa lembrar que Rafinha é de família judia.

Vale, também, recordar que mesmo em sociedades de democracias bem consolidadas a liberdade de expressão não é ilimitada. Na Alemanha, berço do nazismo – e justamente pelo trauma do passado autoritário – o crime de nazismo é bem

¹³¹ <https://jornalismosp.espm.edu.br/nao-basta-nao-ser-racista-devemos-ser-antirracistas>. Acessado em 5/7/2021.

¹³² www.youtube.com/watch?v=utiU72EX1hs. Acessado em 7/7/2021.

¹³³ <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente.rafinha-bastos-pede-desculpas-por-video-defendendo-manifestacao-nazista,70001940457>. Acessado em 29/6/2021.

¹³⁴ <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente.rafinha-bastos-pede-desculpas-por-video-defendendo-manifestacao-nazista,70001940457>. Acessado em 29/6/2021.

tipificado. É proibido exaltar temáticas nazistas ou fazer qualquer referência aos ideais do nazismo, mesmo que de forma implícita. Por esse motivo, partidos neonazistas funcionam clandestinamente. E partidos de extrema-direita, como AfD (Alternative für Deutschland), são muito bem assessorados, para que articulem suas ideias e propostas sem violar a lei. Ou seja: ainda que também por lá a liberdade de expressão seja pilar da democracia, isto não significa que um cidadão possa, com seu discurso, ferir o direito dos outros, protegendo-se atrás do discurso de “liberdade de expressão”. Assim, se o ex-secretário de Cultura do Governo Bolsonaro Álvaro Alvim tivesse feito na Alemanha o mesmo pronunciamento, com referências ao discurso de Joseph Goebbels, seria prontamente julgado e muito provavelmente, preso. Não confundir democracia com má-fé é importante.

A forma como as democracias lidam com o tema da liberdade de expressão não é a mesma em todos os países, mesmo nos democráticos. Algumas nações são mais liberais e “tolerantes” (condescendentes talvez seja a palavra mais adequada) com a liberdade de expressão a qualquer custo – caso dos EUA, que a têm na primeira emenda à sua Constituição. A Justiça, por lá, tende a ter um entendimento mais radical do termo, como quem diz, parafraseando o político baiano Otávio Mangabeira: “para os males da liberdade de expressão, o remédio é mais liberdade de expressão”¹³⁵. Não raramente, no entanto, verifica-se casos de abusos, em nome da liberdade de expressão. A ativista Roxane Gay tem uma visão crítica sobre o tema: “Em algum ponto no tempo, começamos a interpretar mal a Primeira Emenda, e a concepção de liberdade de expressão que ela nos concede. Somos livres para falar sem medo de repressão ou de perseguição, mas não somos livres para falar o que quisermos sem que haja consequências” (GAY, 2016, p. 180).

Curiosamente, um comediante expressou-se contra a liberdade irrestrita: o britânico Sacha Baron Cohen atacou empresas de redes sociais que permitiam deliberadamente a disseminação de discursos de ódio e notícias falsas em anúncios políticos. “Se o Facebook existisse na década de 1930, teria permitido que Hitler postasse um anúncio de 30 segundos sobre sua ‘solução’ para o ‘problema judaico’”, argumentou, ao defender checagem dos fatos pelas companhias, para que mentiras não

¹³⁵ A frase original é “Para os males da democracia, o remédio é mais democracia”.

pudessem ser exponencialmente amplificadas e gerassem engajamento através das redes sociais. “Liberdade de expressão não é liberdade de alcance”, sintetizou o humorista.¹³⁶

No Brasil, a liberdade de expressão não costuma ser muito bem tratada nas instâncias jurídicas inferiores, e é comum se verificar decisões judiciais em prol do que poderia ser considerado um tipo de censura – vide os casos já trazidos – tendo-se que interpor recursos a instâncias superiores para se ver resguardada o direito de expressar-se livremente. Mas, como se viu, não se trata de tema que admita generalizações ou simplificações. Em seu voto a favor do inquérito que investiga a disseminação de notícias falsas, o Ministro do STF Alexandre de Moraes, relator do processo, afirmou: “Liberdade de expressão não se confunde com ameaça, com coação, com atentado. A Constituição consagra o binômio liberdade com responsabilidade. A Constituição não permite que criminosos se escondam sob o manto da liberdade de expressão utilizando esse direito como escudo protetivo para o discurso de ódio e a prática de atividades ilícitas. Liberdade de expressão não é liberdade de agressão, liberdade de expressão não é liberdade de destruição da democracia, das instituições e da honra alheia”.¹³⁷ Ou seja, por aqui vigora a compreensão de que liberdade de expressão e responsabilidade são indissociáveis – e de que não deve haver censura prévia, mas isso não significa salvo-conduto para se dizer o que lhe der na veneta sem que seja responsabilizado por isso.

O fato de haver eleições diretas de quatro em quatro anos (no caso brasileiro) não garante a saúde da democracia de um país. Esta se sustenta na estabilidade dos pilares democráticos, como a liberdade de expressão e o acesso à saúde e à educação. Quando, por exemplo, um presidente ataca a imprensa do próprio país, está atacando a própria democracia – o que deve, sim, ser coibido, pois “liberdade de expressão não é liberdade de destruição da democracia”¹³⁸; deveria, em vez disso, fortalecer os instrumentos que questionem as decisões do Executivo. O voto é um instrumento necessário para a democracia, mas não suficiente por si só. Sobre liberdade de expressão, por aqui parece valer a máxima dos Estados Unidos, que tem um provérbio popular que diz: “Falar é barato até que se precise contratar um advogado”.

¹³⁶ www.youtube.com/watch?v=ZjjZqSusoss. Acessado em 7/7/2021.

¹³⁷ <https://oglobo.globo.com/brasil/liberdade-de-expressao-nao-liberdade-de-agressao-diz-alexandre-de-moraes-ao-votar-favor-do-inquerito-das-fake-news-2-24483946>. Acessado em 5/7/2021.

¹³⁸ Fala do Ministro do STF Alexandre de Moraes disponível em www.youtube.com/watch?v=aaKuWOKtT-4. Acessado em 5/7/2021.

Outro que tem o “privilégio” de ostentar um verbete da Wikipedia só para suas “tretas” é Danilo Gentili.¹³⁹ No mesmo 2011, comentando sobre o cancelamento da Estação Angélica do metrô em Higienópolis, bairro paulistano com alta concentração de judeus, por pressão da comunidade local, Gentili postou em uma rede social: “Entendo os velhos de Higienópolis temerem o metrô. A última vez que eles chegaram perto de um vagão foram parar em Auschwitz”.¹⁴⁰ A piada tocava em tema extremamente sensível à comunidade judaica. Nem mesmo a notável capacidade do humor judaico de rir das próprias mazelas faz com que o Holocausto deixe de ser um tabu entre judeus. O humorista chegou a apagar a mensagem, mas o recuo gerou ainda mais repercussão. O comediante, então, desculpou-se na mesma rede social horas depois.

No ano seguinte, Gentili foi precessado pelo redator Thiago Ribeiro, que compilou diversos momentos racistas do comediante em um vídeo. Como resposta do humorista, o tuíte: “Sério, vamos esquecer isso... Quantas bananas vc quer pra deixar essa história pra lá?”. Como resposta da Justiça, a absolvição de Gentili, em 2014. Para o juiz do caso, Marcelo Matias Pereira, “seria necessário algo a mais do que uma piada grosseira e infeliz, vale dizer, um intuito de realmente ofender a vítima, desqualificando-a pela cor de sua pele, o que não ocorreu no caso em questão”.¹⁴¹ Houve quem tenha considerado mais uma banana, dessa vez da Justiça.

Em 2016, o comediante se envolveu em um embate público com a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) ao comentar um tuíte em que a parlamentar defendia as reações intempestivas de Jean Wyllys (PSOL-RJ) – que deu uma cusparada em Jair Bolsonaro (PSC-RJ), então seu colega parlamentar, durante votação do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Roussef – e do ator José de Abreu, que reagiu de forma igualmente agressiva contra um casal que o ofendeu em um restaurante. Gentili postou três mensagens que a representante considerou ofensivas e fizeram-na enviar uma notificação oficial, em maio de 2017, através de um órgão da Câmara de Deputados, para que ele apagasse as postagens. Ao receber o documento, Gentili, após sugerir que a remetente fosse “puta” (ao ocultar letras da palavra “deputada”), rasgou a

¹³⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Críticas_e_controvérsias_envolvendo_Danilo_Gentili. Acessado em 29/6/2021.

¹⁴⁰ <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,gentili-faz-piada-sobre-judeus-causa-reacao-no-twitter-e-pede-desculpas,718496>. Acessado em 29/6/2021.

¹⁴¹ <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/justica-absolve-danilo-gentili-por-oferecer-banana-a-internauta-negro-3192>. Acessado em 29/6/2021.

correspondência oficial e esfregou o papel picotado em suas partes íntimas “com todo o respeito”, segundo suas palavras (mesmo tendo acusado a parlamentar de cinismo), fazendo questão de registrar todo o processo e divulgar o vídeo posteriormente. Na sequência, armazenou os pedaços de papel novamente dentro do envelope e retornou a correspondência à deputada, através dos correios, finalizando o vídeo com os dizeres: “Para Maria do Rosário e para qualquer outro deputado, de qualquer outro partido: eu pago o seu salário. Então eu decido se você cala ou não a boca – nunca o contrário”. Após isso, ainda sugere que a deputada (a quem já tinha falado que merecia, sim, ser estuprada)¹⁴² “abra a bunda e enfie bem no meio dela” o conteúdo do envelope.¹⁴³

Gentili foi processado por injúria e em 10 de abril de 2019 foi condenado pela 5ª Vara Federal Criminal de São Paulo à pena de seis meses e 28 dias de prisão em regime inicial semiaberto. Na decisão, a juíza Maria Isabel do Prado ressalta o direito à liberdade de expressão, mas pontua que quando alguém ultrapassa a linha da ética, “surge no Estado de Direito a tutela penal como legítimo instrumento de contenção contra o uso abusivo da liberdade de expressão”.¹⁴⁴ Professor da Escola de Direito do Brasil, o criminalista Fernando Castelo Branco manifestou-se contra o que chamou de barbárie verborrágica: “Há humoristas ácidos, mas extremamente inteligentes, que são capazes de falar coisas que possam até incomodar, mas que não resvalam em ofensa. (...) Ninguém pode, a título de fazer piada, se especializar na arte de ofender pessoas”.¹⁴⁵

Por outro lado, diversos humoristas se mobilizaram em sua defesa. O réu, por sua vez, preferiu ironizar: “Quem vai me levar cigarros?”, perguntou Gentili, que pôde recorrer da sentença em liberdade. Em abril de 2021, no entanto, a Justiça acabou anulando a condenação por injúria.

O que parece mais curioso no caso Maria do Rosário é que em nenhum momento humor esteve em pauta. Em toda a polêmica, não houve um momento sequer de humorismo, o que deveria ser matéria-prima de um... humorista. E é digno de nota que ambos os comediantes, Rafinha Bastos e Danilo Gentili, somente se retrataram – e

¹⁴² <https://jovempan.com.br/entretenimento/famosos/danilo-gentili-diz-que-maria-do-rosario-merece-ser-estuprada.html>. Acessado em 29/6/2021.

¹⁴³ www.youtube.com/watch?v=vsGNazzzVt0. Acessado em 29/6/2021

¹⁴⁴ <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/10/justica-condena-danilo-gentili-por-injuria-contramaria-do-rosario.htm>. Acessado em 29/6/2021.

¹⁴⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/danilo-gentili-e-condenado-a-indenizar-marcelo-freixo-em-r-20-mil.shtml>. Acessado em 29/6/2021.

de maneira célere – quando estiveram envolvidos em polêmicas com temas judaicos. Sobre isto, a blogueira feminista Lola Aronovich comentou: “Nada de oferecer bananas a um negro que protesta contra racismo, ou de esfregar no saco a notificação de uma deputada mulher. Quando o alvo da piada é um grupo com poder econômico um pouco maior, a defesa da liberdade de expressão irrestrita some rapidinho”.¹⁴⁶ Ainda no ano de 2019, Gentili foi condenado a pagar indenização de R\$ 20 mil ao deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ) por tuíte de 2017, quando o político ainda era deputado estadual. Na mensagem, Danilo (nada) Gentili o chamava de “merda” e induzia seus seguidores a considerá-lo assassino e farsante. Tantos processos proporcionaram ao comediante uma cena lacradora de seu espetáculo *Politicamente Incorreto*, em que usa uma motosserra (que sequer consegue ligar – e isto em tese não faz parte do show de humor) para destruir os documentos diante de um séquito de pessoas que gritam para alguém que consideram “mitar” com a atitude.¹⁴⁷

Outro humorista que usou a expressão “merda” para se referir a uma autoridade foi Gregório Duvivier, que direcionou o elogio a Sérgio Moro em abril de 2019, quando este ocupava o cargo de Ministro da Justiça.¹⁴⁸ Gregório estava em Curitiba e acabou proferindo improperios contra Moro, que tem na cidade seu reduto político. O comediante não foi processado porque só o injuriado pode perpetrar o processo, e Moro, em suas palavras, não quis fazê-lo em nome da liberdade de expressão.¹⁴⁹ Dias depois, em seu programa *Greg News*, o comediante pediu desculpas a Moro e ao público, “que merecia que o juiz fosse desancado com mais classe, com argumentos e piadas, e não com injúrias. O objetivo do humorista não é dizer que alguém é um merda. É provar que alguém é um merda, sempre colocando umas piadas no meio para o espectador pensar que ele chegou a esta conclusão sozinho”.¹⁵⁰

Em meio à pandemia mundial do novo coronavírus, já não tão novo assim, uma carta aberta assinada por mais de 150 escritores, acadêmicos e intelectuais progressistas – entre eles, nomes de peso como Noam Chomsky, Maragaret Atwood, Salman Rushdie

¹⁴⁶ <https://jornalistaslivres.org/eu-festejo-a-condenacao-de-danilo-gentili-por-lola-aronovich>. Acessado em 30/6/2021.

¹⁴⁷ www.youtube.com/watch?v=t8Cnavr0Tq0. Acessado em 30/6/2021.

¹⁴⁸ www.youtube.com/watch?v=jXkWpMFQgqU. Acessado em 30/6/2021.

¹⁴⁹ <https://vejasp.abril.com.br/cidades/no-twitter-moro-responde-a-criticas-de-comediante-feitas-ha-um-mes>. Acessado em 30/6/2021.

¹⁵⁰ www.youtube.com/watch?v=9vvuN0HGSi8. Acessado em 30/6/2021.

e J. K. Rowling – e publicada na revista Harper’s causou rebuliço nas redes sociais. No documento, intitulado *Uma Carta Sobre a Justiça e o Debate Aberto*¹⁵¹, os signatários recriminam um crescente “clima intolerante” por parte do ativismo de esquerda no debate público com relação a pontos de vistas discordantes. Isto estaria afetando a livre troca de informações e ideias, ao causar um “estreitamento constante dos limites do que pode ser dito sem a ameaça de represália”, atitude que segundo o texto se espera da direita radical, mas não de setores progressistas da sociedade.

O manifesto sugere ainda que a maneira de derrotar as más idéias “é por meio de exposição, argumento e persuasão, não tentando silenciá-las” e finaliza com um apelo: “precisamos de uma cultura que nos deixe espaço para experimentação, riscos e até mesmo erros”. A carta acabou por suscitar uma intensa polêmica – o que fez com que alguns dos signatários se retratassem posteriormente – acerca da discussão: onde acaba a liberdade de expressão e começa a incitação ao ódio?; tolerância zero em relação a abusos pode ser considerado censura? Mais que isso, escancarou a dupla face do advento das redes sociais: ao mesmo tempo em que possibilitou a democratização do debate público, trouxe a reboque campanhas de boicote e perseguição: a famigerada “cultura do cancelamento”, que toca em temas caros ao progressismo das novas gerações, como empatia e acolhimento – o que não impede, no entanto, que mesmo indivíduos que se consideram progressistas “apliquem” punições desproporcionais. Segundo o documento, este tipo de patrulha ideológica estaria acarretando sobre o livre pensar uma atitude de autopolicimento e alerta permanente, *woke culture*.

Para alguns autores, deve-se poder rir do que bem se entender, a despeito do dano que aquilo possa vir a causar. Para eles, não faria sentido qualquer tipo de censura ao humor. Como se seguissem ferrenhamente o preceito de que “tutto nel mondo è burla!”¹⁵² e os incomodados que se explodam, no melhor estilo Justo Veríssimo, personagem do saudoso Chico Anysio.

Um deles é Christie Davies, sociólogo britânico que presidiu a Sociedade Internacional de Estudos de Humor. Ele faz uma curiosa analogia: “Irritar-se com piadas e pretender censurá-las porque lidam com assuntos delicados faz tanto sentido

¹⁵¹ <https://harpers.org/a-letter-on-justice-and-open-debate>. Acessado em 18/6/2021.

¹⁵² Trecho musical final da ópera Falstaff, de Giuseppe Verdi. Traduzível como “tudo no mundo é zombaria!”.

quanto quebrar um termômetro porque ele revela a temperatura de uma pessoa febril” (DAVIES, 1990, p. 336).

O filósofo belga Raoul Vaneigem não fez muito mistério sobre seu ponto de vista acerca do tema. Em *Nada é sagrado, tudo pode ser dito: reflexões sobre a liberdade de expressão*, ele defende com unhas e dentes o direito de se expressar, seja qual for o assunto ou o posicionamento de quem emite determinada opinião, no melhor estilo “Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disser, mas defenderei até a morte o direito de dizê-las”¹⁵³. Libertário a ponto de se tornar praticamente um libertino do expressar-se, ele defende não haver nem bom nem mau uso da liberdade de expressão; apenas um uso insuficiente: “Nenhuma ideia é inadmissível, até mesmo a mais aberrante, até mesmo a mais odiosa. Nenhuma ideia, nenhum propósito, nenhuma crença devem escapar à crítica, à derrisão, ao ridículo, ao humor, à paródia, à caricatura, à simulação” (VANEIGEM, 2004, p. 22) Em seguida, cita o escritor francês Georges Bataille, para quem o mundo só é habitável sob a condição de nada nele ser respeitado, e o poeta belga Louis Scutenaire, que, não sem senso de humor, vaticinou: “Há coisas com as quais não se brinca. Não o bastante!”. No entanto, o filósofo faz a ressalva de que permitir a expressão irrestrita não significa concordar com as mensagens, nem dialogar com seus emissores.

“A absoluta tolerância com todas as opiniões deve ter por fundamento a intolerância absoluta com todas as barbáries. O direito de tudo dizer, de tudo escrever, de tudo pensar, de tudo ver e ouvir decorre de uma exigência prévia, segundo a qual não existe nem direito nem liberdade de matar, de torturar, de maltratar, de oprimir, de constranger, de privar de alimento, de explorar” (VANEIGEM, 2004, p. 20)

Vaneigem defende sua posição – que, ironicamente, não deixa de ser radical – com argumentos um tanto simplistas, como o de que a proibição incitaria a transgressão. “O pior modo de condenar certas ideias é classificá-las como crime. Um crime é um crime, e uma opinião não é um crime, qualquer que seja a influência que se lhe atribua” (VANEIGEM, 2004, p. 32). Na mesma linha de Davies e seu termômetro, compara tudo

¹⁵³ A frase, comumente atribuída a Voltaire, na verdade é da escritora inglesa Evelyn Beatrice Hall, que no livro “Os amigos de Voltaire” procurou sintetizar o pensamento de seu biografado em uma frase. Foi tão feliz na tarefa que o aforismo passou a ser atribuído ao pensador francês.

o que considera “censura” a um sintoma de uma doença no indivíduo e na sociedade, um pus de uma sensibilidade ferida, que deve ser expelido para que não se torne um tumor maligno que venha a infectar o tecido social.

O belga ataca leis que se propuseram a regular a expressão em algum sentido, como a francesa lei Gayssot, de 1992 – que transforma em delito a negação de crimes contra a Humanidade – sob o argumento de que são instrumentos que exorcisam o mal, em vez de preveni-lo e saná-lo. Mas, além de não apresentar medidas práticas de como esta prevenção poderia ser feita, o próprio Vaneigem, em sua defesa apaixonada da liberdade – inclusive de se propagar ideias racistas, sexistas, xenófobas ou antidemocráticas – parece se contradizer em alguns momentos.

Vaneigem critica que o “dever de memória” sobre o Holocausto, cuja recordação deveria evitar que novas atrocidades fossem cometidas, muitas vezes sirva de pretexto para “uma política israelense que subjuga o povo palestino e acusa de antissemitismo todo aquele que ergue a voz para reprová-la”. (VANEIGEM, 2004, p. 37). Ainda assim, afirma que os pensamentos odiosos “perecem de seu próprio veneno”, posicionamento que parece conter certa dose de romantismo utópico com pitadas de ingenuidade, por não se ver traduzido na prática diária “do mundo real”. Vidas se acabam por conta de ideias preconceituosas que são reproduzidas em discursos odiosos, eis um fato que não deve ser esquecido, e chega a ser curioso que alguém que defenda tanto a palavra pareça desconhecer – ou querer ignorar – seu poder, para o bem e para o mal.

Fica claro que, a depender das convicções do filósofo belga, legítimo adepto de um *laissez-faire* ideológico, nenhuma lei sequer seria necessária. Cada um falaria o que lhe desse na veneta e, de alguma maneira – misteriosa ou esotérica (grifo nosso) – a sociedade se regularia e o bem se sobreporia ao mal. Nem todos pensam assim. Há autores que chegam mesmo a criticar a permissividade que se costuma observar com humoristas quando vêm à tona casos em que a liberdade de expressão se choca com liberdades individuais de terceiros. Autores que, neste debate, assumem uma postura de que se deve haver algo com o que vale ser intolerante, é justamente com a intolerância.

Um deles é Karl Popper, que em *A Sociedade Aberta e seus Inimigos* traz o que chame de “paradoxo da tolerância”, segundo o qual a tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da própria tolerância, e sociedades que toleram a intolerância acabam se tornando, em algum momento, avessas à tolerância, ao abrir espaço para que

tolerantes acabem sendo silenciados – metafórica ou literalmente. Portanto, bloquear um discurso intolerante seria aceitável quando vidas estão em jogo.

“Devemos-nos, então, reservar, em nome da tolerância, o direito de não tolerar o intolerante. Devemos exigir que qualquer movimento que pregue a intolerância fique fora da lei e que qualquer incitação à intolerância e perseguição seja considerada criminosa, da mesma forma que no caso de incitação ao homicídio, sequestro ou tráfico de escravos” (POPPER, 1945)

No texto, escrito durante a II Guerra Mundial e publicado logo após seu fim – o que é uma informação relevante, se considerarmos que a tolerância com um intolerante, Hitler, teve o resultado que teve – o filósofo austríaco critica Platão, Hegel e Marx, a quem chama de autoritários, por confiarem no historicismo¹⁵⁴ para sustentar suas filosofias políticas, e defende que a intolerância deve ser combatida com argumentos racionais.

Um lema mais moderno com ares de slogan publicitário resume e escancara a distinção: “preconceito não é opinião”. Assim, preconceitos em geral, como racismo, sexismo, homofobia e xenofobia estão na mira das redes sociais, cujos administradores parecem haver compreendido que se faz necessário separar liberdade de expressão e opinião de desinformação ou discurso de ódio. Não à toa, Donald Trump teve suspensas – apesar da resistência de Mark Zuckerberg, dono do Facebook – diversas contas em redes sociais após incitar atos de violência, quando ainda na condição de presidente do país que se autoproclama maior democracia da Terra.

Gravitando entre as duas pontas – de um lado, a liberdade incondicional; de outro, o melindre excessivo de se falar algo e ir para a condicional – fica a sensação de que nem toda ofensa é humor, e que nem todo humor é ofensa. De que há um vasto campo a se explorar entre o falastrão inconsequente e o medroso que por tudo se autocensura. Deve-se estar atento para não se deixar levar pela sedução barata dos maniqueísmos em geral, que quase sempre colocam liberdade de expressão e politicamente correto em lados opostos do ringue, e torcem para que os dois se engalfinhem, sem nem saber por que estão a trocar ganchos e cruzados (de direita, neste caso): é a inteligência quem perde com o nocaute da dialética. Ambos podem coexistir,

¹⁵⁴ visão de mundo que rechaça a existência de leis para a compreensão dos fenômenos políticos, sociais ou culturais. Para o historicismo, tudo deve ser entendido levando em consideração sua história.

sem que haja a chapa branca do empate técnico. Ao mesmo tempo, os dois podem ser adequados ou não, a depender de cada caso. Não há verdades absolutas.

Sobre essa busca e o caminhar sobre o fio da navalha, correndo-se sempre o risco de errar na mão, Gregório Duvivier relata, em depoimento sobre o processo criativo do coletivo *Porta dos Fundos*: “A gente adora ficar debatendo por horas sobre a melhor abordagem para uma piada. E não é porque a gente tem medo da patrulha. É realmente porque a gente não quer falar merda. E porque a graça fica afetada quando você se sente ofendido. Antes de tudo, a gente quer que as pessoas riam. Me incomoda quando um humorista se justifica dizendo que ‘era só uma piada’. Você não vê um engenheiro dizendo: ‘Caiu? Mas era só um prédio’. Para o humorista, a piada é a coisa mais importante do mundo, porque é o que paga as nossas contas”.¹⁵⁵

Na mesma linha, Fernando Sampaio, da Cia. La Mínima, é outro que leva a sério a arte de fazer rir. Sobre o processo de criação de números de palhaçaria, ele relata: “Quando montamos um espetáculo, um número, colocamos o cérebro para funcionar bastante: estudamos, imaginamos se aquilo tem tempo cômico, se aquela piada é boa, se é pertinente hoje em dia. Essa é uma questão muito séria: sabermos se o que estamos falando é pertinente hoje, se não traz um preconceito. O que nos leva a fazer uma piada ou não é uma questão da consciência, de ficarmos tranquilos que estamos indo pela questão do humor, e de forma alguma que estamos dizendo algo que agrida alguém. Isso, de jeito nenhum. Ficamos muito atentos a isso”.¹⁵⁶

A ativista Roxane Gay, no mesmo ensaio “Algumas piadas são mais engraçadas que outras”, alfineta: “Muitos comediantes têm orgulho de si mesmos por dizerem coisas que supostamente os outros têm medo de dizer (...) Às vezes, comentar sobre coisas que outras pessoas temem ou sobre as quais não querem se manifestar é apenas agir como um idiota. Somos todos livres para ser babacas, mas não somos livres para fazê-lo sem consequências” (GAY, 2016, p. 181). E se o humor pressupõe certa dose (veja bem, “certa dose”) de ousadia, e a ousadia precisa de correr riscos e, eventualmente, errar, o comediante Fabio Porchat, do mesmo grupo, reflete:

“É importante estar atento porque às vezes se você coloca mal uma palavra, uma intenção, a mensagem pode sair exatamente oposta ao que você queria falar. E pode ser que você tentou bater em A e acabou batendo em A, B e C.

¹⁵⁵ <https://portadosfundos.curseria.com/serie-aulas/episodio-1-porta-dos-fundos>. Acessado em 21/8/2020.

¹⁵⁶ <https://sesc.digital/conteudo/circo/44199/circo-em-transe-a-figura-do-palhaco>. Acessado em 2/8/2020.

Sempre é bom reler o seu texto tendo isso em mente. Parar para pensar é recomendável tanto para atravessar a rua, como para escrever um texto. Esse ‘medo de ofender alguém’ é ótimo, porque aí você não ofende alguém. E se, ainda assim, você quiser ofender alguém, pelo menos você faz isso com propriedade”.¹⁵⁷

No que diz respeito ao caso das charges de Maomé, os humoristas do *Charlie Hebdo* sempre reivindicaram para si o direito de ofender quem quer que fosse, e usualmente se protegeram de críticas alegando que, com o perdão do trocadilho, “atiravam para todos os lados”; não haveria religião que escapasse de suas críticas mordazes. No artigo *Satire should spear the powerful*¹⁵⁸, o cartunista britânico Tim Sanders reivindica uma posição diferente: para ele, “o objetivo da sátira é atacar os poderosos, expor sua hipocrisia e absurdo e, claro, ser engraçada. Se a sátira for direcionada para baixo, não é sátira, é bullying”.¹⁵⁹ No mesmo artigo, ele chama a atenção para o fato de que a publicação já vinha se afastando de suas raízes, nos revolucionários eventos de maio de 1968 na França, e, em sua opinião, guinando para a direita e se mostrando flagrantemente sionista e islamofóbica desde os atentados de 11 de setembro, “com imagens destinadas a ofender e humilhar uma minoria marginalizada e perseguida”. Ainda assim, lamenta Sanders, o *Charlie Hebdo* continuou praticamente incontestado. E, não custa lembrar, com (forte) apoio financeiro do Governo francês. “Cartunistas deveriam ser ofensivos?” – ele prossegue – “Bem, é claro, é nosso trabalho. Mas quem devemos ofender? (...) É importante não confundir insultos com sátira; eles são às vezes a mesma coisa, mas na maioria não (...) Islamofobia não é sátira. Rir dos muçulmanos é como contar uma piada aos nazistas do Front National¹⁶⁰”.

Além disso, é importante chamar atenção uma vez mais para aspectos culturais que diferenciam sociedades muçulmanas das ocidentais e que, naturalmente, têm implicações no direito islâmico, conhecido como *charia*, que literalmente significa “o caminho do bebedouro” (por analogia, o caminho que conduz a Deus). A *charia* difere do direito ocidental em dois importantes aspectos: em primeiro lugar, presume-se que

¹⁵⁷ <https://portadosfundos.curseria.com/serie-aulas/episodio-1-porta-dos-fundos>. Acessado em 21/8/2020.

¹⁵⁸ Em tradução livre: *A sátira deve atacar os poderosos*

¹⁵⁹ <http://socialistreview.org.uk/399/satire-should-spear-powerful>. Acessado em 5/7/2021. A última parte da sentença – “A sátira visa ridicularizar o poder. Se você está rindo de pessoas que estão sofrendo, não é sátira, é bullying” – é comumente atribuída ao escritor inglês Terry Pratchett.

¹⁶⁰ Como era chamado até 2018 o Rassemblement National, partido francês de extrema-direita.

seja utilizada não só nas relações entre indivíduos e sociedade, como também se estenda às obrigações religiosas e às obrigações morais da consciência; em segundo lugar, a lei islâmica se considera expressão completa e acabada da vontade de Alá, à qual os homens se devem render em qualquer circunstância. As leis ocidentais, ao contrário, vão sendo formadas progressivamente, segundo as exigências dos novos problemas surgidos da convivência social.

Curiosamente, o próprio Charb (nome artístico de Stéphane Charbonnier, diretor do *Charlie Hebdo* quando houve o massacre na redação do jornal) defende, em seu livro, que a solução é “impedir que os racistas formulem seus pensamentos nauseabundos e que reivindiquem o ‘direito’ de ser racistas, de expressar seu ódio”. Não deixa de ser irônico pensar que as charges de sua publicação foram recebidas como ofensa grave e mesmo um discurso odioso.

5. O que acontece quando o humor se olha no espelho? – UMA REFLEXÃO

“A piada é como o sal:
deve ser usada com muito cuidado”

Juvenal

A citação que serve de epígrafe a este capítulo, poderia, à primeira vista, dar a impressão de que se fará – ao longo destas mal traçadas linhas – uma defesa da moral e dos bons costumes, como quem recomenda, no fim das contas, a contenção do temor à ousadia da irreverência. Ledo engano. Isto seria contra o próprio fazer humorístico, este coquetel de linguagem que pode requerer certas doses de acidez e agressividade e certamente requer uma generosa dose de liberdade, para que o drink fique a contento, mesmo que isto não signifique o gosto do freguês.

Em sua obra sobre a história da sexualidade, Michel Foucault, ao pensar sobre os modos de se estar no mundo, chama atenção para algo que considera fundamental para uma adequada prática do cuidado de si. Uma qualidade que serviria como bússola, um paradigma ético para aquele que se pretende senhor de suas ações, dono das próprias rédeas: temperança, palavra que será constantemente repetida aqui, posto que não significa o mesmo que pudor, comedimento, nem moderação. Ou seja, será repetida sem nenhuma moderação.

Para Foucault, a temperança seria o tempero que se deve salpicar nesta delicada e complexa receita do exercício de si sobre si. Isto que o filósofo grego Plotino define como ascese e traça um belo e poético paralelo com o esculpir de uma estátua, ao aconselhar:

“Volta-te para dentro de ti e olha: se ainda não vês a beleza em ti, faze como o escultor de uma estátua que deve se tornar bela: ele retira um fragmento, ora aplica o cinzel, ora pule, ora limpa o pó, a fim de extrair um belo vulto do mármore. Como ele, tira o supérfluo, endireita o que está torto, clareia o que é fosco, até torná-lo brilhante, e não cesses de esculpir a tua própria estátua, até que a centelha divina da virtude se manifeste e vejas a temperança sentar-se num trono sagrado” (ULLMANN, 2008, p. 139)

No constante exercício de si sobre si – a partir de um comportamento que se pretende sustentável e não escravo dos próprios desejos, algo de árdua execução, que demanda esmero – ser temperante aparece como atitude fundamental. Grosso modo, a premissa básica foucaultiana parte da necessidade de alguma temperança para que a sexualidade (seu objeto de estudo) seja exercida com liberdade, e em toda a sua potência – palavra que parece adequada, considerando-se o tema. Já que gregos e romanos gostavam tanto de viver plenamente suas pulsões sexuais, convinha ser temperante. Caso contrário, corria-se o risco de que gastassem boa parte do dia tão somente a se deliciar com os prazeres da carne, deixando de investir em outras tarefas sua energia – que Espinosa conceitua como “potência de agir”; Schopenhauer dá o nome de “vontade”; Freud, de “libido”; e Bergson, de “elã vital”. Seria algo como um aviso, uma recomendação. Quase o conselho poético da letra de “Sexo XX”, que viria a ser composta por Geraldo Azevedo alguns séculos mais tarde: “É bom pra tudo / Bom pro corpo, bom pra mente / É muito bom / Principalmente para o coração / Também faz bem com chuva ou sol, frio ou calor / Pra qualquer um, de qualquer cor / Faz bem fazer de vez em quando, dia sim e dia não / Diariamente então, é muito bom / No litoral, no campo, no sertão / Em qualquer ponto, qualquer posição / É bom, porém, tem um porém / O sexo vinte, ovinete, agora tem uma concreta contraindicação / Mas fora isso é muito bom / Ficar sozinho não é solução / E ai de quem não toma precaução / Mas fora isso, amor, é bom”.

Como se suspeitava que este “hedonismo epicurista” não era algo que se sustentasse a longo prazo, fazia-se necessário uma certa dose de “temperança estoica”. A premissa era a de que para ser livre, e continuar usufruindo da liberdade, é necessário não seguir regras, mas ter uma conduta ética de si consigo, conduta esta que não está inscrita em um código de ética, mas que diz respeito ao exercício individual daquele que não almeja ser escravo dos próprios prazeres ou de uma dada situação. Para que se possa gozar (!) da vida e continuar apreciando boas doses de prazer, é crucial, antes de tudo, evitar a overdose. Já apregoava o princípio de Paracelso: a diferença entre o remédio e o veneno é a dose. Afinal, se estivermos a sete palmos, só quem desfruta são os vermes. A Antiguidade prezava pelo cuidado de si porque esta prática era vista como essencial para a prática adequada da liberdade.

A dose do que seria esta medida certamente dependerá de cada pessoa, mas, lançando mão do bom senso, nem tanta temperança que façamos de nós mesmos monges celibatários em voto de silêncio, nem tão pouca que fiquemos à mercê de nossas próprias vontades: tudo passa por não nos submetemos aos nossos desejos a ponto de nos tornarmos escravos deles; por delimitar se somos nós que mandamos nos prazeres ou vice-versa (daí o subtítulo “o uso dos prazeres” do segundo volume de Foucault sobre a história da sexualidade). Ou se é propriamente esta mediação o que nos tornará donos de nossos próprios narizes, guias das rédeas de nossas vidas. É neste sentido que o filósofo francês retoma a moral greco-romana, de pensar as melhores maneiras de conduzir a própria vida. A ética do cuidado de si como prática da liberdade.

De onde emerge um aparente paradoxo: para que não seja preciso que alguém se reprima, se faz necessário alguma temperança. Mais que ser regido pela moral – externa, vigilante e punitiva – o que Foucault propõe é um equilíbrio das forças internas (que fatalmente se exteriorizarão e se manifestarão em atitudes concretas) através de um trabalho de si sobre si. O trabalho de lapidação do ser humano é visto aqui como algo incessante, a arte a qual Plotino se refere na analogia da escultura. Ou, como dizia a canção “Serra do Luar”, de Walter Franco, viver é afinar o instrumento.

Traçando um paralelo com humor, objeto deste estudo, se a temperança é tida em alta conta tanto no que se refere ao sexo, como no que diz respeito às vicissitudes da vida – na afinação deste instrumento – da mesma forma o humorista deve, ou deveria, ser dotado de alguma temperança no exercício de seu ofício, na manifestação de seu talento inato: o de ver as coisas pelo prisma do humor. Assim, trataria-se, a temperança, de atitude que se espera de um ser humano adulto? – alguém que já não necessita de estar sob os auspícios maternos para seguir para a vida e lidar com “o mundo lá fora”, alguém capaz de estabelecer uma relação intrapessoal sadia. Da mesma maneira, o humorista deveria, portanto, ter alguma temperança – se pretende continuar usufruindo da liberdade de sua expressão cômica.

Diz o dito popular que quem fala o que quer, escuta o que não quer. Caberia ao humorista incorporar algo da sabedoria do povo, ainda que isto lhe soasse conselho de biscoitinho chinês da sorte? Ou isso representaria um cerceamento não desejável de sua arte, que deve, por isso, seguir os preceitos da liberdade de expressão de maneira “ampla, geral e irrestrita”? Haverá uma condescendência maior – uma anistia, quiçá? –

nas derrapadas de comediantes bem intencionados, como se os erros por humor já nascessem com perdão? Ou de boas intenções o inferno já está cheio de humoristas?

Mas, antes de fechar com Foucault de ouro, passemos por algumas considerações freudianas acerca do humor, para entrar em contato com o riso sob o viés psicanalítico e entender o que se pode ver em uma risada, além de dentes. Logo veremos que o humor também pode ser um instrumento de extravasar uma agressividade – e talvez não seja à toa que animais mostrem os dentes quando acuados. A diferença é que o homem é o único animal que ri.

5.1 – Não Freud nem sai de cima?: A visão do pai da psicanálise sobre o riso

O psicanalista Martin Grotjahn comparou a estrutura psíquica do humorista à do masoquista e do melancólico, e afirmou que aquele se comporta como se conhecesse a miséria do mundo, mas continuasse a fazer pouco dela. “Sabe que está no Vale de Lágrimas, mas age como se ainda estivesse no Éden. Finge triunfar sobre a infelicidade” (RESTUM, 2006, p. 90). Como se diante da impossibilidade de reverter os dilemas da existência – a maior de todas, a morte – a melhor alternativa fosse zombar da condição humana: se não pode contra seu inimigo, junte-se a ele.

Vai ao encontro desta visão “não leve a vida tão sério, você não vai sair vivo dela”, desta prática despreocupada e despreziosa de se estar no mundo, a piada narrada por Freud em seu ensaio sobre o humor, de 1927, em que um condenado à força caminha para sua execução em uma segunda-feira e comenta “Que bela maneira de começar a semana!”. Se a imaginação opera no sentido de alterar internamente uma realidade externa não desejada, o humor o faz sem fantasiar, sem alterar a realidade psíquica interna, e sim mandando às favas – de uma maneira bem especial e com mecanismos próprios – o que é indesejado, ainda que por meio de um sorriso meio amarelado.

Ao longo de sua obra, Freud estudou diversos mecanismos da vida diária pelos quais o inconsciente conseguiria driblar o recalque a fim de que pudesse expressar seus desejos de forma disfarçada na consciência, uma vez que são imorais e por isso sofrem uma censura – interna ou externa – como se fossem canais de escoamento da energia ali

investida. Para ele, a tirada¹⁶¹ – junto com o sonho, o ato falho, o lapso e o sintoma – é um destes canais. E com vantagens sobre os demais: não só não é socialmente embaraçoso (como os outros costumam ser), como, pelo contrário, contribui para elevar o prestígio de quem faz uso dele. Afinal, não é novidade para ninguém que humor e inteligência não só flertam há tempos como parece que já andam de mãos dadas e de casamento marcado. Ou, se quisermos atualizar os termos para algo mais contemporâneo, “deram match”. Shipparam.

É certo: não existem fórmulas para o humor. Mas é inegável que haja técnicas para alcançá-lo, e Freud dedicou todo um capítulo a elas em seu ensaio sobre as tiradas. O prazer promovido pela tirada situa-se na suspensão momentânea da repressão, na economia na despesa psíquica. Para Freud, o riso é uma descarga motora que, para que aconteça, é preciso certa soma de energia psíquica e, além disso, que o conteúdo do que é dito não seja ofensivo nem comovedor para quem o escuta, sob risco de não contar com a empatia do interlocutor e sua consequente anuência, manifestada sob a forma de riso. Em vez disso, o mais provável será a ira ou o choro.

Sempre houve – e tudo indica que sempre haverá – material para a produção humorística, este parece ser um processo inesgotável. “A necessidade sentida pelos homens de derivar prazer de seus processos de pensamento está portanto criando constantemente novos chistes baseados nos novos interesses do dia” (FREUD, 1905/1969, p. 146).

A frase de espírito representa uma possibilidade de retomar a agradável experiência infantil de brincar com as palavras sem levar em conta o sentido preciso destes vocábulos. Gera prazer porque arrefece, ainda que por breves momentos, a pressão de sermos adultos e todas as exigências de racionalidade aí embutidas. Um prazer que remonta à puerilidade do gozo infantil, um sopro da criança que existe e resiste dentro de nós às repressões da vida adulta. Gera prazer porque reaviva em nós o menino maluquinho que, como na canção de Milton Nascimento, não duvida por um

¹⁶¹ Um aparte linguístico: preferiu-se o termo “tirada” ao “chiste” comumente encontrado nas traduções para o alemão *Witz* que Freud usou em sua análise. “Chiste” é espanholismo que não encontra uso frequente na língua portuguesa. Algumas traduções optam por “dito espirituoso” ou “frase de espírito”, que também parecem opções válidas, embora mais formais. O espanholismo “chiste” remete mais a uma história humorística – uma piada, uma anedota – do que a um mero gracejo linguístico, que é o objeto de estudo do pai da psicanálise. Uma anedota comum provoca um efeito cômico calcado na visualização de uma imagem, enquanto que uma “tirada” se dá tão somente no campo da linguagem (incluem-se aí os trocadilhos, por exemplo) e não visam necessariamente um efeito cômico. Portanto, evitou-se o termo “chiste” neste trabalho, exceto quando aparecem em trechos retirados de obras que a traduzem assim.

segundo sequer de que “vida de moleque é vida boa” e que “tudo o que é bom é brincadeira”.

Dentre alguns dos procedimentos para a consecução do efeito cômico estão a unificação entre ideias disparatadas, o contraste de representações, a similaridade de sons, a alusão a provérbios e frases feitas, as referências a acontecimentos recentes e a tendência à concisão. Esta última, no entanto, “é um atributo necessário, mas não suficiente: caso contrário, todo laconismo seria um gracejo” (MEZAN, 2003, p. 112). Mas Freud observa que todos estes mecanismos se resumem a dois, em última instância: condensação e deslocamento.

Entre subcategorias que se enquadrariam dentro da condensação estão os jogos de palavras: trocadilhos nada mais são que a concisão semântica proveniente de um “truque linguístico” (truquedilho?). Para trazer um exemplo citado por Freud, se alguém se refere às férias natalinas como “acoholidays”, a operação aqui é a de fusão de duas palavras para criar uma terceira, um neologismo que reúne em si um novo significado, o das férias em que se bebe demasiadamente. “Uma única palavra transportou-nos em pensamento, economizando um longo rodeio” (FREUD, 1905/1969, p. 145). Outro exemplo trazido por Freud: se indaga-se a um jovem se ele já se masturbou, é possível que a resposta seja algo como “O na, nie!”¹⁶² Vale lembrar que quanto mais leve for a modificação na palavra, mais sutil e subreptícia – e conseqüentemente melhor – será a piada.

Da segunda categoria – deslocamento – poderíamos citar a ironia: quando o que se fala é o oposto do que se quer dizer, a representação pelo contrário. Também o absurdo, o nonsense, os atos falos, digo, falhos, os desvios em relação ao pensamento normal – mais frequentemente encontrados em anedotas (a piada propriamente dita) ou em narrativas mais estruturadas – justamente para que haja a possibilidade da quebra desta estrutura, que pega de surpresa. Como neste exemplo, também citado por Freud (FREUD, 1905/1969, p. 77-78): um cavalheiro entra em uma confeitaria e pede um bolo; logo o devolve, solicitando em seu lugar um cálice de licor. Ele bebe e em seguida, sem ter pago a conta, se encaminha em direção à porta, para sair. O dono do

¹⁶² Em alemão, a expressão “O na, nie” significa uma reiteração negativa, algo como “Oh não, nunca”. Ao mesmo tempo, a junção das palavras nesta ordem forma “onanie”, que significa justamente a masturbação masculina (onanismo). Exemplos como estes evidenciam não só a necessidade do domínio do idioma em casos que envolvam jogos de palavras, como quão desprazeroso é explicar uma piada, sobretudo em uma nota de rodapé.

estabelecimento interpela o possível caloteiro, ao que o freguês retruca: “O que você quer?”, pergunta. “Você não pagou o licor”, responde o proprietário. “Mas eu lhe dei o bolo em troca”, argumenta. “Também não pagou por este”, insiste o dono. “Mas eu não o comi”, finaliza o cliente. Observa-se, aqui, um curto-circuito na lógica que se poderia chamar coerente, e é isto que gera o efeito cômico. Muito daí vêm as piadas de loucos, ou as que escarnecem da suposta torpez intelectual de um povo vizinho ou colonizador, como acontece, por exemplo, entre russos e ucranianos, franceses e belgas, dinamarqueses e suecos: todos têm a sua “piada de português”.

Os exemplos acima citados, no entanto, representam o que se poderia chamar – o termo é controverso, é bem verdade – de “humor branco”: uma tirada inofensiva que não tem qualquer beligerância em si, que não pretende conter em si qualquer tipo de ataque, e Freud postula que os chistes mais inocentes de todos são os verbais. Mas nem só deste tipo é feito o vasto campo do humor, e o pai da psicanálise chegou a separá-los em “inofensivos” (limitados aos jogos verbais) e “tendenciosos” ou “hostis” (que têm o propósito de agressividade, sátira ou defesa). Nesta segunda categoria estariam as piadas obscenas. E as de crítica. Ora, todos sabemos que qualquer crítica pressupõe um ataque. O humor se presta, no entanto, a conferir certa dose de elegância a este ataque. Tomando emprestada a expressão popular “tapa com luva de pelica” para fazer uma analogia didática, o humor seria justamente a luva de pelica.

No entanto, “esta distinção perde agora muito de seu valor, pois mesmo às frases ‘inofensivas’ se pode atribuir uma tendência: a de burlar a censura” (MEZAN, 2003, p. 117). Para ele, “a frase de espírito é um modo socialmente aceitável de criticar ou ofender a outrem, e a razão desta tolerância reside justamente no modo disfarçado com que a injúria é lançada” (MEZAN, 2003, p. 116). O humor, assim, seria um instrumento para “jogar verdades na cara” de uma maneira socialmente aceitável.

Ao abordar o que classifica de tiradas tendenciosas – que subdivide em obscenos, agressivos e cínicos – Freud retoma a infância (não só a individual, como a da humanidade) para traçar a origem dos impulsos hostis contra o nosso próximo, e lembra que desde esta época sofremos restrições e repressões, assim como acontece com relação aos impulsos sexuais. Por isso somos educados por nossos pais a não bater no amigo; por isso existem leis que coíbem instintos agressivos. “A hostilidade brutal,

proibida por lei, foi substituída pela invectiva verbal” (FREUD, 1905/1969, p. 123).

Voilà: surge o humor. Defende Freud:

“Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não dispendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso (...) Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente”. (FREUD, 1905/1969, p. 123).

Esta seria, então, a maneira mais eficiente de se “bater” neste “inimigo”: com palavras e engenhosidade humorística. E, caso a peça humorística se trate de um legítimo exemplar de humor britânico, de preferência com a fleuma de palavras que podem abundar em ironia, mas não perdem a compostura e a elegância. Neste sentido, o humor não deixa de ser uma ferramenta de sedução para, trazendo uma expressão alemã citada por Freud, “*die Lacher auf seine Seite ziehen*” [trazer os que riem para o nosso lado]; para que a pessoa a quem se conta o chiste fique do lado de quem critica – o “agressor” – e não do criticado – o “agredido”. Caso esta intervenção fosse feita pelas vias de fato, sem a mediação do humor, dificilmente o terceiro teria simpatia por aquele que agride.

E por que apoiar um agressor? Porque muitas vezes este terceiro se identifica com a causa da pessoa que critica, sofre das mesmas opressões, e em alguma medida pode ser libertador rir das mazelas junto a ela, mediadas pela sedutora sagacidade do humor. É como uma catarse coletiva, ainda que sejam somente duas pessoas rindo de uma outra, pela via da agressão sofisticada e disfarçada. Diz Mezan:

“O terceiro (...) é atraído para a facção do humorista precisamente pelo recurso à técnica de espírito, que lhe proporciona um prazer inesperado. A exacerbação dos traços negativos do adversário, permitida somente pelo desvio da frase espirituosa, satisfaz assim o impulso hostil, acrescentando a vantagem de não alienar o terceiro, o qual poderia sentir-se ofendido pela crueldade nua e até mesmo identificar-se com o agredido. Dizer que alguém é um animal pode provocar desaprovação; mas referir-se a uma conversa tête-à-bête¹⁶³ com ele (...) desperta o riso e a anuência do terceiro à agressão sofisticada pelo mecanismo do dito de espírito” (MEZAN, 2003, p. 120)

¹⁶³ Bête, em francês, significa “besta”.

Freud lembra que “os chistes tendenciosos são especialmente utilizados para possibilitar agressividade ou crítica contra pessoas em posições elevadas (...) O chiste assim representa uma rebelião contra tal autoridade” (FREUD, 1905/1969, p. 125). Mas não somente contra pessoas investe a agressividade disfarçada. Também o faz contra instituições (e/ou pessoas que as representam), dogmas morais ou religiosos... há uma ampla gama de alvos em potencial.

Retoma-se aqui o postulado da busca pelo prazer – ou o bloqueio de desprazer. Realizar um desejo recalcado através do drible à censura pode ser muito prazeroso. Que o digam, por exemplo, alguns dos compositores da MPB que conseguiram, com suas metáforas e analogias, o aval de censores durante o período de ditadura militar no Brasil, experimentando um sentimento de vitória por tê-los iludido. A suspensão, ainda que momentânea, de um obstáculo gera prazer, tanto mais se este obstáculo for interno. Eis o princípio da economia: a produção de prazer é tanto maior quanto mais esforço psíquico é economizado. Ou quanto maior o curto-circuito da frase espirituosa, a desconexão entre os campos semânticos das ideias conectadas pela mesma palavra, com grande economia de despesa mental.

Freud chega a classificar o que considera um bom exemplo de trocadilho: aquele em que além das ideias discrepantes “são também unidas em uma relação significativa que indica um parentesco essencial entre elas” (FREUD, 1905/1969, p. 143). E cita o exemplo de *traduttore-traditore*: um ‘tradutor’ não só é chamado por um nome semelhante a ‘traidor’ como também é uma espécie de traidor, pois sempre se perde algo do sentido original, por melhor que seja a tradução. Forma e conteúdo, unidos pela mágica da engenhosidade, contribuem para o prazer. Mas Freud não é um purista, e considera que mesmo trocadilhos “ruins” podem produzir prazer.

Sobre os desejos inconscientes, Freud analisa, em seu artigo sobre as lembranças encobridoras, a relação entre a relevância de passagens ocorridas em nossos primeiros anos de vida e a retenção dessas passagens em nossa memória. Isto a partir do fato de que se observa, com muita frequência, que nos recordamos de ações aparentemente sem importância, enquanto outras que em tese seriam mais significativas, como a perda de um parente, passariam despercebidas: simplesmente não nos lembramos dela. É a partir

do questionamento de por que se suprime o que é importante e se retém o que é insignificante que Freud desenvolve sua análise.

Antes de abordar esta categoria de lembranças, no entanto, cabem duas ou três palavras (que nunca são realmente duas ou três, vale reparar) acerca das observações do pai da psicanálise sobre o mecanismo psíquico do esquecimento, tema abordado por ele em artigo publicado em 1898. No trabalho, Freud traz casos de sua experiência pessoal relacionados à parapraxia, nome pomposo para o que conhecemos como ato falho. Digo, ato falho.

Lapsus linguae é a expressão latina para o que pode designar um erro na memória, na escrita, numa ação física ou na falha. Digo, na fala. Em seu artigo, Freud investiga o que há por trás de uma situação corriqueira, pela qual todos já passamos: esquecer um nome, em especial um nome próprio. A partir de algumas observações – como, por exemplo, achar que o tal nome começa com “B”, quando, posteriormente, ao se lembrar do nome, chega-se à constatação de que não só não começa com esta letra como ela sequer está presente no nome – Freud propõe que o melhor a se fazer nestes casos é desviar a atenção da tarefa de tentar recordar, que, após um momento, o nome virá à mente. “Mas que diabos tem isto a ver com humor?”, parece a pergunta inevitável.

A relação está no princípio do prazer, que, segundo a teoria psicanalítica, é o que regula o funcionamento do aparelho psíquico. Nossas ações, conscientes ou não, são regidas por dois mecanismos: a busca pelo prazer ou o bloqueio do desprazer – este um postulado “psicanalítico-matemático”, afinal menos com menos dá mais. É pelo bloqueio do desprazer que temos (ao não lembrarmos o maldito nome) que queimamos nossa mufa, ainda que aquilo não tenha qualquer relevância para a continuidade da conversa. Freud lembra que “entre os vários fatores que contribuem para o fracasso de uma recordação ou para uma perda de memória, não se deve menosprezar o papel desempenhado pela recalque” (FREUD, 1898/1976, p. 324).

Ao analisar as lembranças encobridoras, Freud chega à conclusão, a partir do destrinchamento de casos de sua própria trajetória, de que “elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência” (FREUD, 1899/1976, p. 338). Em outras palavras, as lembranças de passagens aparentemente banais de nossa infância revelam ter, quando esmiuçadas e

analisadas com mais profundidade, um significado nada irrelevante para nosso aparelho psíquico. Por trás da aparente inocência das lembranças infantis irrelevantes se oculta uma insuspeitada riqueza de significados. A lógica é simples, embora sua detecção – porque muitas vezes as lembranças são encobertas por estas passagens aparentemente banais – não o seja: os desejos são recalcados pela moral e então o aparelho psíquico desliza estes pensamentos para lembranças infantis. Opera-se aqui no campo da linguagem simbólica, assim como fizeram e fazem movimentos artísticos ligados ao inconsciente, e que tem no surrealismo sua expressão máxima. Um campo fértil para a projeção de fantasias, e que tem na cinematografia de Luis Buñuel ou David Lynch alguns de seus expoentes representativos na sétima arte.

Esses elementos da experiência não foram esquecidos; foram apenas omitidos em períodos posteriores, nos quais as lembranças foram despertadas e, de algum modo, reformuladas. Trata-se de um mecanismo de defesa, um recalco acompanhado de substituição por algo próximo, no tempo ou no espaço. Freud atenta para o fato de que “nossa vida mental, na medida em que é objeto de nossa percepção interna *consciente*, nada nos mostra desses processos, salvo pelos casos que classificamos de ‘raciocínio falho’ e por algumas operações mentais que visam produzir um efeito cômico” (FREUD, 1899/1976, 338).

Em tempo, uma diferenciação importante de ser feita é entre “recalque” (ou “recalcamento”) e “repressão”. Enquanto esta representa uma censura externa, da sociedade, o primeiro é um mecanismo interno de defesa frente a desejos imorais. Que podem ser expressos, por exemplo, em tiradas, formas disfarçadas de dar vazão a uma expressão que de outra maneira dificilmente seria aceita – socialmente ou pelo próprio indivíduo que recebe a mensagem. Afinal, agredir fisicamente uma pessoa decerto trará consequências, nem sempre agradáveis – na maior parte das vezes uma reação em igual intensidade, mas em sentido oposto. Se a ideia é provocar alguém – eventualmente de maneira um tanto agressiva, e o humor pode muito bem se prestar a isso – muito mais conveniente é fazê-lo através de uma “simples brincadeira”, e as aspas aqui não deixam de ser irônicas.

5.2 – Cuidado de si como *ethos* do humorista: solução para se evitar conflitos ou censura travestida de “bom senso”?

Na extensa análise na qual Foucault se debruça sobre a sexualidade humana, e que ocupa parte significativa de sua produção acadêmica – quantitativa e qualitativamente – três volumes foram publicados e legados à intelligentsia. Para que se tenha ideia da relevância do cuidado de si no pensamento foucaultiano, basta lembrar que é este – o cuidado de si – o subtítulo do derradeiro tomo. O assunto aparece também no segundo volume, e, curiosamente, é nele onde o conceito de prática do cuidado de si é desenvolvido de maneira mais analítica e aprofundada.

Como se não bastasse, Foucault também lança luz sobre o tema em entrevistas reunidas postumamente na série *Ditos e Escritos*. No volume V, três intelectuais interpelam o pensador francês sobre a ideia central do cuidado de si. Na entrevista – datada de 1984, mas cujas ideias avançam no tempo até os dias atuais – o filósofo retoma enunciados apresentados em suas obras, e viaja no tempo e no espaço à Grécia e à Roma Antiga para remontar a origem do conceito do cuidado de si.

É este pensamento que Foucault retoma e atualiza para seus contemporâneos, uma vez que o cuidado de si hoje não pode ser visto sob o mesmo prisma da Grécia Antiga, quando não havia um código fixo moral, mas apenas ético, de conduta. Gregos e romanos chegavam a ter “manuais de vida” – uma espécie de cartilha *Socila* de boas condutas – que traziam indicações do que seriam técnicas para o cuidado de si, que gregos chamam de *epiméleia heautû* e romanos, *cura sui*. Comentários sobre leitura, escrita, interpretação dos sonhos, meditação, reflexão, cuidados com o corpo (sono, exercícios físicos, comida, bebida, excreção, relações sexuais, etc.), tudo estava lá.

Ser intemperante é encontrar-se num estado de não resistência, com efeito, e em posição de fraqueza e de submissão à força dos prazeres; é ser incapaz dessa atitude de virilidade consigo que permite ser mais forte do que a si próprio. (FOUCAULT, 2018, p. 101)

Conhecer-se faz parte do cuidado de si, já que não seria possível cuidar de si sem conhecer-se. O aforismo “conhece-te a ti mesmo”, normalmente atribuído a Sócrates, mas que na realidade era uma inscrição que se via na entrada do Oráculo de Delfos, torna-se, então, crucial. O imperativo socrático “ocupa-te de ti mesmo”, este sim significa “Constitua-te livremente, pelo domínio de ti mesmo”. O próprio saber torna-se uma experiência de liberdade.

Mas, afinal, cuidar de si não é inerente ao ser humano (porque necessário para a própria sobrevivência da espécie) e, portanto, não existe desde tempos imemoriais? Parece que sim, embora a partir de dado momento tenha sido associado a certa forma de egoísmo. Para os gregos, cuidar de si era uma prática ativa, pois se havia algo não tolerado entre os eles era a passividade. Sócrates se dizia enviado pelos deuses apenas para lembrar aos homens que eles deveriam cuidar de si.¹⁶⁴ Quem era capaz de cuidar de si estava apto a conduzir os outros, a se tornar um líder. O bom soberano seria aquele que exerce seu poder adequadamente, ou seja, exercendo ao mesmo tempo seu poder sobre si mesmo, sobre seus apetites. Afinal, seria algo parecido com hipocrisia querer cuidar dos outros se não se colocasse o próprio sujeito em primeiro lugar. O outro é a sobremesa; você, o prato principal.

Tudo com parcimônia, naturalmente. Nada de amor exagerado sobre si mesmo a ponto de negligenciar o outro. Não é sobre atitudes narcisistas de caricaturas como Valter Ego, do cartunista Angeli, ou a música “Eu Me Amo”, do Ultraje a Rigor, que estamos falando, mas do cuidado de si como condição pedagógica, ética. É porque “gente é muito bom, gente deve ser o bom” que esta mesma gente “tem de se cuidar, de se respeitar o bom”, no falar poético de Caetano Veloso. Muitas outras músicas abordam o cuidado de si e servem para ilustrar o tema. “É preciso saber viver”, dos Titãs, diz: “É preciso ter cuidado pra mais tarde não sofrer / É preciso saber viver / Toda pedra do caminho você pode retirar / Numa flor que tem espinho você pode se arranhar / Se o bem e o mal existem, você pode escolher / É preciso saber viver”. Nando Reis, ex-Titã, diz, em “Do Seu Lado”: “Viver é uma arte, é um ofício, só que é preciso cuidado”. Mais recentemente, Anitta e Silva cantaram “Cuide de quem te quer e cuide de você (cuide de você)”, em “Fica Tudo Bem”.

Se até Raul Seixas, com toda sua incoerência, aconselhou Al Capone, Julio Cesar, Lampião, Jimi Hendrix e até Jesus Cristo a tomarem atitudes de preservação da própria pele, não é difícil trazer para o campo do humor, e transferir, por analogia, este aconselhamento, de que se tenha certo instinto de preservação. É necessária alguma maturidade para que, ao contrário do que propõe o “bom conselho” de Chico Buarque, não se aja duas vezes antes de pensar. De que se deixe de lado certo pensamento que parte do pressuposto “infantoadolescente” do “cala a boca já morreu, quem manda na

¹⁶⁴ www.jcrisostomodesouza.ufba.br/cuidasi.html. Acessado em 30/7/2021.

minha boca sou eu”, e se assuma as consequências do que se diz, porque sim, as palavras – sejam elas verbalizadas, desenhadas ou por qualquer outro veículo de expressão – têm poder. Elas podem ferir, física ou animicamente. Há possíveis danos físicos e morais implicados. E já que falamos tanto em cuidado, há que se ter um muito importante: deve-se estar atento para que o cuidado de si não seja lido ou apropriado como um moralismo do tipo que, num estupro, responsabiliza ou relativiza a agressão por conta da roupa da mulher (“Ela estava de minissaia, não se deu o respeito, não cuidou de si”).

O cuidado ou cultivo de si recomendado pelos filósofos da Antiguidade envolvia uma boa dose de austeridade (desde a sexual até a dos prazeres do comer e do beber) e o desenvolvimento de uma virtude essencial: a temperança. Em busca da felicidade, ou seja, de encontrar a verdade, cada um deveria trabalhar em si o domínio sobre os desejos e os prazeres, cada um deveria libertar-se das paixões, entendidas como doença, *pathos*, aquilo que nos perturba e nos tira do prumo.

“A temperança nos faz ter um prazer digno de memória”, postulava Sócrates. Algo como um aforismo falabelliano¹⁶⁵: “Não é porque vamos virar adubo ou pó que não vamos cuidar da embalagem, desta casa temporária que a alma habita. Temos mais é que honrar este espaço que nos foi concedido, vivendo pelo tempo que for”. E o oposto do “vida loka” Lobão, que dizia preferir viver dez anos a mil que mil anos a dez. E que, passados mais de dez anos após a canção, pareceu incorporar a própria *decadence avec elegance*, prova de que a vida pode ser, de fato, bem louca. E que vai de encontro também a toda profundidade que uma frase filosófica de banheiro pode ter: “morte é um jeito de a natureza lhe dizer para pegar leve”. E por falar em filosofia e banheiros, vale trazer uma máxima latina que diz: *Vir prudens non contra ventum mingit*: “O homem prudente não mija contra o vento”.

Como proposta ética, Foucault, a partir do pressuposto de que o indivíduo não nos é dado, retoma o paradigma da filosofia antiga, de que criássemos a nós mesmos como uma obra de arte, como quem esculpe a própria estátua. Esta imagem, de grande potência poética, flerta com a ideia de que o corpo é um templo, e que por isso necessita de certa prática ascética, desde que se dê ao ascetismo “um sentido muito geral, ou seja,

¹⁶⁵ <https://gshow.globo.com/programas/video-show/playlist/video-show-confira-as-frases-do-miguel-fababella.ghtml>. Acessado em 30/7/2021.

não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura elaborar, se transformar” (FOUCAULT, 2004, p. 259). Somente com temperança, evitando-se a patologia do excesso, seria possível fazer bom uso dos prazeres, afinal, como diz a canção, embora tenhamos nossos desejos, necessidades e vontades, “tudo o que é muito, é demais”.

“Constituir a si mesmo como artesão da beleza de sua própria vida” (FOUCAULT, 2004, P. 244): é neste sentido que Foucault, longe de defender renúncias ascéticas extremas, que poderiam descambar para cartilhas de boas maneiras, do que seria “permitido” ou “proibido”, de condutas, enfim, que seguissem uma moral disciplinadora, Foucault propõe morais “orientadas para a ética”, para as práticas de si. “A ênfase é colocada na relação consigo que permite não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, que permite ter, em relação a eles, domínio e superioridade, manter seus sentidos num estado de tranquilidade, permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões” (FOUCAULT, 2018, p. 39). Ou seja: a soberania de si sobre si como prática da liberdade.

Foucault retoma este conceito dos gregos antigos na medida em que estes não aceitavam que alguém fosse escravo de suas vontades – de seu apetite sexual, por exemplo. Os gregos da Antiguidade tinham verdadeira ojeriza à passividade, e por isso consideravam escravos seres desprezíveis, basta lembrar que não tinham qualquer pudor de tratá-los de maneira subalterna e ofensiva. Consideravam desprezível o vício, qualquer que fosse, pois isso implicaria em que o indivíduo não tivesse as rédeas de sua vida, não seria senhor de si. A temperança, então, surgiria como antídoto para que o cidadão da pólis grega não fosse escravo de nada nem de ninguém, a começar por si próprio. Desta maneira, ironicamente, ele teria salvoconduto para continuar tendo o imenso prazer de escravizar o outro.

No prefácio de “Humano, Demasiado Humano”, Nietzsche apresenta uma noção de espírito que aponta para a libertação do homem, tal qual um pássaro audaz, que se desgarrar dos valores que o superam. Em *Assim Falava Zaratustra*, ele desenvolve o conceito e junta-se ao signo do pássaro o do camelo (primeira metamorfose), sob o qual se encontra não só a vontade de verdade, como também a vontade de submissão, rebaixamento, em que não há nada além de sujeição e obediência, por mais atrozes que

sejam as condições. Mas o camelo rumo para o deserto e lá acontece a segunda das três metamorfoses: para combater o dragão da moral – que surge como encarnação dos valores milenares e que traz em cada uma de suas escamas douradas um “Não farás” e um “Tu deves” – o camelo se transforma em leão, e o desafia, gritando a plenos pulmões: “Eu quero”, “Eu farei”. E neste equilíbrio de forças que nos formamos enquanto sujeitos. “Os adversários que o indivíduo deve combater não estão simplesmente nele ou perto dele. São parte dele mesmo (...) a parte de si mesmo que deve combater e a que deve ser combatida” (FOUCAULT, 2018, p. 81). Mal comparando, e trazendo uma analogia infantil dos desenhos animados, na mediação entre o anjinho e o diabinho que habita em todos nós.

Cabem algumas considerações: em primeiro lugar, em se tratando de Foucault, filósofo da liberdade e da diferença, não há uma moral; mais adequado seria falar em “morais”, pois mesmo entre gregos e romanos não houve tentativa de imposição de uma moral única para todos. Também válido é distinguir moral – que está sempre a serviço da repressão e que quer adotar o conjunto de regras como verdade, uma, a mesma para todos – de ética – o modo particular de ser, a maneira de se conduzir, habitar o mundo. “O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde aos acontecimentos etc” (FOUCAULT, 2004, p. 264), e para que a prática de liberdade tome forma em um *êthos* que seja bom, honroso e memorável, é necessário um trabalho de si sobre si mesmo, de forma que essa verdade apreendida, memorizada seja internalizada a ponto de guiarem nossas condutas de forma natural, quando surgirem as questões, os obstáculos. Se a liberdade é uma construção, o sujeito ético é igualmente forjado, constituído, lapidado, e não algo que nasce da noite para o dia ou por geração espontânea, tal qual um líquen. “Por que agonística? Por que arte da luta? Porque não há descanso nos exercícios de sermos livres. Não podemos descansar, acreditando numa vitória final da liberdade”. (SOUSA FILHO, 2008)

Em segundo lugar, o que se entende como *liberdade* não deve ser confundido com *liberação*, embora este seja uma condição necessária. As experiências práticas de liberdade estão sempre sujeitas a revezes, uma vez que são mediações entre liberdade e poder. Onde há poder, há resistência. E quanto mais a favor da liberdade se é, mais haverá um poder contrário a esta liberdade a reagir, em uma relação diretamente

proporcional. É uma queda de braço constante, em que nunca há uma vitória final. A própria arte da guerra, uma batalha em que o antagonista está em si mesmo, é o próprio sujeito. Foucault subtrai a característica “negativa” do poder, e defende a ideia de que o poder é produtivo, o poder fabrica. Diz ele: “Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil; se ele é forte, é porque produz efeitos positivos de desejo, de saber”. (FOUCAULT, 1979).

A resistência à liberdade da qual aqui se fala, vale a ressalva, não é a imposta por meio do Estado, como acontece nos casos de governos totalitários. A resistência de que aqui falamos é a do próprio sujeito, que, impactado pela questão ética, pergunta-se: como praticar a liberdade? Neste sentido, Foucault define a ética como a prática refletida da liberdade, para em seguida afirmar que o cuidado de si foi o modo pelo qual a liberdade individual foi pensada como ética no mundo greco-romano. Era ponto pacífico: ocupar-se de si mesmo era condição para conduzir-se bem, para praticar adequadamente a liberdade. Com a prática de si, estamos menos sujeitos à dominação, aos jogos de poder, a sermos escravos – das vontades alheias ou de nossas próprias. Empoderamo-nos e tornamo-nos senhores de si, timoneiros de nossas próprias existências. Na filosofia oriental, "Buda" quer dizer o iluminado, o desperto, o consciente. Disso se trata: de estar atento e forte, pois, se o humor tem o poder de nos arrancar um riso divino maravilhoso, ao mesmo tempo tudo é perigoso.

Por que estar atento e forte? Pois certa dose de ousadia é um pressuposto básico para se fazer humor, está em sua gênese, qualquer que seja a forma que ele assuma, seja o que se propõe a impulsionar uma reflexão crítica, seja na mais banal das piadas. É inconcebível produzir-se humor sem, de alguma forma, arriscar perder amigos. A questão passa por ter consciência de que “amigos” se quer perder: o oprimido ou o opressor. Da mesma forma, o quanto se vai “esticar a corda”, se pretende-se chegar até o seu limite, mesmo que isso implique em correr o risco de vê-la estourar: eis a decisão ética – mais que deontológica – do humorista.

A ironia, a menos que acompanhada de um contundente cinismo, não costuma ser temperante em sua aplicação, pois o mecanismo deste tipo de expressão humorística é justamente “dizer pelo oposto do que se diz”. Assim, para citar um exemplo banal e

ilustrativo para fins didáticos, se alguém comenta “Que lua!” diante de uma situação de intenso calor, ao meio-dia, esta é obviamente uma ironia, pois, desnecessário dizer, trata-se de um momento em que o sol que está a pino. No entanto, nem toda ironia é tão óbvia assim, e suas nuances podem suscitar dubiedade.

Ainda no exemplo anterior, se alguém diz que tem de ir buscar uma jaqueta, por exemplo, esta afirmação pode dar margem a interpretações diferentes, já que a sensação de frio é algo subjetivo, e, por mais que improvável, não seria impossível supor que a pessoa realmente esteja a sentir algum frio. O risco que se corre com o uso da ironia é o de ser interpretado *ipsis litteris* por um interlocutor ingênuo ou desprovido de referências para perceber que se trata de uma “afirmação pelo oposto”. Em geral, povos mais literais em seus modos de se expressar – diz-se que portugueses e alemães, por exemplo, têm esta tendência – costumam ter mais dificuldade para captar ironias.

Quando o escritor britânico Jonathan Swift escreveu, em 1729, sua “Modesta Proposta” (para evitar que as crianças dos pobres da Irlanda se tornem um fardo para seus pais ou para seu país, e para torná-las benéficas ao público), editada anonimamente, sugeria algo absolutamente estapafúrdio: que crianças irlandesas de famílias pobres fossem oferecidas como alimento ao completarem um ano de vida. Tratava-se, naturalmente, de tremenda ironia.

Em defesa de sua proposta, o autor sugeria diversas vantagens para todos os envolvidos no processo, a começar pela geração de renda para as mães pobres. E o faz em tom ensaístico, não sem certa fleuma, e “baseado” em “argumentos” e silogismos científicos e dialéticos. Não há qualquer remorso ou apelo à emoção no texto. Muito pelo contrário: o autor parece acreditar verdadeiramente no fato de que está dando sua contribuição para solucionar problemas sociais severos de sua nação, como fome e miséria. “Declaro, na sinceridade do meu coração, não ter (...) outra motivação que não o bem-estar geral do meu país, desenvolvendo nosso comércio, cuidando das crianças, aliviando os pobres e dando algum prazer aos ricos” (SWIFT, 2002, p.37). Um patriota nato! Resultado: ao fim da leitura, alguém mais suscetível ou com menos estofo mental (um costuma vir acompanhado do outro) poderia chegar a pensar que a proposta tem lá sua razão de ser, não é um total despautério.

E não é difícil imaginar que, de fato, o texto tenha sido levado minimamente a sério por quem não percebeu a ironia e o sarcasmo que permeavam a real intenção do

autor, como quem diz: “remédio para doido (e para uma sociedade idem) é doido e meio”. E ele o fez com tanta sofisticação e cinismo que chega a falar em “promover o hábito da parcimônia, prudência e moderação” (SWIFT, 2002, p. 34). Não custa lembrar que mais de 200 anos depois o nazismo pareceu vivamente convencer toda uma nação – a partir de de argumentações supostamente científicas – sobre uma narrativa de superioridade da raça ariana sobre judeus e ciganos, para, desta forma, legitimar o extermínio destes povos.

5.3 – Take it easy my brother Charlie Hebdo: A temperança como tempero

Em 2012, o *Charlie Hebdo* publicou uma charge de Maomé nu. Em 14 de fevereiro de 2015, um dinamarquês de origem palestina abriu fogo durante um debate intitulado “Arte, blasfêmia e liberdade de expressão”, em um centro cultural de Copenhague. Duas pessoas morreram e várias ficaram feridas no ataque, mas o provável alvo, o desenhista sueco Lars Vilks, escapou ileso. Em agosto de 2007, o jornal sueco *Nerikes Allehanda* havia publicado uma charge em que o artista representa Maomé no corpo de um cachorro, o que provocou indignação entre muçulmanos. Na ocasião, a Al Qaeda chegou a colocar a cabeça do chargista a prêmio. Dono de um temperamento radicalmente debochado, Vilks chegou a comentar: “Com a cotação do dólar como está, o que é que vai dar para comprar com o preço da minha cabeça?”¹⁶⁶ Após o ataque, o cartunista – que já vivia sob permanente proteção policial desde que dois homens jogaram garrafas de gasolina pela janela de sua casa, em 2010 – teve de ir morar em local secreto. Se inicialmente o jornal se recusou a pedir desculpas, alguns dias após a publicação o então primeiro-ministro sueco, Fredrik Reinfeldt, pediu perdão a quem eventualmente tivesse se sentido ofendido, atitude que aparentemente ajudou a arrefecer os ânimos.

Estes dois casos se somam aos tantos já aqui retratados, e todos parecem gerar um questionamento quase instancioso: quanto de dor de cabeça não teria sido evitada se os autores destes desenhos polêmicos (para usar uma palavra bastante suave); se os emissores destas sensacionalistas frases de efeito tivessem um pouco mais de cuidado (de si) antes de saírem por aí, em atitude absolutamente irresponsável, a vociferar pérolas de ignorância sob o escudo da liberdade de expressão? Quantas vidas não teriam

¹⁶⁶ www.dw.com/pt-br/desenhista-lars-vilks-ataca-religião-em-todas-as-formas/a-18259529. Acessado em 6/6/2021.

sido poupadas se tivessem feito um simples exercício de reflexão e futurologia? Em muitos casos, não é necessário ser vidente: a merda, digo, o dano é evidente.

Baseado unicamente em minha experiência pessoal, e, portanto, sem qualquer compromisso científico, dei-me a liberdade de classificar a finalidade de uma manifestação humorística em duas vertentes: uma que se propõe a estimular algum tipo de pensamento crítico, outra que acaba por reforçar estereótipos e consolidar preconceitos; uma que almeja a reflexão, outra que se contenta em ser mero reflexo. Esta última não satisfaz o verdadeiro humorista, se é que podemos admitir a existência de verdadeiros ou falsos humoristas. Seja como for, a temperança aparece como fiel da balança. Só governando a si mesmo, um cidadão grego poderia governar os outros. A temperança, então, aparece como virtude fundamental – seja para para um governante grego, seja para um humorista contemporâneo.

“Ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem dos seus apetites, o que implica estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, chamada *archê* – poder, comando” (FOUCAULT, 2004, p. 264). Trazendo para a esfera do fazer humorístico significaria também – e por que não? – ter certo freio sobre o que se diz. Freio este que só pode surgir a partir de um esforço de reflexão no sentido de vigiar a si próprio. Um exame de consciência, característica dos estoicos, pode ser um primeiro passo no caminho de consciência em direção à liberdade. Um exercício de futurologia, digamos assim, para tentar dimensionar o impacto potencialmente nocivo da mensagem que se propaga.

Estar atento a reflexões como estas não deixa de ser possuir um senso de autopreservação, um zelo preventivo de quem toma precauções necessárias para evitar aporrinhações futuras, por desejar continuar na plenitude de si. Mesmo uma publicação tradicionalmente machista como a revista Playboy recomenda, em uma de suas matérias de “utilidade pública” para o macho-alfa que pretenda conquistar sua “presa”: “O talento para fazer uma mulher rir é meio caminho andado. Mas cuidado com as piadas: pegar pesado não é senso de humor, é falta de educação”.¹⁶⁷

Para Foucault, a filosofia não é algo senão o trabalho crítico do pensamento sobre si mesmo. Quando o cuidado ético-estético consigo mesmo serve para potencializar a vida, está a serviço da soberania da vida-livre. Trazendo para o objeto

¹⁶⁷ Edição brasileira da revista Playboy, fevereiro de 2000.

deste trabalho, um humor com um tempero de temperança é um bom prato a ser servido e degustado. Com temperança de condimento e sem excesso, a ponto de sobrar comida, mas também sem escassez, a ponto de não se sentir o gosto do pedido. Um fino equilíbrio que prova que humor é uma arte, tanto quanto a gastronomia, o servir e o degustar. O humor também é uma prática de si que exige seus cuidados.

Humor: benigno? – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“É melhor ser rei de teu silêncio
que escravo de tuas palavras”

William Shakespeare

Da antonimia entre “o riso de Demócrito e o pranto de Heráclito”; do contraste entre Apolo e Dionísio – entre o que se pontifica e o que de tudo e de todos ri – nasce a tensão inerente à comicidade. *Ridendo dicere severum* (“rindo, dizer coisas sérias”), assim falava Nietzsche, em seu *Ecce Homo*.

Por mais que humoristas fujam de responder perguntas sobre os “limites do humor” como o diabo foge da cruz – e façam piada também sobre isso – este é um tema que não se esgota e não deixa de causar controvérsia através de novos e recorrentes casos. A questão está longe de ser encerrada e, sob facetas diversas, o assunto sempre é trazido à baila.

Chico Anysio, grande mestre do humorismo brasileiro, dizia que só existem dois tipos de piadas: as engraçadas e as sem graça. A validade do aforismo pode até ser questionada, mas é possível depreender algo daí: o limite do humor talvez seja quando ele não é ou deixa de ser engraçado, pois o que é engraçado pode mudar com o tempo. Em 2015, para homenagear o *Late Show*, famoso programa de *talk show* de David Letterman, o comediante estadunidense Jerry Seinfeld fez o mesmo número de *stand up* que havia feito na mesma atração mais de 30 anos antes, na primeira oportunidade em que fora convidado.¹⁶⁸ Fica evidente que há piadas que não têm a mesma graça de outrora, simplesmente porque a sociedade não era mais a mesma, e 30 anos é tempo suficiente para que uma piada envelheça mal. Se na década de 1980 fazia sentido, por exemplo, rir da obesidade alheia, no mundo atual a mesma piada pode simplesmente deixar de ser engraçada.

Há quem considere que, além de ser o país da piada pronta, o Brasil seja um país onde comediantes são levados a sério demais e políticos, na brincadeira (basta pensar que elegeu à Presidência um meme ambulante). Na era da pós-verdade, as noções de realidade e ficção muitas vezes parecem amalgamadas – ou que se fluidificaram, para

¹⁶⁸ www.youtube.com/watch?v=n4AWs7bbgkc. Acessado em 4/6/2021.

usar o conceito de Zygmunt Bauman. A realidade se mostra cada vez mais ficcionalizada: CPIs parecem rivalizar com telenovelas – tanto na forma, com sua estrutura episódica diária, quanto no conteúdo, com personagens que não se furtam a contar mentiras na esperança de que a audiência acredite. Participantes do Big Brother trabalham na construção de uma autoimagem com dedicação de roteirista de novela das oito. Por outro lado, parece se cobrar de humoristas, sob o risco do temido cancelamento, que digam a verdade, nada mais que a verdade – e não se costuma tolerar, por exemplo, que um comediante destile alguma “mentira sincera”. Fingir ter determinada opinião simplesmente pelo prazer de dar um nó na cabeça de sua audiência (“será que ele pensa mesmo isto que está falando?”) corre o mesmo risco de cancelamento de uma fina ironia ou da mais pura (mas não descompromissada) provocação – a arte de dizer verdades brincando, como apregoou Chaplin. “Humorismo verdade, jornalismo mentira”, dizia o lema do extinto *Casseta & Planeta*.

Em tempos em que ondas de conservadorismo volta e meia nos assola – e em que, por vezes, nos invade a sensação de que nos resta rir para não chorar –, o humor, com suas delícias e dores, continua exercendo seu papel de pedra de toque das questões sociais. Deve, portanto, ser exaltado. O que não significa que esteja imune a problematizações, sem que se incorra no leviano argumento de que “tudo agora é mimimi”. Ao se abordar temas sensíveis através da tinta do humor, múltiplas leituras – porque a partir de vivências variadas – sempre serão possíveis.

Para Bergson, riso e emoção são incompatíveis. Uma vez que a comicidade se dirige à inteligência pura, é inconcebível que o riso seja atrelado a um olhar piedoso ao que seja inerentemente humano. Pelo contrário: ele requer um distanciamento. Além disso, o pensador francês chama atenção para o fato de que o riso exerce uma função social, ainda que o socializante no riso traga consigo uma dupla função, ao mesmo tempo inclusiva e excludente. O humorista – ou qualquer mortal que se utilize do humor como meio de expressão – frequentemente tem a intenção de, através do holofote caricato da comédia, corrigir algo que considera falho, decaído.

OK, podemos até assumir – para efeitos de exercício reflexivo, mas não sem generosa dose de complacência – que a intenção com uma charge de Maomé usando um turbante em formato de bomba seja a de alertar para uma realidade, a fim de alterá-la. Mas, afinal, que mensagem seria essa? A de que muçulmanos são potenciais terroristas

e, por isso, devem ser coisificados, temidos e, quem sabe, segregados da sociedade dos “cidadão de bem”?

O sentimento de superioridade que se vê entre fanáticos religiosos – neste caso, um sentimento de superioridade moral – também é uma das técnicas do fazer humorístico: há que se crer possuidor de certa capacidade de leitura dos fatos acima da média para se fazer um julgamento sob a ótica do humor. Trata-se, talvez, de uma autocracia de superioridade intelectual. Acontece que também neste fazer poderia se falar em um certo tipo de fanatismo: quando o artista não cede às críticas à sua crítica, quando não reconhece que errou ou exagerou na mão – pois todos estamos sujeitos ao erro, sobretudo os que têm como metiê esticar a corda. “Traidor, aos olhos do fanático, é qualquer pessoa que muda”, nos brinda com a pérola Amós Oz, para quem a semente do fanatismo sempre brota ao se adotar uma postura de superioridade moral. Ele sacramenta: “O fanatismo está em quase todos os lugares, e suas formas mais silenciosas, mais civilizadas, estão presente em nosso entorno, e talvez dentro de nós também”.¹⁶⁹

A construção de uma piada – chiste, tirada, dito espirituoso ou o nome que se queira dar – é sempre acompanhada da construção de um discurso. Nada é “só uma brincadeira” ou “só uma piada”, escudo a que recorrem alguns comediantes quando a piada sai pela culatra. Afinal, como a sabedoria popular sempre soube, “toda brincadeira tem um fundo de verdade”. E, mesmo que para alguns humoristas seja a inversão deste dito que faz mais sentido (toda verdade tem um fundo de brincadeira), não se pode descartar ou ignorar a primeira. O produtor da mensagem deve – ou deveria – estar igualmente ciente de que a toda ação (ou texto, verbal ou não) corresponde uma reação em igual intensidade e em sentido oposto. Por vezes, princípios físicos e semióticos podem, se não ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, ter pontos de contato.

Como já se disse mais de uma vez ao longo deste trabalho, é necessária certa dose de ousadia para se fazer humor; sem ela não há transgressão, um dos pilares do fazer humorístico. Ao mesmo tempo, a degradação não deixa de ser uma das formas de se obter o efeito cômico. Isto, no entanto, não representa um salvoconduto para que o humorista diga o que lhe der na veneta, na expectativa de que não haja repercussões a

¹⁶⁹ OZ A. *Contra o Fanatismo*, p. 22-24.

partir da mensagem que emitiu – sobretudo em uma sociedade multiconectada, em que tudo pode reverberar na velocidade de um clique. Assim, se faz necessário um senso de responsabilidade sobre sua matéria-prima: a palavra, mesmo quando ela inexistente – em uma charge, por exemplo.

É preciso separar liberdade de expressão de incontinência verbal. Em tese – e também na prática – temos liberdade para “agredir”, com ou sem aspas, o próximo, sempre e desde que assumamos a consequência disso. Parafraseando meu xará Neruda, o humorista é livre para escolher suas palavras, mas é prisioneiro das consequências que elas trarão. Vejamos: se uma agressão física é algo repreensível na grande maioria dos casos, por que seriam aceitáveis as agressões morais, venham elas em forma de insultos ou piadas? É neste (des)enredo que muitas vezes se confunde liberdade de expressão com liberdade de ofensa. Não parece ser necessária, no entanto, muita massa cinzenta para perceber que não são a mesma coisa. Não houvesse mecanismos regulatórios – que algum ou outro artista mais mimado prefere “denunciar” e chamar de censura – viveríamos não em uma sociedade supostamente civilizada, mas uma barbárie ética e moral. Não custa repetir: é preciso separar liberdade de expressão de incontinência verbal. E já que se fala em repetição, entoar “temperança” como mantra parece ser um bom caminho.

Convém, no entanto, ter em mente que temperança e censura não estão no mesmo campo semântico. É preciso escapar da armadilha do dualismo maniqueísta que opõe censura de um lado e liberdade de expressão total e absoluta de outro. Para, assim, enxergar um caminho que contemple a temperança como atitude ética reguladora de um exercício de si sobre si – um processo de subjetivação, mais que uma subjetividade dada de antemão e estanque. Há tons de cinza que devem ser cogitados, e o cuidado de si pode ser uma via possível, uma atitude ética – que não significa ficar em cima do muro, e muito menos censurar-se. Toda piada deve ter o direito de ser dita – contanto que seu emissor tenha a ombridade de assumir a autoria da criação feia e arcar com as consequências de suas opiniões mal ditas – com ou sem cacófato e trocadilho. Temperança e acidez; cuidado e ousadia: de todos estes componentes (y otras cosas más – y buenas) se faz o humor, que, contrariando o lema positivista da bandeira brasileira, talvez busque na desordem o progresso.

Outro alerta: temperança não é norma, pois tudo o que se evitou aqui foi ditar regras. Talvez seja tão somente um “conselho ético-estético”, um apelo a um certo senso de responsabilidade, caso seja intenção do comediante produzir um humor que vá além dos clichês que acabam por reforçar preconceitos. Ainda que pareça missão impossível proferir qualquer crítica em tom de humor que não ofenda a absolutamente ninguém, não custa lembrar a frase atribuída ao filósofo inglês Herbert Spencer: “A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro”. Equivale ao dito popular “quem fala o que quer, escuta o que não quer”. Ou, na sociedade judicializada em que vivemos, quem fala o que quer, recebe o processo por injúria que não quer. Simples assim.

Não se pretendeu encerrar a questão ou descobrir alguma fórmula para o fazer humorístico. O humor resiste a teses históricas, linguísticas, psicanalíticas, sociológicas, literárias, como um touro indomável, um menino ardeiro, manhoso e arredio que não deixa ver o que há por trás de seu sorriso (maledicente, afável, zombeteiro ou aparentemente ingênuo – mas nunca vazio de significado). Se o leitor esperava pelo pote de ouro no fim do arco-íris, ficará desapontado, decerto.

A proposta aqui sempre foi problematizar e, se possível, trazer faróis para iluminar um horizonte que por vezes se turva diante da nebulosidade do tema. Ou, como prefere Tom Zé, explicar para confundir; confundir para, por fim, esclarecer. Contraditório e ambíguo, como é, tantas vezes, o próprio humor. A intenção foi trazer elementos para uma leitura crítica sobre o fazer rir, sobre a produção humorística – com alguns pensares mais profundos e outros nem tanto – e sempre com certa leveza em sua forma, o que não torna este trabalho menos ambicioso. Houve, pelo contrário, um esforço (prazeroso, é verdade) no sentido de imprimir uma aparente despreensão, para, assim, causar reflexões e, quem sabe, pequenas revoluções. Se Maiakóvski defendia que sem forma revolucionária não há arte revolucionária, procurou-se empunhar sua bandeira. Melhor pecar pela pretensão que pela falta de ousadia.

Por fim, há que se ter atenção para evitar outra armadilha: a do cancelamento a qualquer custo. Por caminhar sempre sobre uma corda bamba, talvez o olhar com que se deva pensar (julgar?) o trabalho de um humorista seja este: sem vitimização nem levante; sem coitadismo nem cancelamento imediato. Vale lembrar a máxima popular que diz: quem aponta um dedo, tem outros quatro apontados para si. É como diz o

samba “Falador passa mal”: “Que malandro é você que não sabe o que diz?” Palpite infeliz à parte, vale lembrar que malandro é malandro, mané é mané. Mané seria um sujeito sem papas na língua, que vocifera supostas piadas (que não passam de preconceitos camuflados ou impropérios gratuitos) em nome de uma utópica liberdade de expressão irrestrita. Malandro seria o humorista que usa as palavras com algum senso de responsabilidade irresponsável, para zombar de toda e qualquer autoridade, trazendo o público para rir junto de si. Quem, como na metáfora do surfe trazida por Deleuze em seu *Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle*, se aproveita da força da onda para, em vez de brigar com ela, surfá-la e fazer das suas piruetas.

No entanto, para continuar usufruindo da prazerosa sensação que surfar lhe proporciona, este surfista precisa selecionar bem suas ondas, evitar os caldos (a fadiga, como diria Jaiminho) e estar num constante exercício (de si) para melhorar sua técnica. Caso contrário, ou será um “boia” (gíria do surfe para alguém que passa horas dentro d’água, só assistindo os outros pegarem as ondas – ou seja, o passivo que os gregos tanto desprezavam) ou corre o risco de ser visto como um “prego”, alguém que mais que surfar mal, tem atitudes e escolhas que colocam os outros em risco.

Não custa relembrar: temperança não é um conceito que possa ser substituído por “moderação”, “prudência”, “comedimento”, e muito menos por “autocensura”. É, isto sim, o que possibilita o humorista continuar a surfar na crista da piada, tendo seus insights e pequenas epifanias humorísticas, de preferência contra as ondas de retrocessos e conservadorismos em geral; é o que o permite experimentar – e continuar experimentando – este estado de fluxo, de absoluto prazer, que surfistas chamam de “flow”.

Este “humorista-surfista” seria, assim, um gozador em sua plenitude, pois desfruta do enorme prazer de, além de gozar da cara de alguém – seja uma pessoa, uma ideia ou uma instituição – gozar do momento. Um humorista de águas e risadas abertas, que não se furta em saudar quem quer que seja com um sonoro “Aloha-ha-ha!”.

Como se viu, o humor não deixa de ser uma ferramenta: seu bom ou mau uso estará sempre sujeito aos caprichos do sujeito que o utiliza. Uma piada pode se prestar a diferentes propósitos: pode tanto ser a ponta de lança que fere mortalmente como o elixir milagroso que pode, por que não, curar, ao transformar, como se algum tipo de alquimia curandeira fosse, dor em riso. Como, por exemplo, o povo judeu, que faz do

humor autodepreciativo uma síntese da resiliência diante das dificuldades e do sofrimento (antes que o outro ria de mim, eu mesmo o faço). Ou, para citar um exemplo mais ordinário (mas que não deixa de ser dramático), as piadas de corno. Rir da própria desgraça pode, se não dar um ponto final à desgraça, ao menos amainar a angústia que ela traz consigo. Como o palhaço, que nos toca justamente por chamar atenção para a precariedade do existir, a nos lembrar que há, no humor, uma dimensão de redenção das misérias humanas.

PIADA A UMA HORA DESSAS? – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ÉTICA DO CUIDADO DE SI COMO PRÁTICA DA LIBERDADE (entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancourt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984) Concórdia Revista Internacional de Filosofia. N 6. Julho-dezembro de 1984, ps. 258-280.

ALMEIDA, Fernando Afonso de. **Linguagem e humor: comicidade em Les Frustrés, de Claire Bretécher**. Niterói: EdUFF, 1999.

ANYSIO, Chico. **Prefácio** in RUI, Jota. **A alegre história do humor no Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 2008.

BERGSON, Henri. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLACK, Bob. **Groucho-marxismo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

CATTANI, Roberto. **Islam e Islamismo**. São Paulo: Claridade, 2008.

CHARBONNIER, Stéphanne. **Carta aos Escroques da Islamofobia que Fazem o Jogo dos Racistas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

DAVIES, Christie. **Ethnic humor around the world: a comparative analysis**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

ELLAM, Jan Val. **O sorriso do mestre**. Limeira: Editora Conhecimento, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 39a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade vol. 2: O uso dos prazeres**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque - 5ª ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente** (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. VIII

- FREUD, Sigmund. **Lembranças encobridoras** (1899). Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. III. p. 333-354
- FREUD, Sigmund. **O mecanismo psíquico do esquecimento** (1898). Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. III. p. 315-326.
- GAY, Roxane. **Algumas piadas são mais engraçadas que outras.** in GAY, Roxane. *Má-feminista: ensaios provocativos de uma ativista desastrosa.* São Paulo: Novo Século, 2016. p.178-182
- HADDAD, Jamil Almansur. **O que é islamismo.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KASCHNER, Pablo. **Chaves de um sucesso.** Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.
- KRIS, Ernst. **Psicanálise da arte.** São Paulo: Brasiliense, sem data.
- LUNARDELLI, Fatimarlei. **Ô psit!** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.
- MARINHO, Flávio. **Besteirol.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos.** São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio.** São Paulo: Unesp, 2003.
- OZ, Amós. **Contra o fanatismo.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- PEREIRA, Ricardo Araújo. **A doença, o sofrimento e a norte entram num bar – uma espécie de manual de escrita humorística.** Lisboa: Edições Tinta da China, 2016.
- POLLOCK, Jonathan. **Qué es el humor?** Buenos Aires: Paidós, 2003.
- POPPER, Karl. **A Sociedade Aberta e seus Inimigos.** São Paulo: Itatiaia, 1974.
- PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso.** São Paulo: Ática, 1992.
- RESTUM, O. **Humor, tô vivo!** Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2006.
- RUI, Jota. **A alegre história do humor no Brasil.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SEQUEIRA, Bemvindo. **Humor, graça e comédia.** Rio de Janeiro: Litteris, 2004.
- SOUSA FILHO, Alípio. **Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística – cartografias de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SPONVILLE, André-Comte. **Pequeno tratado das grandes virtudes.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SWIFT, Jonathan. **Modesta proposta e outros textos satíricos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **Plotino. Um estudo das Enéadas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VANEIGEM, Raoul. **Nada é sagrado, tudo pode ser dito: reflexões sobre a liberdade de expressão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**; tradução de Miguel Serras Pereira. 1ª ed. São Paulo: Boitempo: 2014.

Artigos:

SILVA, Antonio Ozaí da. **Entre o sagrado e o profano: o interdito ao riso**

Artigos na internet e sites:

- [https://ao.melayukini.net/wiki/Jyllands-](https://ao.melayukini.net/wiki/Jyllands-Posten_Muhammad_cartoons_controversy#cite_note-hansen&hundevadt-5)

[Posten_Muhammad_cartoons_controversy#cite_note-hansen&hundevadt-5](#) (ler todo)

- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Polêmica_das_caricaturas_da_Jyllands-](https://pt.wikipedia.org/wiki/Polêmica_das_caricaturas_da_Jyllands-Posten_sobre_Maomé)

[Posten_sobre_Maomé](#)

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_crise_das_caricaturas_de_Maomé

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_do_Charlie_Hebdo

- [www.paulopes.com.br/2015/01/marcinha-de-carnaval-ofende-maome-diz-](http://www.paulopes.com.br/2015/01/marcinha-de-carnaval-ofende-maome-diz-fiel.html#.W9FP0HTPwdu)

[fiel.html#.W9FP0HTPwdu](#)

Anexos:

- [www.dgabc.com.br/\(X\(1\)S\(p3wj dj5lalelv3seilsxzhtk\)\)/Noticia/149885/jornal-](http://www.dgabc.com.br/(X(1)S(p3wj dj5lalelv3seilsxzhtk))/Noticia/149885/jornal-dinamarques-pede-desculpas-aos-muculmanos)

[dinamarques-pede-desculpas-aos-muculmanos](#) - print da página do Jyllands-Posten com as 12 charges